Capitulo

Flusser: uma história dos diabos

Integra dissertação de mestrado

Vilém Flusser: uma história do diabo

Ricardo Mendes

Orientação
Prof. Dr. Martin Grossmann

ECA-USP

2001

O foco deste panorama sobre a presença de Vilém Flusser no Brasil é antes de tudo o personagem, o homem.

Centrado basicamente sobre mais de três dezenas de depoimentos gravados, boa parte deles para a produção de um vídeo sobre os anos 60 – o período brasileiro - era inevitável, como é possível observar nas transcrições integrais disponíveis no cd-rom em anexo, que os depoentes revelassem pouco da obra em primeira instância, mas apresentassem sim as marcas mais profundas gerada pelo homem / personagem Vilém Flusser.

Esta condensação resultou porém num panorama diverso do proposto para o vídeo. Este, em seu roteiro, procura reestabelecer o diálogo entre cada depoimento e os perfis traçados sobre várias dessas pessoas, inclusos em *Bodenlos*[1], a autobiografia filosófica de Flusser; além de comentar a visão da nova cidade e a condição de exílio, do isolamento: *bodenlosigkeit*

O panorama que segue, porém, é marcado pela figura humana. Nada mais. Reúne impressões fortes de companheiros, amigos e intelectuais que apenas 10 anos após a morte do filósofo, professor e articulista, começaram a falar sobre Villém Flusser.

Não foi possível escapar do jogo entre ficção e realidade, que essas histórias revelam, de um transbordante tom kitsch. Nem evitar revelar o esgotamento das relações inter-pessoais, gerador dessas marcas que alimentavam um painel de contrastes e contradições.

Espero apenas, como recomendou o professor Bento Prado, em conversa por telefone em1998, ao comentar o questionário enviado por fax, que tenha conseguido adotar um tratamento *mais fino, não assumindo um campo dual tão agressivo em relação* a Flusser. Afinal não era um jogo entre Palmeiras e Corinthians, usando as palavras de Bento Prado, como os primeiros depoimentos pareciam apontar.

Sobre os depoentes, sugere-se a leitura das transcrições integrais que incluem uma apresentação pessoal, permitindo um melhor entendimento das declarações. A leitura em paralelo do capítulo *Cronologia* seria recomendável para melhor compreensão.

---

[1] Redigida provavelmente no início dos anos 70, nos primeiros anos na Europa, mas editada após sua morte (Bollman, 1992). No texto datilografado, ainda sob o título *Atestado de falta de fundamento*, na página 24, no tópico denominado *A natureza brasileira*, há clara referência ao local e data da redação deste capítulo: França, 1973. Todas as menções nesta dissertação que remetam ao texto datilografado adotarão o título *Bodenlos (Atestado de falta de fundamento)* procurando a facilidade de leitura.

Advertência

Essa condensação de textos, entrevistas e cartas pode em alguns momentos ter extrapolado limites da privacidade de seus autores. Em função deste aspecto, o uso pretendido nesta primeira versão nunca se propôs ir além do âmbito acadêmico.

Flusser: uma história dos diabos

(São Paulo, Capela do Hospital Servidor Público, 04.12.1991)

In memoriam Vilém Flusser

(Oração fúnebre pelo padre Hubert Lepargneur[2] / 04.02.1991)

Prezados presentes, estamos reunidos, com intensa aflição, em torno da memória ainda tão viva de Vilém Flusser, grande pensador e amigo nosso, ao mesmo tempo profundo e paradoxal, provocante no pensar, e muito fiel na amizade sem fronteiras. Um vulgar acidente de trânsito apanhou aquele judeu errante que a Shoah não tinha conseguido eliminar com os seus de Praga, Tchecoslováquia, Alemanha, Europa: fim de complicada viagem que não passa de volta ao ponto inicial, Praga, após demorada permanência nessa terra brasileira que abriga parentes e amigos do peito.

Longe de pretender julgá-lo, sentimos dificuldade em situá-lo: Vilém Flusser faz vacilar nossas categorias. O que é um judeu e o que é um ateu? O que é um cidadão nacional e o que é um apátrida, hóspede do mundo? Que identidade inferir de seu destino? Terá seu destino expresso ou traído sua identidade profunda? Como teria ele prosseguido nesse discurso apaixonado, porque Vilém Flusser era um apaixonado – da vida, da palavra, das palavras e linguagens, das pessoas, do ser humano me parece? Que conclusão teria dado ao discurso imprevisível e fatalmente cortado da existência terrestre? Mas quem nega o Alpha, a divindade, não tem de negar o Omega, a conclusão, qualquer que seja?

Paradoxal e profundo, insólito místico da superficialidade, com perdão da contradição, Vilém Flusser irritava e empolgava. Por vezes nós o acreditávamos aqui e estava ali. Sempre próximo e sempre longínquo; transparente e insondável. Na sua “História do Diabo” e em outros escritos, sugere que tudo não passa de linguagem e que a lei do discurso é a entropia que o vai mergulhar nas águas do silêncio. Como se na noite de seu itinerário, de sua vida, tinha sido muito difícil distinguir Deus e o Diabo, a Palavra que constrói e a palavra que dissolve, a Palavra e o Silêncio.

Em tamanho deserto, será que nenhum absoluto, nenhum valor transcendente, para este agudo observador do detalhe, tenha perspassado, sustentando sete decênios de vida tão cheia? O misticismo cabalístico latente de Flusser, se é que existiu, é um mistério que nos escapa.... (...) Serão valores prometidos ao nada ?

(...)

[2] Além de Lepargneur, capelão do hospital, a cerimônia que contou com a participação do rabino Henry Sobel.

Praga, a cidade

Hitler em Praga

(Depoimento de **Maria Lília Leão** / advogada, produtora de tv / 19.01.1999)

ML - É, isso eu lembro que o Flusser relatou isso numa das reuniões da casa dele para nós, com toda a emotividade dele, de um tcheco - porque o Flusser também era um grande ator, tudo que ele falava, ele punha tanta emoção e relatava as coisas também com um certo rigor e com um certo exagero também, de bom ator. Ele contou isto, que ele tinha 15 anos[3], quando ele assistiu a entrada triunfal do Hitler com as tropas nazistas, os SS em Praga. Ele estava saindo da escola, passou pelo caminho para a casa numa praça, a praça principal da cidade e viu aquela arrumação fantástica, aquelas bandeiras vermelhas, aquela coisa iluminada, o palco, não sei o quê, o agito todo, a orquestra sinfônica e ele: “O que é isto?”. E de repente ele se pôs na multidão, bem perto ali do palanque e ele conta que ele nem sabia quem era o Hitler, ninguém podia imaginar quem era, mas a sensibilidade do Flusser era tão grande de ver as coisas, a realidade, ele tinha um olho diferente. Quando ele viu aquilo ele sentiu calafrios. Por que? Primeiro aquele aparato teatral, fantástico, digno de uma ópera wagneriana: Em plena praça pública aqueles Rolls-Royces, aquela coisa, aquela tropa SS, ele descrevia - todos de 1,85m, numa mesma altura, homens do tipo ariano puríssimo, lindos, jovens, com aquele uniforme da SS que era todo preto, botas de verniz preto até aqui. Olha como eu lembro dos detalhes! Eu nunca vi isso, o Flusser me contou: aqui tinha uma caveira em prata, aqueles botões em prata e o quepe alto também com a caveira que era o símbolo da SS, luvas brancas, marchando com aquele passo de ganso e chegaram no palanque. No palanque então tinha a orquestra sinfônica, imagina, essa orquestra maravilhosa começou a tocar Wagner. E aí que é que acontece? Chega um Rolls-Royce - que está todo já o aparato feito - então o Rolls-Royce, abre-se a porta do Rolls-Royce e um homem baixinho, desse tamanhinho, de capa de chuva, despenteado, com aquele bigodinho, com um cigarrinho aceso e entrou para o palanque escoltado por doze homens lindos da SS. Ele falou: “Aquilo era de um ridículo! - e quem é esse homenzinho?”. E aí o cara chega e aquela multidão fanática: “Heil Hitler! Heil Hitler!” E ele falou: “Olha eu não sabia o que era aquilo, mas eu posso dizer para vocês que eu tive um prenúncio de uma coisa terrível, satânica. E eu pensei mas o que esse homem vai falar deve ser assim a mensagem das mensagens para o século...Eram frases pequenas, curtas, mais slogans. Então ele não tinha pensamento nenhum: “A raça ariana dominará o mundo...” e todo o mundo: “Heil Hitler! Heil Hitler!” E aí: A Alemanha vai se levantar...então era um... quer dizer, não era nada, era tudo teatro.”

O Flusser foi um dos grandes críticos do nacional-socialismo, de todos os tipos de fascismo e nazismo que ele falava de uma forma visceral e tudo que podia ter uma semente de ideologização e de autoritarismo e de falsidade e de manipulação do indivíduo ou do social e

---

[3] A entrada de Hitler em Praga ocorreu em 15.03.1939, quando Vilém Fluser tinha 18 anos, conforme indica (RYBÁR, Ctibor. *Jewish Prague: guide to the monuments.* Czechoslovakia: TV SPEKTRUM, 1991, p.115), sendo recebido por parada de estudantes. Existe confirmação da saída de Flusser de Praga, no mesmo mês, sem precisar dia, em carta de Flusser, datada de 19.02.1985, a Daniela Mrazkova e Vladimir Remes.

do coletivo para ele era taxado tranqüilamente de fascismo e nazismo. Isto é... até pelas cartas dele ele era assim muito claro, ele dizia: “Qualquer coisa neste sentido isto é ideologia e toda ideologia está manchada, tingida de fascismo e de nazismo”. E eu discuti isso muito, porque eu achava isso uma coisa muito radical; eu tive vários diálogos com ele lá na França: “Mas Flusser, você não pode dizer isso, isso é uma coisa pessoal sua, porque você teve todos os dados biográficos, você viu o Hitler, a sua família toda..., mas você não pode dizer que toda a ideologia é fascista, é nazista, é uma forma de nazismo.” Ele me explicou muito bem e hoje eu concordo plenamente com o Flusser porque ideologia para ele o que era? Era um ponto de vista, parcial, abusivo, tendencioso e que não admite outros pontos de vista. Ele dizia: “A filosofia é exatamente o contrário da ideologia. A filosofia é você ter um ponto de vista e buscar outros, tantos quantos ou mais forem possíveis de se pensar a respeito daquele problema, daquela questão. A ideologia não. Ela é...por isso que toda a ideologia leva a um fanatismo, porque é uma visão parcial”. Então, realmente é o nazismo fascismo por excelência, não é? Você manipula os outros através da sua ideologia, porque passa a ser a sua a ideologia de tal grupo, a ideologia de esquerda, a ideologia de direita - “Isso é indigno de um intelectual” - dizia o Flusser.

Gustav Flusser, o pai

(e-mail de **Andreas Stroehl** / organizador dos seminários anuais sobre Vilém Flusser em Praga, após sua morte/ 14.09.1998)

All I know is he was a professor of mathematic (I think not at Charles University but at a Business Academy in Prague, but i am not sure about this). I also think that he was a member of the highly influential “Friday Circle” that used to meet at Cafe Slavia. The centre of this group were Tomas Garrigue Masaryk, president of the Republic of Czechoslovakia, and a philosopher, and the Capek brothers, authors, playwrights and artists. Again, I am not sure wether this is true.

I do not think anybody in Prague really knows about this. Perhaps Milena Slavicka (a publisher) or Jiri Fiala (a professor of mathematics and translator of Flusser into Czech). I do not have their addresses at hand, but I can try to find them out. Edith has them for sure. I also think she knows quite a lot about Vilem´s father. Let me call her right now...

.... ok, I did call her. Here is what she said: He WAS a Prof. of mathematics at CHARLES UNIVERSITY. AT THE SAME TIME, he was the DIRECTOR OF THE DEUTSCHE HANDELSAKADEMI (German Trade Academy). He REALLY was a member of the famous PATECNICI (Friday Club). But only to a certain point. Then he developed some kind of nervous illness or something. Nobody knew anything exactly, everything was very secret and quite mysterious. Anyway, from a certain point on, he refused to go back there or talk about it. Vilem found this mysterious, too, but his father had never told him anything.

That´s what I found out.

(Depoimento de **José Bueno**[4] / advogado, amigo próximo / 14.01.1999)

JB - A família do Flusser era do interior da Tchecoslováquia, de uma pequena cidade da Boêmia, que seria o centro geográfico da Boêmia. E até o Flusser fazia uma brincadeira, o pai dele fazia uma brincadeira muito engraçada, que ele me contou mais de uma vez.

A Boêmia é o centro da Europa. A vila então que a família dele vivia era o centro da Boêmia e tinha uma praça central na qual tinha um lampião. E o pai dele entrava e chegava na praça e ficava olhando o lampião e estava realmente no centro da Boêmia, no centro da Europa e como a Europa é o centro do mundo, no centro do mundo...aquele lampião.

Mas na verdade eles, eu não sei qual seria a profissão do avô do Flusser. Mas era uma profissão humilde, era um homem culto, ele mais de uma vez me disse isso, um homem de vida difícil. O pai do Flusser era considerado um homem de extraordinário talento, era tido e havido como tal, e um matemático ilustre. Foi e além disso era um homem do Partido Socialista. Ele chegou a catedrático da universidade de Carlos, que é uma das mais antiga da Europa, isso aí em Praga, uma universidade antiquíssima. E foi, se não me engano, deputado pelo Partida Socialista. Era um homem de prestígio, um homem conhecido pela sua inteligência e cultura. O Flusser tinha uma irmã, se não me engano mais jovem do que ele, tinha uma irmã. E quando veio a guerra, a visão que..., na guerra ou antes da guerra, na medida em que os alemães foram avançando, a posição dos judeus foi ficando cada vez mais perigosa porque eles não gozavam da simpatia da população tcheca. E naturalmente estavam sendo perseguidos terrivelmente, quando tinha começado a perseguição dos alemães. O pai do Flusser não se convenceu disto. Era um homem seguro de si, um homem inteligente com uma posição muito boa e ele não acreditou que aquilo caminhasse naquele sentido. E quando eles se deram conta, os alemães estavam em Praga. E o pai dele não saiu à tempo. E ficou a família em Praga, sujeita naturalmente ao arbítrio criminoso do nazismo e dos alemães em geral e ao ódio dos tchecos que não os ajudaram. Coisa que o Flusser, por isso, era muito sentido com os tchecos. Os tchecos, de uma certa maneira, tinham interesse na expulsão dos judeus da Tchecoslováquia, da Boêmia.

Praga, a cidade de Kafka

(**CARPEAUX**, Otto Maria. Meus encontros com Kafka. *SR.*, RJ, 1 (3): 49-51, mar.1959.) (p.50):

Descobri a realidade de Kafka em Praga: onde nunca antes estive.

Naqueles anos, eu fiz várias vezes a viagem Berlim-Viena, ida e volta, passando por Praga. Mas nunca antes me ocorrera saltar do trem na Estação Presidente Wilson, situada fora da cidade, que mal vi de longe, as luzes noturnas ou então a névoa fina da madrugada.

Numa madrugada assim – parece que foi em 1930 – assaltou-me a vontade de descer do trem para ver a cidade. Não sei o tcheco, e tinham-me dado o conselho de falar francês, de preferência ao alemão, pois era tensa a atmosfera em Praga: quase todos os dias, choques violentos entre tchecos e alemães. Cheguei no centro da cidade justamente para assistir a um

---

[4] José Bueno de Aguiar (Itatiba, 14.12.1918, São Paulo – 17.08.2001) Falecimentos. *OESP,* 18.08.2001, cidades, p.C-5 (nota)

choque de rua, mas foi de anti-semitas contra judeus, odiados pelos tchecos porque costumavam falar alemão, e odiados pelos alemães porque eram judeus.

(Depoimento de **Herbert Duschenes** / arquiteto, professor universitário / 10.02.1999)

HD - A minha família habitava Praga faz muitos gerações. É uma das cidades judaicas das mais antigas do mundo, que se conserva até hoje. Os membros dessa sociedade falavam alemão e cultivavam as artes, a elegância, uma maneira superior de viver, superior aos pais ... aos agricultores, vamos dizer, e se destacaram logo por um nível considerável, mas numa distancia certa da nação tcheca, da população tcheca. Como Praga era a capital da Tchecoslováquia, mas uma capital de segunda, porque afinal, a capital principal era Viena, a sede do império, até o último imperador Francisco José.

O Império Austro-Húngaro continha os mais diversos países, com as mais diversas línguas, como Polônia, Hungria, Itália, Iugoslávia, etc. mas a dificuldade era de administrar esse país, desde o centro que falava alemão, que (até) os países membros não falavam em geral. Assim era necessário uma certa camada de profissionais que traduziam as idéias do Imperador ou do Centro de Viena em alemão para a língua e costumes locais e regionais. Essa minha família, com outras famílias de igual porte, se incumbiam dessa comunicação entre o Imperador e o povo da região, porque eles falavam dez (idiomas)...era necessário para sobreviver falar as diversas línguas, o comércio internacional, falava a língua do país, mas a língua deles era o alemão. E essa sociedade sobrevivia desse jeito e muito bem, porque era necessário, necessitado pelo Imperador (desses) elementos de ligação.

Em Praga se formava profissionais de ligação, de comunicação entre esses dois pólos. Eram muito bem remunerados, tinham uma posição social muito adequada. O meu pai, porém, que nasceu em Praga, não se dava bem com o que ele achava uma estrutura provincial, já que a sociedade de Praga se subdividiu em alemão e tcheco, eslovaco e húngaro e cada um dessas se subdividiram em judeus e católicos. E cada um desses se subdividia em ricos, médios e pobres. E essas divisões incomodavam o meu pai que chegou a conhecer a Alemanha e que ele achou um campo muito aberto, acima dessas lutas.... bom, chamamos regionais. E assim, ele imigrou de Praga para Hamburgo. Se empregou como adido comercial no Consulado da Monarquia Austro-Húngaro, porém, da parte da Tchecoslováquia.

Eu nasci em 1914, em Hamburgo, e comecei a minha vida com 3 passaportes: o alemão que me foi concedido porque nasci afinal de uma mãe alemã, em Hamburgo; austríaco porque o meu pai trabalhava para o Imperador da Áustria e quando a Áustria perdeu a guerra e a Tchecoslováquia estava entre os vencedores, aí foi a terceira nacionalidade, tchecoslovaca.

Quando os nazistas começaram a perseguir judeus e eu era meio-judeu, eu achei necessário de sair da Alemanha e naturalmente voltei para Praga. Em Praga encontrei uma situação que me era muito estranha, pela qual eu não era preparado; afinal, eu fui criado na grande Alemanha, num colégio internacional, em comunidade de ligações, de comunicações internacionais. Eu fui criado com 4 línguas. Quando voltei para Praga me surpreendeu essas condições de uma sociedade que ainda vivia nos tempos da monarquia da Primeira Guerra Mundial. Quer dizer, eu fugi e fui jogado para o passado que só existia em Praga e um pouco em Budapeste: uma sociedade de alto nível cultural, que adorava as artes, de enorme refinamento tanto de seus modos de vestir e de relações sociais; enfim, eu tinha talvez o privilégio de reviver uma época que não existia mais em outras partes do mundo - eu voltei para a Monarquia de antes da Primeira Guerra. Isso era muito confortável para o lado cultural

e era muito difícil do lado social para mim. Porque esta sociedade de tantas camadas e tão restritas, para mim era uma novidade. Aí fui encontrando os jovens da minha idade e fui apresentado para a mais alta camada intelectual, cultural, econômica, para os filhos dessa sociedade que (havia) gerações se dedicava à comunicação entre as nações locais e o Imperador.

Eram jovens intelectuais de uma herança, de uma educação - só posso dizer -de alto nível em todos os sentidos que muito me atraiu. Entre esses jovens, encontrava-se um jovem, um rapaz um pouco mais moço do que eu, acho que um ou dois anos, de nome Vilém Flusser. Haviam outros, como (Alexandre) Kafka, e outros que depois se distinguiram na vida, em geral, na diplomacia ou na vida acadêmica.

Eu freqüentava o círculo deles, que se reuniam para discussões, para namorar, para dançar, desfrutar da vida social com os melhores assentos na ópera, freqüentando todas as peças de teatro e teve o seu próprio jornal em alemão de alto nível. Quer dizer, uma camada como já não existia mais em outros países. Eu me senti muito bem intelectualmente e me senti muito estranho socialmente. Mas os anos eram bons e aprendi coisas que nunca poderia ter aprendido em outros círculos e em outros tempos. E muito graças a Vilém Flusser. Por sinal, nos namoramos a mesma menina por muito tempo; nenhum de nós ganhava realmente, definitivamente. Ela (é) hoje uma professora de Harvard, em Boston. Só para lhe mostrar o nível desse círculo muito exclusivo e muito vaidoso também, mas eles tinham porque.

Este grupo se desfez por exclusão; pela invasão dos alemães nos territórios dos *sudetos*, na fronteira da Tchecoslováquia e cada um procurava fugir para aonde podiam, não se tendo mais contato um com outro. (Só mais tarde) soube de que um ou outro também tinha chegado no Brasil, mas isso era muitos anos depois. Para minha grande surpresa, Vilém Flusser reencontrei na FAAP, onde ele estava organizando uma novidade, uma Faculdade de Comunicação, algo que ainda não tinha existido.

Era certamente o tempo mais feliz de convivência com Vilém Flusser. O nosso contato não era íntimo. Nosso contato pousava mais na tradição deste grupo privilegiado que agora sobrevive em diversos locais - muitos nos Estados Unidos naturalmente - mas outros também na Austrália, no México, no Uruguai, etc

(Depoimento de **Herbert Duschenes**/ arquiteto, professor universitário / 26.08.1998)[5]

HD - ... este período fascinante do encontro dos progressistas contra a reacionária monarquia, que se deu em Viena, com reflexo em Praga. ...o *art-noveau* , as discussões da imprensa, tudo isso, ainda se refletiam em Praga, apesar de Viena já ter submergido. Então, eu vivi realmente um período interessante e de maior conseqüência: o nascimento da imprensa livre, o socialismo, as discussões sobre Israel e as sociedades judaicas, tudo isso que se passou em Viena ainda existia em Praga, só que não tinha preparo para isso. Aí é que entra o Flusser, que ainda era a nossa vida lá era nababesca, no sentido material, e no sentido intelectual era ainda o reflexo da discussão, em grande escala, do início do século de Viena; quer dizer, a música, o teatro, a imprensa especialmente e tudo o que foi o grande abismo entre a aristocracia fechada contra a sociedade mais ativa. Isso se passava em Budapeste e

[5] Esta identificação foi motivada pelo uso de segmentos de dois depoimentos distintos do professor Duschenes. O mesmo procedimento foi adotado no caso de Maria Líllia Leão, que prestou dois depoimentos ao candidato.

em Praga, não mais em Viena. Então, como eu, nós vivemos um passado, um reflexo do passado que nos forneceu um enorme monte de informações, que agora me deixam entender muito melhor o que está se passando politicamente.

(Depoimento de **Herbert Duschenes**/ arquiteto, professor universitário / 10.02.1999)

HD - ... Praga para mim foi um regresso na história, mas muito proveitosa, porque foi o contato como uma cultura, com gente de um nível tão alto que nunca poderia ter encontrado em outra parte do mundo, naquela época. Para a minha grande educação foi Praga e aí o Flusser colaborou nesse sentido, com as restrições que eu digo: a elite orgulhosa, vaidosa e difícil de deixar entrar outra gente. Eu entrei pela minha namorada que me escolheu, justamente, porque não era da elite de Flusser, com as manias de Flusser; ela me levou. Eu era a grande novidade, não? Ela se decorava com o meu namoro, a grande novidade, alguém de outro partido e ela me levou para conhecer o que era a elite, que ela achava que eu necessitava, o polimento dessa sociedade exclusiva.

(Depoimento de **José Bueno**/ advogado, amigo próximo/ 14.01.1999)

JB - .... há uma situação peculiaríssima do Vilém. O Vilém tinha uma situação peculiaríssima que não era nem... era comum talvez a um grupo de judeus no Império Austro-Húngaro, o que o marcou muito. A situação cultural e social da sua família marcou muito o Vilém até o fim. Ele teve muitas dificuldades de se libertar daquele clima cultural, social e econômico, etc. da sociedade (em) que a família dele viveu muitas gerações. O Império Austro-Húngaro, como é notório, era multinacional e tinha uma organização política semi-feudal, do feudalismo retardatário, já vencido, etc. Dentro desse clima feudal havia a situação de... a administração dividia a população em grupos que pertenciam a religiões diferentes, e que tinha direitos diversos. Eram, vamos dizer, o que se chama em espanhol *fueros*, são os foros em português. Havia um foro especial para o húngaro, havia um foro especial para o austríaco que tinha uma série de privilégios, eles se encarregavam da administração, ele tinha, o trono pertencia sempre a um austríaco, a um de língua alemã. A língua alemã era a língua oficial.

Mas e os foros? Gozavam de *foros* especialíssimos os húngaros porque eram muito poderosos e depois vinham as sucessivas [linhas], vinham os croatas que eram católicos, depois tinham os judeus que tinham *foros*, os judeus de Praga tinham *foros* e não sei se todos os judeus, mas haviam muitos judeus no Império Austro-Húngaro com *foro* especial. Os de Praga, eram na verdade "judeus do imperador"; então eles estavam livres da coerção dos tchecos. Praga era uma cidade que tinha uma porcentagem altíssima de tchecos e que fora a capital do Império até a Batalha de Montanha Branca, em 1640, quando muda a capital para Viena. Essa cidade que tinha, fora bastante alemã foi sendo de novo eslavizada, os tchecos foram aumentando a sua proporção na população. Já no tempo do Flusser, a porcentagem de alemães em Praga era muito pequena, talvez 10 por cento. Os alemães estavam já nas fronteiras da região que depois o nazismo inventou de chamar região dos sudetos - uma invenção nazista - e os tchecos já tinham, quando o Flusser nasceu, a Tchecoslováquia já tinha, o Império Austro-Húngaro já tinha se esfacelado. E os resultados dessa destruição do Império húngaro foi catastrófica porque o imperador mantinha através dos foros de direito uma porção do sistema administrativo etc. Primeiro: mantinha todos em paz, coagia - essa é a expressão própria - a viverem em comum, a viverem em paz, e a colaborarem uns com os

outros; porque na verdade, esse é um mundo mental que nos escapa totalmente: eles se odiavam, inexplicavelmente, os vizinhos se odiavam. Em geral, eram vizinhos gerações de duas famílias - uma era tcheca, outra era alemã - as relações eram sempre tensas, não se casavam entre eles. E se eles em público os tchecos falavam o alemão, em casa eles falavam tcheco. Tinha os eslovacos também que falavam - um grupo étnico ínfimo, tem dois milhões de pessoas, os tchecos tem pouco mais de dez - falavam eslovaco. E então, dentro do império tinha o grupo húngaro que é o mais forte, fora naturalmente excluídos os alemães que conseguiram a partir de 1848 uma, seria uma monarquia... O imperador da Áustria passou a ser também rei da Hungria, eles conseguiram dividir e constituir um parlamento próprio em Budapeste. Mas dentro do Império Austro-Húngaro havia esse clima de convivência, um tanto forçado pela legislação imposta, um pouco imposto pela necessidade, e eles viviam. E viviam em relativa paz. Haviam naturalmente populações muçulmanas também nessa ... [magiar] que é agora, que foram lá martirizados, pisoteados, havia toda essa gente... Em 1918 houve a tentativa - a idéia era muito mais americana até do presidente dos Estados Unidos, do Wilson, de fazer cada povo ter a sua... a cada etnia corresponder a uma nação. O que é rigorosamente impossível, era um sonho só de um americano que estava fora da realidade européia, porque naquela região numa feira de fim de semana chegava a se falar doze línguas! É um clima absurdo, um clima surrealista e eles conviviam! Mas após o Tratado de Versailles, eles procuraram de toda a maneira atender essa particularidade e não atenderam na verdade, aliás, não é muito sabido isso, mas depois do Tratado de Versailles, ainda ficaram fora do seu território, da sua nacionalidade ou fora dos seus países nacionais, cem milhões de pessoas na Europa, o que é um número vertiginoso para a época, é absurdo! Ninguém lembra disso, aliás é uma das razões da 2ª Grande Guerra Mundial.

Bem, a posição dos judeus de Praga era muito peculiar: eles iam vivendo em paz há muito tempo, tranqüilos, trabalhando como todo o mundo. Eles exerciam as mais variadas funções; nem todos eram comerciantes, tinham intelectuais, artesãos, eles viviam....se não viviam vamos dizer amigavelmente, eles conviviam bem com a população. O fato da Tchecoslováquia, os tchecos construírem um país junto com os eslováquios criou uma situação muito difícil para os judeus: para os judeus da Tchevoslováquia, os judeus que viviam na Boêmia, aquela região, porque eles falavam alemão. Então como eles falavam alemão, eles sempre eram de uma certa maneira vistos pelos tchecos como aliados naturais dos alemães, sobretudo porque eles tinham esse estatuto pessoal, os judeus tinham um estatuto e não gozavam... Aí com a formação da nacionalidade, um país, a formação de um país, eles ficaram marginalizados porque no país a língua oficial passou a ser o tcheco. Para azar dos judeus, o anti-semitismo que era praticamente inexistente, muito fraco no Império Austro-Húngaro, após a 1ª Guerra, estendeu-se. (A) crise que avassalou a Europa e as conseqüências dramáticas da 1ª Guerra, ressuscitaram o anti-semitismo, sobretudo na Alemanha, onde havia já um anti-semitismo antigo e que naturalmente espalhou-se, expandiu-se e naturalmente também os tchecos dentro de seu ardor nacional, tiveram movimentos de direita, organizaram milícias, etc. etc. para proteger uma nação que não tinha condições materiais de existência. E os judeus naturalmente eram um estorvo. Com a influência alemã e o nacionalismo alemão, o avanço alemão, a tendência do avanço alemão para leste, os judeus foram sendo também pressionados pelos alemães e então eles ficaram numa situação muito ruim porque eles tinham, eles mantinham em Praga, por exemplo, o grupo de Praga que tinha muita gente próspera, eles mantinham a cultura alemã. Então eles mantinham o Teatro de Comédia Alemão. Todo ano as famílias judias tomavam, subscreviam as cadeiras, os camarotes das temporadas e vinha o Teatro Alemão de Comédia e vinha o Teatro Lírico Alemão, eles mantinham uma Biblioteca Alemã, mantinham um Clube Alemão, nos quais os alemães que não gostavam dos judeus, por falta de oportunidade, também integravam. Então eles eram vistos pelos tchecos como inimigos da cultura, da

independência, etc. E naturalmente conquistar , um judeu conquistar a simpatia de um alemão era praticamente impossível, o anti-semitismo tem raízes antiqüíssimas na Alemanha. Então a posição deles era muito desconfortável.

(...)

Agora, o Flusser nunca conseguiu se libertar - é uma coisa curiosa - de uma pretensa magia e grandeza daquele mundo, que era um mundo perempto. Era um mundo...quer dizer, estava esgotadíssimo, era uma sobrevivência extravagantíssima de um mundo que já tinha se esgotado.

A fuga e a Inglaterra

(Depoimento de **José Bueno**/ advogado, amigo próximo/ 14.01.1999)

JB - Da fuga eu sei o seguinte: o Flusser estava perdido, naturalmente muito jovem, com 18 anos, com esse risco eminentíssimo, com a família já, se não me engano, a família já tinha sido detida. Mas ele tinha uma namorada que era uma mulher muito inteligente, muito interessante, de uma família abastada. E os abastados naturalmente, como é normal, os nazistas mataram os pobres, os ricos saiam todos; quem tinha recursos, ou saía antes com tempo ou comprava-se. Os nazistas, na verdade, vendiam, recebiam resgate. O idealismo nazista é uma ilusão, eles realmente eram muito corruptos. E a Edith, os pais da Edith, o avô da Edith foi um homem poderoso, um homem riquíssimo. O pai dela, também um homem rico, tinha saído na hora e a tempo; estava em Londres com dinheiro e muito bem arrumado, Com eles não aconteceu nada evidentemente, e nem iria acontecer...Mas a Edith gostava muito do Flusser, tinha uma paixão desesperada pelo Flusser. E o Flusser era um meninote de 18 anos, estava no primeiro ano da universidade. E aí teve uma cena... São cenas assim extremamente românticas e emocionantes até. A Edith ficou desesperada. O pai que adorava a filha teve a coragem suficiente de ir a Tchecoslováquia buscar o Flusser, o que não era pouca coisa para atender a filha. E naturalmente o que ele fez? Ele não agüentou: comprou aquela ralé que estava lá nazista, comprou aquela gente, comprou e o Flusser conseguiu dessa forma...ele levou o Flusser até a Holanda, tem uma série...

É uma intriga meio complicada que eu não sei com todos os detalhes, mas eu sei que na hora de sair, na hora da saída, quando o Flusser foi tomar o trem para sair da Alemanha para entrar na Holanda - que ainda não tinha sido invadida - houve uma troca qualquer lá no pessoal, na Gestapo, na corja nazista que estava lá nessa hora e que cuidava disso, e o sujeito, o guarda desconfiou do Flusser e segurou o Flusser logo quando o trem estava saindo. Mas tinha um holandês dentro do trem - os holandeses odiavam os nazistas – , segurou os braços do Flusser. E o policial lá, o Gestapo, seja o que o valha, um vadio qualquer, segurou as pernas e o trem andando...só que o holandês era mais forte e o Flusser safou-se. Aí foram para a Inglaterra e o Flusser corajosamente - isso é verdade - apresentou-se para combater[6], mas o Flusser era muito frágil...tem retratos dele, era um moçoilo, um

[6] (Depoimento de Gabriel Borba / 26.01.1999): "Parece que houve uma passagem em que ele marxista, fugiu de casa, eu acho que com 15, dá para fazer as contas, e foi lutar na Espanha. E foi. O pai mandou buscá-lo de algum modo meio complicado e trouxeram-no de volta meio que na marra. Se fizer os cálculos, eu não sei exatamente que idade ele teria, quando ele teria nascido, mas entre 1935 e 1937, ele talvez tivesse uns 15 anos de idade."

rapaz muito jovem, muito frágil e ele apresentou-se para combater, como combatente. Não aceitaram o Flusser e aí eles conseguiram de alguma maneira tomar um navio e vir para o Brasil o que era muito difícil já, porque já os portos de todas as cidade estavam já, o tráfego marítimo já estava praticamente suspenso. E o Flusser veio num momento em que ainda o Brasil, um ou outro navio chegava, as cidades estavam todas ainda iluminadas, o Brasil ainda não estava em guerra e ele chegou no Rio de Janeiro. Essa é a chegada.

(Depoimento de **Edith Flusser**/ esposa/ 30.11.1998)

EF - (...) Nós chegamos (ao Brasil) em 1940. Agosto de 1940. Depois de uma estadia de mais de um ano na Inglaterra. De Praga nós fomos para a Inglaterra; devíamos... porque tinham bombardeado...

RM - Eles bombardeavam Londres...

EF - E ficávamos no [campo] assim em lugares...

RM - Mais afastados...

EF - Sim, totalmente, bem longe. E lá o meu marido sempre lia muito. Ele se dedicava à leitura, mas era um tempo muito, muito difícil também, porque ouvíamos os aviões alemães sobrevoando em cima das nossas cabeças, voando contra Londres e foi, foi horrível. As minúcias não vou contar.

RM - Me diga uma coisa. Em Londres eu tenho uma notícia que ele freqüentou um curso da Faculdade de Economia. É isso?[7]

EF - Mas pouco tempo, pouco tempo. Ele se dedicou, ele foi porque não sabia o que fazer; tinha que estudar, mas ele estava totalmente (...), [vamos dizer], desnorteado, totalmente desnorteado, porque era um rapaz muito mimado, de uma família que tinha todas as facilidades, os pais muito carinhosos, adoraram o filho e de repente ele estava fora assim. Quer dizer, eu tinha a minha família, ele comia conosco, eu ficava com ele, mas eu também estava totalmente tonta.

RM - Nessa época vocês estavam morando todos juntos?

EF - Não, não, mas eu visitava ele; de dia nós estávamos juntos e em parte, porque ele ia às faculdades e eu aprendia, eu trabalhava num hospital para recém-nascidos, também sem saber nada, mas aprendi. Tínhamos que fazer alguma coisa, então não sabia o quê, estávamos totalmente fora do nosso ambiente, da nossa maneira de viver.

RM - Em Londres não encontraram ninguém de Praga que tivesse vindo na mesma época? Estavam sozinhos mesmo?

EF - Tínhamos, sim, sim. A minha família, eu tinha os pais, tios, tinha a nossa família, a do meu lado, tinha algumas pessoas, duas famílias e meio, mais uma tia e tínhamos outros contatos com pessoas de Praga, mas poucos, poucos. Era um tempo muito...assim, né?

---

[7] (Depoimento de Gabriel Borba / 26.01.1999): "Quer dizer, nessa ocasião era jovem e foi para a Inglaterra, isso ele me contou, era taxativo, ele dizia para muita gente, ele vivia, se sustentava fazendo letra de música pornográfica para ser cantada em cabaré."

RM - E a decisão de vir para o Brasil, porque...

EF - Para o Brasil nós fomos quando começou ... quando Paris caiu; então, nós pensávamos, o meu pai, porque nós éramos muito jovens, sem saber de fato resolver muita coisa. Meu pai resolveu que nós íamos deixar a Europa, porque pensávamos que os alemães iriam invadir a Inglaterra. Isso era quase certo e então nós procuramos um país onde a gente podia ir. Procuramos na Bolívia, em Xangai...em todo lugar. Só o visto, porque eram muito difíceis vistos naquele momento e tinha muita gente fugindo. Então, foi o Brasil o primeiro país que nos deu o visto. E fomos para o Brasil com um navio inglês, que foi também uma viagem muito comprida, porque tinha fuga de submarinos: ele viajava em ziguezague, primeiro acompanhado por navio de guerra, os primeiros dois dias, o segundo dia. Depois esse navio de guerra nos abandonou, nós ficamos lá...era um tempo perigoso, essa viagem. E nós chegamos no Rio e meu marido foi diretamente para São Paulo, sem saber a língua naturalmente; ele quando chegou começou a falar latim.

RM - Essa história é verdade? Eu tinha escutado essa história...

EF - Sim, ele não podia se comunicar, mas aprendemos muito rapidamente, muito rapidamente. Então ele foi para São Paulo porque nos foi dito que em São Paulo era mais fácil encontrar emprego e eu fiquei no Rio até janeiro. E depois ele veio e nós nos casamos em janeiro e fomos para São Paulo.

RM - Ah. Vocês casaram no Rio de Janeiro, então?

EF - Sim. No Rio de Janeiro.

RM - Eu tinha visto, na verdade, uma certidão de casamento lá na FAAP e eu estava estranhando um pouco esse casamento no Rio de Janeiro.[8]

EF - Porque depois os meus pais estiveram no Rio...e a minha, aquelas, a minha família, todos estivemos numa pensão, no Leme. E meu marido veio (?) e nós fomos depois, até pegamos avião, porque naquele tempo não era tão fácil sempre aviões São Paulo-Rio.

RM - Rio-São Paulo...realmente, realmente...

EF - Não tinha. Nós fomos de avião e ficamos, não sei, uns 2, 3 dias num hotel na Avenida São João, era um...depois encontramos um quarto no Jardim Europa e mudamos depois para lá.[9]

RM - Me diga uma coisa: Foi muito chocante a chegada em São Paulo? Porque era uma cidade tão pequena, tão desestruturada, não é?

EF - Também nós fomos, nós chegamos e meu marido...ele já conhecia, ele já estava lá, ele me levou para o Trianon e me mostrou: “Olha, isso é São Paulo”.

Morte do pai

(Depoimento de **Edith Flusser**/ esposa/ 30.11.1998)

RM - Quando o Flusser ficou sabendo que o pai tinha morrido?

---

[8] Veja Anexo 2 - **Cronologia.**

[9] Veja nos dois depoimentos de Maria Lília Leão, transcritos na integra, disponíveis no cd-rom em anexo, uma versão diferente para a chegada e o casamento.

EF - Isso soubemos quando saímos, descemos do navio. Chegamos e tinha lá umas senhoras de uma congregação israelita, porque sempre vinham refugiados.

RM - Que já estavam organizados, então?

EF - Organizados, que não era o nosso caso, porque nós viemos, o meu pai tinha dinheiro e tudo, não éramos assim dependentes da, mas a primeira, eles sabiam que viam, eles sempre sabiam que...

RM - Foram informados, tinham ponto de referência.

EF - Quem veio, quem veio no navio; chegaram para esperar e avisaram que o pai de Vilém tinha sido morto em... A primeira notícia que soubemos.

RM - A mãe dele também morreu na mesma época?

EF - Não, em 1942,com uma filha, com uma irmã.

RM - E a irmã era mais jovem?

EF - Mais jovem, mais jovem uns 10 anos eu acho mais jovem; ela poderia ter se salvado, ela podia ter se salvado, ela poderia ter ido para Israel, tinha uma possibilidade, mas ela quis ficar com a mãe e faleceu com a mãe. E o pai, o pai – também isso foi mais trágico - o pai poderia ter salvo a família porque ele tinha uma, uma...foi chamado para uma universidade de Jerusalém. Ele poderia ter ido, poderia ter ganho a vida lá fora. Ele pensava que poderia ficar em Praga, que não havia perigo e arriscou a ....eu me lembro, o meu pai era, ele via, ele viu as coisas chegarem. O meu pai era bem lúcido e ainda me lembro da reunião dos dois pais. Meu pai, ele, ele, assim pelo ombro, meu pai segurou o meu futuro sogro, sacudia e dizia: "Mas você tem que ir, você tem que ir, você não pode ficar..." E ele ficou em Praga.

RM - Mas é curioso como muitas pessoas deixaram para a última hora, a última hora mesmo.

EF - Sim, mas ele não tinha esse risco de ficar sem dinheiro por...primeiro os avós do Vilém eram gente bem abastecida e tinha algum dinheiro porque faziam negócios com Holanda e tinham dinheiro fora, não tinha risco. E depois ele podia ter ido para a Universidade de Jerusalém e teria ganho dinheiro, a vida, não teria risco de ficar sem dinheiro, que muitos tinham medo, muita gente tinha medo de ficar lá fora sem nada.

RM - E ele já tinha uma ocupação definida. Eu descobri que a sua avó é que tinha uma licença para fabricar cerveja em Praga, é isso?

EF - Não, não, não. Isso era família do lado do meu avô. Eles tinham uma...

RM - É o lado dos Barth, é o lado dos Barth.

EF - Não, não, do outro lado de minha mãe. Ele tinha uma cervejaria da universidade de Praga.

RM - Eu acho muito engraçado isso.

EF - Ele fazia cerveja - não ele mesmo

RM - Eu sei, ele tinha uma licença e passava...

EF - Os irmãos dele, porque ele não era assim também nos negócios; mas os irmãos dele viviam todos lá em Praga e tinham essa cervejaria; era a universidade...[10]

---

[10] O comentário é uma referência à concessão de fabricação de cerveja controlada pela universidade Carlos em Praga.

Chegada e desterro

(FLUSSER, Vilém. ***Bodenlos*** *(Atestado de falta de fundamento)*, texto datilografado, [anos 70] [11], p.13):

> O mesmo céu cobre Praga e São Paulo. Ambas cidades estão pois inseridas no mesmo espaço impregnado pela mesma guerra. Mas em São Paulo separa o espírito de um tempo diferente. A notícia da execução do pai espera o navio nas docas do Rio de Janeiro, e em Praga começam as primeiras deportações maciças. Mas em São Paulo se fazem as primeiras preparações para a futura industrialização nascida dos lucros da guerra. A agonia de Praga coincide com a puberdade de São Paulo: choque de dois tempos.

[11] A versão em português disponível, datilografada, ainda com o título *Atestado de falta de fundamento*, deve datar da primeira metade da década de 1970, na fase de adaptação à Europa. (Veja nota na **Apresentação**)

1940-1960: vinte anos de silêncio

(FLUSSER, Vilém. ***Bodenlos*** *(Atestado de falta de fundamento)*, texto datilografado, [anos 70], p.9):

> ...os dois livros que acompanharam a gente na fuga, (únicos bens materiais), não eram de Nietzche. Era o Fausto de Goethe, (por causa de Mefistófeles, não Fausto), e um livro de preces judeu. O livro de preces, aparentemente foi a mãe já morta que o botou nas mãos da gente, (uma mãe da qual se tinha ignorado toda religiosidade), mas na realidade por razões então e agora ignoradas, o livro de preces, (mas não o Fausto), se perdeu durante a fuga.

O trabalho

(Depoimento de **Mauro Chaves**/ advogado, produtor de teatro / 08.02.1999)

MC - Ele trabalhava. Ele tinha exatamente uma fábrica. Chamava Fábrica de Rádios Astória[12], no Bom Retiro. E ele detestava, ele odiava, ele tinha um sócio que é o que cuidava da parte mais técnica – ele não entendia nada disso aí – e ele cuidava da parte administrativa e financeira. Sempre ia e muitas vezes eu encontrava com ele na cidade, a gente ia, ele ia nos bancos, corria nos bancos para descontar duplicata, coisa que ele odiava. Sempre andava muito bem vestido, de colete, muito assim impecavelmente. Ele fazia aquilo lá, mas a gente sabia que no fundo, era uma coisa que ele fazia para sobrevivência; era uma coisa por pouco tempo, ele já tinha um plano de largar. Ele escrevia, tinha uma capacidade de escrever fantástica, escrevia à máquina diretamente. E todas as leituras - as pessoas acham que ele já veio da Europa e já tinha lido muita coisa - mas grande parte da cultura dele, eu sei, veio daquela coleção *Brittanica Great Books*, que aliás é uma excelente coleção. Ele leu Platão na *Brittanica Great Books*, assim como leu Shakespeare, como leu...quer dizer, muitas pessoas não sabem disso, mas eu lembro que ele tinha um escritório muito pequenininho lá no Jardim Paulistano, Rua Salvador Mendonça, número 76, onde nós íamos nos fins de semana, especialmente no inverno; tinha uma lareira gostosíssima e ele gostava muito de dissertar sobre tudo.

(Depoimento de **Edith Flusser**/ esposa/ 30.11.1998)

RM - Esses primeiros anos, Flusser se dedicava então ao trabalho?

EF - Estudava, estudava sem parar. Lia, lia. Bem, trabalhava de dia, mas de fato não era de trabalhar muito bem porque ele estava sempre com pensamentos, ele sempre pensava...

---

[12] Em carta de Flusser ao rabino Pinkuss em 10.01.1957, em papel timbrado, a empresa aparece sob a denominação IRB – Indústrias Radioeletrônicas do Brasil Ltda. O endereço da indústria é indicado em outra carta de Flusser, de 27.11.1964, ao Leo Baeck Institute, como rua dos Italianos n.292.

RM - Isso que eu imaginava: Como é que vai ficar isolado mantendo essa....

EF - Ele lia muito e de dia... como eu já falei aqui para alguém, ele estava vamos dizer, esperando alguém no escritório, não sei aonde, na rua, alguém, então ele logo começou a pensar, a pensar e depois a pessoa que ele esperou veio e ele já nem sabia do que se tratava. Eu acho que pensavam que ele era um louco! Porque estava longe com os pensamentos dele.

RM - Mas esse tipo de estudo que ele levava então à noite tinha uma certa regularidade assim, tipo...escrevia também? Ou só lia?

EF - Ele lia, lia, só lia. E noites todas e nós já tínhamos, logo tínhamos dois filhos que gritavam de noite, mas ele se concentrava tanto que não se importava, não se importava...

RM - Ele já começou a escrever nesse período? Tem alguma coisa escrita desse período ou não?

EF - Ele escrevia sim...eu não sei se escrevia em Praga já, naquele tempo, logo no começo...eu acho que não tem. Ele fez uma peça de teatro sobre o rei Saul, mas se não me engano ele já tinha escrito em Praga, já em Praga. Mas nada que vocês tenham aqui (no arquivo Flusser), que exista aqui, ele escreveu naquele tempo. Ele lia, lia, estudava.

(Depoimento de **José Bueno**/ advogado, amigo próximo/ 14.01.1999)

RM - (...) o Flusser tem uma história curiosa no Brasil, porque ele passa praticamente de 1940 até 1960 isolado, não é? Ele não tinha nenhum contato com o universo cultural, fechado na...

JB - Não, porque a família da mulher era de comerciantes. O tio também era comerciante e comerciante próspero. Porque veio também um irmão, uma irmã da dona Mitsy, da sogra do Flusser, também veio ao Brasil e trouxeram recursos, eram pessoas prósperas. E naturalmente ficaram fechados entre eles porque eles também não tinham relações. Os judeus aqui, em geral, são de origem muito modestas, são judeus orientais, russos, poloneses, alguns da Europa Central e eles não eram, eles pertenciam a um grupo de judeus ricos, prósperos, educados, moravam em casas magníficas; de modo que o Flusser não tinha muita possibilidade, nem contato com os judeus aqui, que eram todos de origem popular.

RM - Ele não tinha nenhuma vivência religiosa também, aparentemente, não é?

JB - Não, a Edith sempre o manteve, o obrigava a ir nas festas de *Yom Kippur* e coisa e ele detestava. Esta é que é a verdade, o Flusser não tinha nenhuma simpatia maior pelo judaísmo. Como ele era um homem muito inquieto, mais tarde, ele teve momentos de muito... Aproximou-se muito do judaísmo em certos momentos da vida dele, bem mais tardio, já na Europa. Mas enquanto no Brasil eu só o via fazendo restrições, olhando o judaísmo de uma maneira muito crítica e às vezes muita injusta porque não era aquilo; ele realmente é importante, o judaísmo, culturalmente importante e sob um ponto de vista religioso é muito avançado, é uma religião muito avançada, realmente de cunho espiritualista, e coisa.

Ele não via isso, ele via no judaísmo mais uma.., um clube, algo assim, menor, com pouca fé, os homens com pouca formação teológica, os rabinos - o que também não é justo, não é, eu não vejo assim pelo menos. Mas ele via assim. E aqui no Brasil ele não se aproximou. Ele se aproximou muito rapidamente - isto é outra coisa curiosa - de um grupo brasileiro. À medida que ele deixou os negócios do sogro, ele se aproximou, ele foi sucessivamente se envolvendo com brasileiros, com instituições culturais, essa sociedade de filosofia, ele foi sucessivamente se envolvendo com brasileiros e fazendo amigos brasileiros. Isto foi uma

coisa também...e tinha um ou outro brasileiro de origem européia próxima, filhos de europeus...mas o Flusser estava realmente envolvido no mundo brasileiro.

(FLUSSER, Vilém. ***Bodenlos** (Atestado de falta de fundamento)*, texto datilografado, [anos 70], p.14):

...fazer negócios de dia e filosofar de noite. Ambas as coisas com distância, e ambas com nojo. (...)

Filosofia com distância: porque não se filosofava como em Praga visando absorver pensamentos para mudar de vida, mas para brincar com pensamentos. E filosofia com nojo: porque com consciência da indignidade daquilo que se estava fazendo.

Tal jogo duplo entre negócios e filosofia, entre lucros imobiliários e camaras de gás, entre importação e Schopenhauer, entre São Paulo e Praga, só foi possível porque se baseava sobre o jogo mais fundamental do amor e do suicídio: brincava-se sempre com a idéia de matar-se. E o brincar com o suicídio que proporciona a liberdade diabólica do jogo entre os tempos e com os tempos.

Este o clima existencial dos primeiros anos em São Paulo: os fornos nazistas no horizonte, o suicídio pela frente, os negócios de dia, e a filosofia da noite.

(Depoimento de **José Bueno**/ advogado, amigo próximo/ 14.01.1999)

JB - E aí ele passou a trabalhar com o sogro que montou indústria, montou uma série de negócios aqui, representações. Ele trabalhou muitos anos com o sogro e evidentemente o Flusser detestava esse trabalho. Era um trabalho de vendedor, isso era uma coisa completamente alheia à maneira de ser do Flusser e sobretudo cortou a carreira intelectual do Flusser, porque o Flusser parou de estudar muito cedo. Isso naturalmente foi um momento, foram anos muitos, seguramente, anos desagradáveis para o Vilém... porque fora dos seus interesses, fora de sua, obrigado a ser outro, o que ele não era, obrigado a ser outro que ele não era. Até que um dia, não sei, ele conseguiu meios, formas ou maneiras de poder liberar-se disso e fez uma coisa que o Milton Vargas estava com o Vicente Ferreira da Silva, na casa do Vicente, e batem à porta da casa e aparece um jovem, um homem relativamente jovem que diz: “Eu vou me dedicar à carreira, eu vim procurar, eu vim procurá-los porque eu vou me dedicar à carreira intelectual. E eu vou passar a ser, a estudar, etc. etc.". E então com essa [função], e eu não sei porque ele procurou o Vicente. Ele deve ter lido algum texto do Vicente. Essa é a chegada do Flusser no mundo intelectual no Brasil. Ele entrou no mundo intelectual por um ato de vontade.

Alexandre Bloch, o amigo

(Depoimento de **Maria Lília Leão** / advogada, produtora de tv/ 19.01.1999)

ML - ... e o Flusser se influenciou muito com essa fase zen-budista do Alex. E aí uma vez a gente estava almoçando - eu acho que foi até na Europa - o Flusser começou a lembrar essa história, dizendo que uma das personalidades mais ricas e interessantes que ele já tinha conhecido na vida era o Alex Bloch. Ele dizia: "Você não conheceu porque você é uma burra Maria Lília!" ele falava assim - "Você não cultiva amizade com o Alex porque você é uma burra, Maria Lília! O que você ia aprender com o Alex ...sobre a ciência do viver, sobre a ciência do brincar..." então eu: "Ah, me conta alguma coisa, eu acho o Alex tão chato...me fala alguma coisa

RM - O Alex? Chato mesmo?

ML - É, aquele alemaozão, aquele tcheco, falava pouco...

RM - As histórias narradas pela Lúcia (Xandó) são impressionantes.

ML - São impressionantes...de repente ele dava uma, fazia uma frase que não tinha nada a ver com o contexto, mas que tinha...a gente não entendia a personalidade do Alex. E aí ele me fez um resumo da vida do Alex que eu morri de dar risadas. Ele falou: "Olha, por exemplo, você já viu uma pessoa que chegou a ser vendedor de eletrodomésticos de segunda mão? Pois o Alex fez isso. Sabe por que? Não era para ganhar dinheiro. Era para apertar a campainha da casa das pessoas só para ver como que as pessoas vivem." Então ele chegava naquela casa de classe média, daquele bairro não sei o quê, com um ventilador quebrado: "A senhora se interessa em comprar esse ventilador?" Aí ele entrava, tomava um cafezinho...aí ele ia na casa do Morumbi, levava uma outra coisa...é uma pessoa muito engraçada!

RM - Tem histórias ótimas...que o Alex arrumou emprego, o Gabi (Gabriel Borba) me contou histórias que o Alex arranjava empregos que nunca ganhavam nada...nunca ganhava dinheiro; ele arrumou emprego para vender livros. Só que ele ia lá na distribuidora pegava os livros e levava para casa, lia todos os livros e depois devolvia! A história, é demais...

ML - Você vê? Aí a fase zen-budista do Alex o Flusser falou que ele ficou imbecilizado, totalmente imbecilizado.

RM - Ele é muito negativo, ele faz uma crítica severa.

ML - É, porque ele chegou, ele ficava meditando e de repente chegava na casa dele, o Flusser falando, e o Alex estava meditando e falava: "Pare porque eu agora sou um elefante..."

RM - Não acredito!

ML - "Eu sou um elefante e eu vou me comportar como um elefante..." Ficava andando como um elefante, não sei o que...essa minha tromba, e tal...Aí o Flusser falou que levou anos para convencer o Alex que aquilo era uma besteira, aí ele se convenceu e nunca mais ele quis saber de zen-budismo na vida.

RM - Agora, o Alex era aquele duplo totalmente oposto, não é?

ML - Era o duplo do...

RM - Tudo o que ele não conseguiria ser.

ML - É, interessante.

RM - A impressão que eu tenho é assim: o Flusser como uma pessoa que não tem nenhum domínio físico, ou seja, a dona Edith se não tivesse do lado, ele não conseguiria sobreviver, enquanto que o Alex com essas histórias malucas, se atirando pelo mundo, é o lado da aventura que ele não poderia ter.

ML - É, que ele teve, mas no mundo do pensar, entendeu? No mundo do pensamento o Flusser foi um grande aventureiro.

(Depoimento de **Lurdes Xandó** / filha de Niobe Xandó e enteada de Alexandre Bloch / 12.02.1999)

LX - Ele (Bloch) nasceu em agosto de 1914. (...) Em 1939 ele saiu de Praga, após a invasão nazista, tendo passado um tempo em Florença e depois indo para Paris. Pouco antes ou no momento da invasão da França, ele e os pais conseguiram lugar num navio para vir para o Brasil, o que foi muito difícil, as dificuldades para conseguir o visto. Chegaram em 1940, e vieram viver em São Paulo. Na década de 40 ele conheceu a minha mãe, mais para o final da década de 40. E se casaram mais ou menos em 1950 e foram viver no Embu, que nessa época não tinha nada, era um lugarejo, era uma casinha assim à beira de um rio. Logo depois disso ele começou a trabalhar na Livraria Triângulo, como vendedor de livros técnicos. E ele falava diversos idiomas, era muito curioso, então todos os livros que ele oferecia nas indústrias, nas universidades ele já tinha lido. Quando ele chegava nesses lugares, ele passava o dia, ele almoçava, jantava e tinha que voltar no dia seguinte, porque todos queriam sempre conversar com ele. E eram tantos os pedidos que a Livraria Triângulo recebia, que foi criando uma situação muito difícil porque o dono da Livraria foi cortando as comissões que ele tinha, porque era tanto, tanto que vendia que começou a dar problemas com outros vendedores também. E passados alguns anos, ele deixou a Livraria Triângulo quando ele viajou para a Europa com a minha mãe, onde eles ficaram uns 4 anos.

RM - O contato com o Flusser se deu em que ano?

LX - Eu acredito que na década de 50, através de outros tchecos que moravam em São Paulo. E Alexandre freqüentava bastante a casa do Flusser e ele a casa de Alexandre, a da minha mãe. Mas brigavam muito, o Alexandre estava sempre reclamando alguma coisa do Flusser, mas não deixava de visitá-lo e quando Flusser foi morar no exterior, muitas vezes veio a convite da Bienal para conferências, no dia que ele e a Edith chegavam, o Alexandre já os encontrava até no aeroporto. E aí ele só ia para casa para dormir, ele estava o tempo todo junto, nas viagens, nas conferências.

(Depoimento de **Edith Flusser** / esposa / 30.11.1998)

RM - E o contato com o Bloch foi aqui no Brasil?

EF - No Brasil, sim.

RM - Não foi em Praga, então?

EF - Não. Ele era um pouco mais velho que nós e nem sei como ele apareceu. Primeiro eu conheci os pais dele, porque os meus pais conheciam os pais dele e assim de repente surgiu o Bloch, o Alexandre e ele ficou, ele ficou em casa...

RM - E era um grande amigo de vocês?

EF - Não digo amigo, porque no fim se mostrou que não era amigo[13], mas era um companheiro de todas, todas as discussões; muito interessado, muito inteligente e se falava de tudo e ele sempre, o meu marido contava, porque ele tinha lido muito e ele perguntava e respondia. Ele era o lado passivo, o Bloch; o lado ativo era meu marido.

RM - Por outro lado, o Bloch era uma pessoa que fazia de tudo na vida...acho que ele saia para fazer qualquer tipo de...ele era um aventureiro, não era?

EF - Não era uma aventureiro. Era um *lobo da estepe*, você conhece o tal de ...

RM - Sei, sei, sei...

EF - Ele fazia de tudo...o maior problema dele era o tédio.

RM - Então é por isso que ele era tão ativo.

EF - Ele fazia de tudo porque ele sempre tinha tédio. E ele depois, não sei que ano, ele trabalhava naquela Livraria Triângulo, lá naquela passagem

RM - Na Galeria Califórnia, eu conheço como Galeria Califórnia...

EF - É, na Galeria Califórnia, lá ele trabalhava e de lá ele trazia os livros. Ele, como eu disse, ele alimentava o meu marido com os livros; ele sozinho não lia tanto, mas ele trazia os livros e meu marido transmitia a ele, porque ele lia, lia muito rapidamente e muito bem, sabia quase sempre de cor tudo; então, ele depois alimentava o Alexandre Bloch...

(Depoimento de **Alan Meyer** / psicanalista, freqüentador dos primeiros grupos de estudos / 04.02.1999)

AM - Bom, o Bloch para ele era o cara que vivia, que fazia da vida um teatro, ou seja, o cara que vivia múltiplos pontos de vista, que se recusava a viver a vida única. Ele podia ser a pessoa entusiasmada, mística, a Dora contou aqui a história da lata de lulas, né, que quando abriu-se a lata e as lulas pularam, que é uma história fantástica, que até hoje eu não sei se é uma invenção ou se é verdade, mas que aí, o Bloch teria ido, pego uma lula, comido a lula e teria tido: “Entusiasmos”.

Agora, por outro lado, diz que ele foi ser um, digamos, ele foi trabalhar num bordel, ficou de guarda de bordel. Então ele entrava em situações...arrumou uma namorada no Bom Retiro e ele falava hebraico, conhecia a cultura judaica, rezava, começou a fazer tudinho...mas era tudo teatro, aí o pessoal queria que ele casasse. Aí ele disse: “Não, se vocês exigirem que eu case eu ponho a prova em cima da mesa...” e ele era judeu, era judeu, praguense e tudo. Então, o Bloch...isso são histórias que o Flusser me contava e que depois ele escreveu um pouco sobre isso[14]. (...). Mas enfim, o Bloch era uma presença constante, discutia, era uma pessoa inteligente e ele o considerava uma pessoa bastante genial.

---

13 (Depoimento de Luiz Aguiar / advogado e filho de José Bueno / 20.10.98): Alexandre Bloch, que foi muito amigo do Flusser e que no fim da vida desentenderam-se. O Alexandre tinha uma dificuldade muito profunda de entender a simpatia do Flusser pela cultura alemã, eles tinham divergências fortes nesse sentido e no fim da vida estavam até um pouco afastados, um pouco estremecidos....

14 A correspondência de Vilém Flusser com Bloch foi reunida posteriormente na publicação *Briefe an Alex Bloch*, com edição programada para 1997 pela editora European Photography, mas não efetivada.

Formação intelectual

(Depoimento de **Alan Meyer** / psicanalista, freqüentador dos primeiros grupos de estudos / 04.02.1999)

AM - Olha, eu acho que essa questão é preciso ver o seguinte: O Flusser era por assim dizer um *self made man* na filosofia. Ele, todos os cursos que parece que ele começou em Praga mal existiu porque ele já teve que fugir do nazismo. Ele fugiu do nazismo e foi para a Inglaterra. Disse ele que chegou a assistir um curso do Bertrand Russerl, em Cambridge, mas também foi um ano que ele ficou na Inglaterra e aí ele veio para o Brasil. E no Brasil, ele passou a se relacionar onde lhe deram acolhida e começou com Milton Vargas, com Vicente Ferreira da Silva, a Dora Ferreira da Silva, depois o Miguel Reale, mas não foi só, porque ele trabalhava na casa dele. Ele no começo escrevia contos, aliás, as primeiras publicações dele foram contos. Eu me lembro, foram *Billy, the Kid* e *A vaca Khali*. E quem levou ele para *O Estado de S. Paulo* foi o Anatol Rosenfeld que apresentou ele ao Décio de Almeida Prado.

(Depoimento de **Miguel Reale**/ filósofo, jurista, ex-reitor da USP / 05.02.1999)

MI - Não se pode dizer que Flusser tenha sido um autodidata porque ele já tinha atingido um grau de desenvolvimento universitário na sua terra natal, de maneira que a formação universitária ele a teve como base; porém ele se afastou e durante um largo tempo ele foi obrigado a cuidar de tudo, menos de problemas intelectuais. Mas ele manteve sempre fidelidade à linha fundamental de sua existência. Mas ao mesmo tempo que ele cuidava de assuntos de natureza comercial, ele por outro lado, nunca deixou de ser um cultor da filosofia. E aí é que há uma, não se pode usar aí essa expressão de uma autodidata. Foi uma auto-revelação. Eu prefiro colocar a questão nesses termos. Nesta auto-manifestação através daquilo que ele já fazia como recepção, porque ele tinha uma erudição extraordinária. O seu conhecimento sobretudo da filosofia alemã era profunda. Não que ele não apreciasse Hegel, ao contrário, mas ele tinha simpatia e amor mais pelo jovem Hegel do que para o Hegel que dispõe as idéias segundo um processo predeterminado. Porque o que me parece essencial em Flusser é esta sensação de vulcanismo na maneira de pôr os problemas e resolvê-los.

Os primeiros amigos

(Depoimento de **Dora Ferreira** / poetisa, tradutora e amiga próxima / 04.02.1999)

DF - Bem, conheci o Flusser, eu acho que foi no começo da década de 50. Fim da década de 40 e começo de 50.

Mas antes de conhecer o Flusser, quem tinha conhecido o Flusser foi o Vicente (Ferreira da Silva), meu marido. E no IBF (Instituto Brasileiro de Filosofia), que já existia. Estava

começando. E o Vicente me disse: “Olha, hoje eu conheci um casal, Vilém Flusser e Edith Flusser. Eu tenho certeza que você vai gostar muito deles. O Flusser é o Conde Psänek, que você está escrevendo aquele artigo sobre a dupla região da vida e da morte” e o Conde Psänek fazia parte, é um personagem do D. H. Lawrence (do livro *The Ladybird*). E na realidade o Vicente me disse a verdade. Quando o Flusser apontou com a Edith – que eles foram nos visitar uma tarde, eu olhei para o Flusser e disse: É o Conde Psänek.

RM - Você poderia descrever esse personagem para a gente?

DF - Descrever o personagem? Bem, esse personagem, o Conde Psänek, ele é um indivíduo que tem um emblema, que é um anel, com uma *ladybird*, *ladybird*, eu não sei como se traduz, é um inseto estranho, qual é o inseto? Só procurando no dicionário de inglês, *ladybird* (joaninha). Ele tinha esse emblema que era da família dele e ele tinha...Era um homem estranho. Quando baixava o crepúsculo ele começava a cantar e ele tinha uma voz extraordinária que atraía as pessoas. Então ele tinha uma voz, por assim dizer, que tinha o poder de seduzir como uma sereia masculina. Então... e ele, às vezes, dentro do quarto dele, ele começava esse canto estranho. Bem, vocês acreditam que, eu não sei se o Flusser leu o meu conto e depois ele conversando, ele era um homem muito atilado, talvez nas conversas e tudo, um dia o Flusser começa a cantar feito o Conde Psänek. E cantar estranho, claro, ele cantava em tcheco. Mas para mim, tanto fazia o tcheco do Flusser como a língua estranha do Psänek. Mas pondo os pés na realidade, a conversa real com o Flusser não foi muito fácil, porque quando ele entrou com a Edith, a Edith tinha uns olhos cor de mel, uma pessoa extremamente simpática e o Flusser era um pouco mefistofélico. Ele tinha uma barbicha e era um homem até bonito, era calvo, mas tinha os traços assim muito bonitos e os olhos dele eram impressionantes. Depois eu soube que ele tinha um olho de vidro, mas era incrível, ele vitalizou aquele olho, porque ninguém dizia que aquele olho não era um olho vivo. Mas quando eles chegaram em casa, eu tenho a impressão que o Vicente não estava, o Vicente chegou um pouquinho depois da rua. Então eles entraram, eu os fiz sentar e aí o Flusser me inspirou a seguinte pergunta “O senhor acredita em Deus?”....antes de mais nada, quer dizer, não houve aquele que se diz “Eu sou fulano de tal...”, quer dizer, não houve nenhuma apresentação social. Eu achei que ele era um homem que devia ter algumas coisas para contar a cerca de coisas não triviais. Então a minha pergunta, quando eu vi, já tinha... eu realmente se eu tivesse que escolher, eu achei que era um pouco abrupta perguntar para uma pessoa: “O senhor acredita em Deus?” Aí ele disse: “Não me fale nisso...” Aí ele era muito, ele era todo expressivo; então, ele ficou de pé – ele estava sentado, a Edith estava sentada – aí ele fez uma verdadeira dança da repulsa à minha pergunta. Mas depois ele começou a falar só sobre o sagrado. Primeiro ele disse: “Não me fale sobre esse assunto”. Mas eu já sabia que ele tinha escrito a história, antes de eu fazer essa pergunta, ele tinha feito *A História do Demônio,* né?

Os anos 60: momento de inserção

Os primeiros alunos

(***A história do Diabo***. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965, prefácio, p.13-14)

Na segunda fase *(no Brasil)* sofri quatro impactos: O primeiro veio de um grupo de rapazes e môças, representantes do melhor que há na nossa juventude. Os outros três são João Guimarães Rosa, Vicente Ferreira da Silva, e Anatol Rosenfeld.

O grupo de rapazes e môças, amigos da minha filha, se reunia em minha casa para 'discutir', isto é, para procurar uma abertura honesta na situação que nos cerca. Mencionarei os nomes de Mauro Chaves, Celso Lafer, Alan Meyer e J. C. Ismael, por não poder mencionar todos. Cedo perdi a minha suposta superioridade na luta intelectual com êles.

(Depoimento de **Mauro Chaves**/ advogado, produtor de teatro/08.02.1999)

MC - O primeiro contato foi... Eu era muito jovem. O primeiro contato eu tinha por volta de 17 anos, por volta de 1959, 60. Eu era colega da Dinah, a filha do Flusser, colega no Dante Alighieri e eu estava fazendo um livrinho que se chamava *Três Contos Artificiais*, um livrinho, e que eu pedi para a Dinah bater a máquina. E o pai dela descobriu isso aí, ficou meio impressionado, gostou e tal. Convidou para almoçar e a gente começou a se relacionar e o Flusser, realmente, desde o começo me impressionou muito. Ele falava mal o português nessa ocasião, tanto que um dos livros que ele começou a escrever logo depois, que era *A História do Diabo*, acho que o segundo livro que ele publicou em português - o primeiro foi *Língua e Realidade* - ele não fez, ele não escreveu em português realmente. Ele escreveu em alemão, e eu lembro aí que eu tive um contato com ele que se aprofundou mais. Eu fazia, era um trabalho meio doido, eu levava o gravador, duas ou três vezes por semana na casa dele, ele gravava, ele ia lendo, traduzindo o texto que ele já tinha escrito em alemão; ele ia traduzindo meio de um jeito ou de outro em português e o que eu não entendia ele falava um pouco em inglês, ele falava um pouco em francês e tudo o mais...em alemão eu até comecei a ter umas aulas de alemão para entender algumas coisas e a gente foi fazendo essa tradução. Depois ele não aproveitou; ele aproveitou parte desse texto, porque depois ele reescreveu o livro todo em português ou deu à alguém para fazer a tradução. E depois mais no fundo, ele que fez, ele reescreveu o livro. E aí eu fiz um contato bastante próximo com ele, ele virou uma espécie de “guru”. Nós éramos discípulos do Flusser, eu e um grupo de amigos também, colegas do Dante Alighieri e outras pessoas de fora também, conheci muitas pessoas, muito interessantes na casa do Flusser.

(Depoimento de **Maria Lília Leão** / advogada, produtora de tv / 19.01.1999)

ML - O grupo começou a existir a partir do ano de 1960 quando o Mauro começou a escrever *A história do diabo* em português.

RM - Ah, o Mauro me contou essa história.

ML - Ele gravava todos os domingos, ele chegava (com o gravador) *Geloso* dele e o Vilém falava, traduzia literal e o Mauro gravava e depois o Mauro reescrevia em português. Foi o Mauro que levou o Flusser ao *Suplemento Literário* do *Estadão*, o Décio, você sabe disso, não?

(...)

Então a gente ia na casa do Flusser para o Mauro gravar até que ele começou a extrapolar, terminava *A história do diabo* e começava a falar sobre isso, sobre aquilo e aí vinha o Alan (Meyer), vinha o Ismael (J. C. Ismael), vinha a Betty (Mindlin), o Celso Lafer e começaram essas tertúlias aos sábados e domingos e aí a gente falou: "Por que é que você não dá aula para a gente?"

RM - E aí que virou às quartas-feiras?

ML - E aí virou às quartas-feiras, a gente ia lá sistematicamente.

(Depoimento de **Alan Meyer**/ psicanalista, freqüentador dos primeiros grupos de estudos / 04.02.1999)

AM - Olha, o primeiro contato que eu tenho lembrança é provavelmente... foram os anos do científico. Deve ter sido lá pelos anos 1957, 1958 em que eu não tinha um contato direto com o Vilém. Eu era amigo da Dinah, nós éramos colegas no Dante Alighieri, e Celso Lafer, que... A Dinah fazia clássico e era colega de classe do Celso e o Celso era muito meu amigo e a gente tinha um bom relacionamento. E às vezes tinham reuniões, festinhas na casa da Dinah e a gente ia lá, era bailinho, bate papo, etc. E o Flusser era aquele careca, fumando cachimbo, andando de um lado para outro e era uma figura meio surpreendente. Todo mundo assim via ele com uma certa, um certo espanto pela maneira forte com que ele aparecia; um contato meio difícil. Para nós garotos assim, o contato com ele já um intelectual, que a gente veio a conhecer depois, muito cheio de vida, muito imperativo, que se colocava com muita força, que tinha uma expressão forte no rosto. Enfim, tudo isso nos impressionou bastante. E foi esse o nosso primeiro contato. Só depois, quando eu já era aluno de engenharia, que deve ter sido nos anos... - eu entrei em 1959, começou o curso em 1960 - a gente começou um grupo de estudos de filosofia com ele. Eram as reuniões de quarta-feira.

RM - Quais eram os membros desse grupo?

AM - Olha, os membros que eu me lembre agora era o Celso, era o Gabriel Waldiman, era...eu não sei se o José Carlos Ismael já estava naquele início, eu não sei se ele já estava ou se entrou depois; o Mauro Chaves, acho que estava a Marina Tschpiptschin, a Dinah (Flusser), acho que a Dinah também ia, acho que Maria Lília (Leão), Maria Lília também estava lá....enfim, são aqueles que eu estou lembrando agora.

RM - E tinha um programa claro, ou era um pouco...tinha um tema fixo?

AM - Olha, ele....a gravação que você viu, *Gregos I* e *II* é daquela época, mas ele também falava sobre temas, temas específicos. E o tema que para mim me cativou, que teve uma importância muito grande, foi uma apresentação que eu não tenho, mas que se intitulava *Da*

Morte, que depois ele repetiu em vários artigos: a questão da relação do homem com a sua morte.

E eu nunca me esqueço que ele começou citando o [*Mito de Sísifo*], de Camus: “c’est la vie ne vaut pas la peine d’être de [vivre] c’est la seule question philosophique”. "Se as leis de Keppler são verdadeiras, se a Terra gira em torno do Sol, se o Sol gira em torno da Terra, tudo isso é secundário. Primeiro é preciso responder se a vida vale ou não vale a pena de ser vivida."

(Depoimento de **Maria Lília Leão** / advogada, produtora de tv / 19.01.1999)

RM - E esse grupo mais jovem em algum momento esses encontros se formalizaram, ou seja, haviam programas, temas tratados mais...

ML - É, depois houve uma pequena organização, na medida em que era possível organizar uma coisa com o Flusser, de que decidimos que fosse às quartas-feiras e esse grupo de jovens também vieram outras pessoas, inclusive mais velhos e aí ficaram em torno da mesa da sala de jantar do Flusser. E aí ficou tendo um certo horário, e um dia definido. Então, pode-se dizer que isso foi uma coisa mais organizada.

RM - E chegou até que número assim? Começou a atrair mais gente, chegou a ser uma turma grande?

ML - É, digamos que tenha sido umas doze pessoas, entre dez e doze pessoas. E o Flusser é que então escolhia os temas e os autores, muito calcado na sua autobiografia filosófica. Como é que ele foi descobrindo esses autores...então por isso era uma coisa tão vital, tão importante, vibrante mesmo porque era o mestre falando não das coisas livrescas, de leituras apenas. Era uma coisa vivida desde a adolescência do Flusser quando ele descobriu Marx por exemplo...então, coisas assim interessantíssimas; quer dizer, a evolução do Flusser...porque o Flusser também ele sempre foi assim, tudo que ele escrevia também eram coisas que o preocupavam naquele momento. Eu não sei, eu nunca fui aluna do Flusser de faculdade - aqui na FAAP por exemplo ele foi professor - mas eu duvido que ele tenha seguido um programa, entendeu? Era aquela coisa assim do momento porque a fagulha da filosofia para o Flusser é a vivência, se você não vivencia o problema da filosofia vira uma coisa meramente livresca, erudita e acadêmica.

(Depoimento de **Maria Lília Leão** / advogada, produtora de tv / 19.01.1999)

RM - ... (em) relação dos grupos de estudos, eu fico imaginando: existe uma grande influência na formação do Flusser da fenomenologia e do existencialismo. São duas vertentes importantes nos quais talvez o Vicente Ferreira realmente era um, talvez fosse uma fonte de diálogo. Nesses grupos de estudos essas duas correntes eram fontes filosóficas fundamentais ou eram mais amplo o quadro que ele tratava?

ML - Ah, não, era muito mais amplo; não, muito mais amplo. Porque nesses primeiros anos que nós freqüentávamos que eram os anos 60, o Flusser ainda não era conhecido, ele era um ilustre desconhecido. No decorrer dessa nossa convivência que ele começou então a publicar

os seus ensaios no *Suplemento Literário* do *O Estado de S. Paulo*, a publicar os seus primeiros livros, *A História do Diabo* foi o primeiro. Então, aí sim, ele desenvolvia temas já do seu pensamento específico, entende? Porque aí o Flusser também foi se alimentando dessa atividade, porque ele deixou de ser o industrial que era e passou a ser um filósofo, um escritor. Então ele começou realmente a definir as suas linhas filosóficas na área da fenomenologia, basicamente da fenomenologia em tudo, mesmo o existencialismo, mesmo a teoria da linguagem, tudo era à luz da fenomenologia. Isso ele nunca escondeu e isto está muito claro nos livros dele e nos artigos dele. Mas no nosso grupo não; ele não fazia disto um tema preferencial, entende? Era Platão, era [Stoicer], era Heidegger, era Wittgenstein, era tudo o que lhe vinha à cabeça no momento ou que nós o provocávamos, ele estava disposto a ....

IBF – Instituto Brasileiro de Filosofia

(Depoimento de **Maria Olímpia Vassão** / artista plástica e pesquisadora em história da arte / 15.01.1999)

MO - Aos 17 anos (1963), quando eu estudava no Colégio Paes Lemes, eu tinha amigos - Sasha e a Sara. Sasha era um pouco mais velho que a gente, devia ter uns 24, 22 anos e nós tínhamos 17. ...estudávamos no colegial no Colégio Paes Leme e esse rapaz trabalhava na Olivetti. Então ele nos levou para o curso de Filosofia da Língua, do professor Vilém Flusser, na Galeria Califórnia, no Instituto de Filosofia. E esse Instituto[15] funcionava numa galeria aonde havia um grande café, ainda dos anos 50, com máquinas italianas...E era o centro assim cultural, aonde tinham os alfaiates famosos, o Minelli, onde tinha a Casa Vogue, onde estava o MASP no prédio dos Diários Associados, onde tinha o barzinho dos amigos do museu, onde o jornal *O Estado de S. Paulo* - onde o Flusser mais tarde veio a escrever – (era) também...tudo próximo, né? Era o centro da Barão de Itapetininga, da Rua 7 de Abril e dessa galeria Califórnia. A galeria Califórnia tinha uma livraria especializada em livros de arte, fotografia e de língua alemã - a Livraria Triângulo, que existe ainda até hoje.

(Depoimento de **Miguel Reale** / filósofo, jurista, ex-reitor da USP / 05.02.1999)

MI - O Instituto Brasileiro de Filosofia foi fundado em princípios de 1949. (...) O Instituto Brasileiro de Filosofia não é uma academia de filosofia de eleitos, mas ao contrário, constitui uma associação, cuja finalidade primordial foi estabelecer uma ligação entre os pensadores brasileiros dos diferentes estados, porque o que havia era uma situação muito difícil de explicar, porquanto ninguém se conhecia e o pensamento do Nordeste era ignorado no Sul e

---

15 O IBF funcionava então à rua Barão de Itapetininga n.255. Muito provavelmente, o curso mencionado no depoimento, tendo como tema *Filosofia da língua*, foi realizado durante o segundo semestre de 1963, às quarta-feiras, das 18:00-19:00. (conforme: Noticiário cultural/Ciclo de conferências em São Paulo. *Revista do Instituto Brasileiro de Filosofia*, XIII (51): 425, jul/set.1963.)

assim por diante. Por outro lado, o Instituto Brasileiro de Filosofia tinha por finalidade fazer uma indagação, uma pesquisa sobre o espírito filosófico brasileiro ou, se quisermos dizer de uma maneira não pretensiosa, sobre o pensamento brasileiro e suas possibilidades.

Por outro lado, esse é um ponto importante, o Instituto de Filosofia queria que a filosofia deixasse de ser apenas uma disciplina universitária, com alunos chamados para ter lições segundo determinados métodos essenciais e com o estudo natural das fontes do pensamento universal. É claro que sendo eu, como sou, um professor universitário, compreendo a importância fundamental de um estudo dessa natureza. Mas o que nós queríamos era uma compreensão da filosofia como algo de mais criador, que fosse além dos textos, num sentido de uma compreensão mais livre e autônoma da atividade filosófica. E isto foi o que nós realizamos ao longo desse período todo.

(...)

MI[16] - A respeito do Instituto Brasileiro de Filosofia é absolutamente indispensável lembrar que uma das características básicas era ser uma associação sem opção, iniciar por essa ou aquela idéia. Era ao contrário, uma associação aberta a todos as correntes de pensamento, desde os marxistas que formavam também dentro do Instituto até o existencialista mais avançado ou aquele, que ao contrário, tivesse uma posição neo-positivista. O pluralismo filosófico foi da essência do Instituto Brasileiro de Filosofia, o que foi muito importante numa época em que se prenunciava um monismo ou monólogo filosófico altamente perigoso.

(Depoimento de **Milton Vargas** / engenheiro, professor da Escola Politécnica, amigo próximo / 28.01.1999)

MV - Ali pelos anos 50, eu, através de Vicente que era meu amigo, eu me filiei a esse grupo em torno do professor Miguel Reale que formou o Instituto Brasileiro de Filosofia. Neste Instituto Brasileiro de Filosofia nós tínhamos reuniões semanais onde não só se discutiam problemas filosóficos, mas também se ministravam cursos. Eu me lembro que a sede do Instituto Brasileiro de Filosofia naquela época era na rua Barão de Itapetininga e essas aulas eram aulas freqüentadas por todos aqueles que se interessassem por Filosofia, independentemente de qualquer concurso ou apresentação de credenciais. Mas eram dadas por professores especializados nas várias disciplinas de Filosofia.

(...)

Nesse momento é que aparece a figura do Flusser. Vilém Flusser era um homem que tinha uma atividade no Brasil ligada ao seu sogro numa fábrica de instrumentos elétricos. Mas num determinado momento, mais ou menos nessa época[17] do concurso, ele decidiu abandonar toda a sua atividade prática para se dedicar inteiramente aos estudos de ordem filosófica e literária. Eu me lembro que a primeira vez que eu me encontrei com Vilém Flusser foi na casa do Vicente Ferreira da Silva quando nós estávamos reunidos num grupo, o grupo do Instituto Brasileiro de Filosofia. O Luís Washington Vita estava lá, o Heraldo Barbuy estava lá, a

[16] As identificações seguidas sobre os depoentes foram motivadas pela necessidade de indicar que muitas vezes a edição inverteu a ordem dos trechos citados.

[17] Não foi possível precisar a data do concurso, provavelmente posicionada em meados da década de 1950. A decisão de abandonar a atividade na indústria é apontada em vários depoimentos como sendo ao redor de 1958-1959, mas esta informação necessita de verificação.

mulher do Vicente, a Dora Ferreira da Silva estava lá, a sua irmã, a Diva Ferreira da Silva, também, e nós todos estávamos em reuniões - tínhamos reuniões periódicas quase semanais, em que nós discutíamos filosofia ou líamos textos de filosofia. Eu me lembro perfeitamente de que foram numa seqüência de sessões como essa, nós lemos - com os comentários do Vicente - todo o *Ser e o Tempo*, do Heidegger. Um livro difícil mas que foi brilhantemente comentado pelo Vicente Ferreira da Silva.

Numa dessas reuniões então aparece essa figura estranha, naquele tempo estranha, do Flusser, declarando que ele daquele momento em diante iria se dedicar completamente à vida intelectual. E com isto ele foi integrado naquele curso, naqueles seminários do IBF, à princípio como ouvinte. Eu me lembro que eu e ele assistimos o curso completo de Lógica Matemática, de Leônidas Hegenberg. Mais tarde o Flusser começou também a atuar como professor nessas reuniões, nessas sessões filosóficas do IBF, na sua sede, na rua Barão de Itapetininga.

Esta atividade do Flusser em filosofia foi se desenvolvendo e está muito bem documentada numa série de artigos que ele escreveu e que foram publicados na *Revista Brasileira de Filosofia*. Eu creio que o primeiro deles é sobre a língua portuguesa[18]. E essa série de artigos filosóficos do Flusser estavam sendo publicados naquela época paralelamente com artigos dele publicados no *O Estado de S. Paulo* e que não eram exatamente sobre filosofia, mas eram sobre questões de crítica literária, enfim, artigos, todos eles extremamente interessantes em que ele aplicava os princípios filosóficos para descrever questões literárias e artísticas.

(Depoimento de **Miguel Reale** / filósofo, jurista, ex-reitor da USP / 05.02.1999)

MI - ... o IBF foi o seu *locus essendi*; ele passou a ter o seu ser filosófico resolvido no encontro com o Instituto Brasileiro de Filosofia. E a sua passagem pela Universidade de São Paulo foi puramente ocasional, sem ter tido nenhuma influência, a não ser no sentido de ir para (lá) como cultor de filosofia da ciência... porquanto é uma das grandes preocupações de Flusser, uma das grandes preocupações de Flusser, é que a filosofia não se desgarrasse da problemática científica. E, então, representasse ao contrário, uma força de vanguarda; abrir caminho lado a lado com a ciência. Não que ele fizesse confusão entre os dois campos, mas nunca os viu separados. De maneira que, daí a sua capacidade de compreensão atual, moderna da tecnologia, e ver na tecnologia não um instrumento de anti-pensamento, mas ao contrário, de um estímulo para uma nova forma de pensar.

(...)

(....) (nosso projeto) não era absolutamente criar algo contra a universidade - jamais passou pela nossa cabeça uma idéia maluca dessa natureza - mas era potenciar a Filosofia, de tal maneira que ela não ficasse reservada tão somente aos quadros universitários, e pudesse ser cultivada por pessoas que por motivos diversos não tivessem diploma de filósofos, como era o caso típico de Flusser. Digamos assim que o IBF foi constituído de uma certa maneira que ele se adequava, ele se ajustava plenamente ao modo de ser e a forma de vida de Flusser.

---

[18] Da língua portuguesa. *REVISTA BRASILEIRA DE FILOSOFIA*, X (IV/40): 560-566, out/dez.1960

Suplemento Literário (1961-1971)

(Depoimento de **Haroldo de Campos** / poeta e professor universitário / 05.02.1999)

HC - Esse contato ocorreu nos anos 60, dentro de um contexto específico em que aquela altura o órgão mais importante digamos do jornalismo literário brasileiro era o *Suplemento Literário* do *O Estado de S. Paulo*, que era dirigido com muita elegância e muito *savoir-faire* por um intelectual de porte como é o Décio de Almeida Prado, que também era um grande crítico, era e é um grande crítico de teatro[19]. E o Décio de Almeida Prado abriu o *Suplemento* não apenas para as pessoas consagradas, mas para os jovens e inclusive para estrangeiros que estavam radicados no Brasil e começavam - já dominavam o português - e começavam a escrever regularmente em português, sobre temas variados. E os dois intelectuais, assim como no Rio houve o caso do Otto Maria Carpeaux, aqui em São Paulo, dois intelectuais que na altura colaboravam freqüentemente no *O Estado*, eram o Anatol Rosenfeld e o Vilém Flusser.

(Depoimento de **Mauro Chaves**/ advogado, produtor de teatro / 08.02.1999)

MC - ...o primeiro artigo que ele publicou em imprensa, em jornal, foi no Estadão, um artigo chamado *Praga, A cidade de Kafka* [20]e esse artigo foi o seguinte: O Décio de Almeida Prado dirigia, que era o grande crítico Décio de Almeida Prado, que está vivo, que é uma pessoa espetacular, ele dirigia o *Suplemento Literário* de *O Estado de S. Paulo*, que era o melhor suplemento literário que havia no Brasil no momento. Eu lembro que eu tinha dado um conto meu, chamava *Exu: A mensagem negra*, que o Décio gostou muito e publicou. Eu fiz um contato com o Décio e logo no primeiro contato já eu queria vender o Flusser: "Olha,tem... - ele não sabia quem era - tem um sujeito que é um tcheco, ele não fala muito bem português, mas eu acho que ele está escrevendo muito bem e tal...e ele: "Manda um artigo". E ele fez um artigo e esse artigo realmente foi um artigo que deu uma repercussão muito grande, porque era um artigo extremamente bem feito, e aquilo que era a cidade dele, que ele viveu e ele teve também um certo parentesco lá com o (Franz) Kafka[21]...aquilo foi muito importante e a partir daí ele ficou colaborador habitual do jornal durante um bom tempo até que depois lá ele teve uma briga. Era um sujeito que brigava em todas as instituições - ele brigou com o

---

[19] Décio de Almeida Prado (1917-2000)
Atenção: apenas no caso de personalidade falecidas foram indicadas datas de nascimento e morte.

[20] Praga, a cidade de Kafka. *SUPLEMENTO LITERÁRIO,* OESP, 6 (254): 3, 28.10.61.

[21] Não existe registro nesse sentido. Vilém Flusser teria 4 anos de idade quando o escritor Franz Kafka faleceu em 30.06.1924. As menções nos depoimentos relatam desde a presença regular de Kafka na residência dos Flusser em Praga a comentários feitos pelo escritor na casa dos pais que Vilém Flusser teria mencionado em conversa.
É necessário lembrar que um ponto para ampliar esta (des)informação era sua amizade próxima com Kafka – neste caso, Alexandre Kafka, também tcheco, cujo contato inicial ocorreu no Brasil. Alexandre, Herbert Duschenes e Vilém pertencem à mesma geração, viveram e migraram de Praga no mesmo período. Alexandre radicou-se nos anos 70 nos EUA como representante brasileiro no [FMI – Fundo Monetário Internacional].

Estadão e foi para a *Folha*, depois brigou com a *Folha* e saiu - então, o meu contato foi esse de levar a primeira coisa que ele fez, acho que até o segundo artigo também eu levei...ele fez um contato bom com o Décio de Almeida Prado que começou a freqüentar também a casa dele.

O terraço
(Rua Salvador Mendonça)

(FLUSSER, Vilém. ***Bodenlos** (Atestado de falta de fundamento)*, texto datilografado, [anos 70], p.108):

> O terraço é elo orgânico entre jardim subtropical e uma série de salas abertas... O visitante, tendo passado pelo portão sempre aberto e a porta da casa quase sempre aberta, penetra vestíbulo que contrasta com o calor, a pressão e o barulho da rua e no qual o acolhem esboços em aquarela de Flexor. Daí passa para sala cercada de obras da vanguarda brasileira e dominada por chapa de Mira, passa por pequena biblioteca e outra sala coberta de quadros para encontrar-se no terraço, geralmente sem ser visto pelos habitantes da casa .

(Depoimento de **José Bueno**/ advogado, amigo próximo / 14.01.1999)

RM - Como era a dinâmica desses encontros? Não eram encontros sociais, era um sarau...

JB - ... sempre me parece um pouco ocasional, entende? As pessoas apareciam porque queriam aparecer, não eram propriamente convidadas. A Edith, às vezes, servia um chá ou um refresco, ou o Flusser de óculos na testa, às vezes, fazia algumas...estendia-se longamente na última leitura dele, o que era muito agradável porque o Flusser numa certa época da vida ele foi uma máquina de leitura, ele lia como uma máquina, como um autômato e conseguia resumir com muita graça. E como resumos do Flusser tinham um outro detalhe: Como ele era um homem de extraordinária imaginação e de grande talento, conforme eu já lhe disse mais de uma vez, ele lia um livro medíocre e quando ele falava sobre o livro, o livro ficava ótimo, ótimo! E eu, algumas vezes, caí no conto de ler o livro e era uma catástrofe. Eu ia reclamar com ele: "Como você me transformou o livro, aquilo é uma porcaria, não vale nada...." Ele dava, ele extraía do livro... Era uma coisa do Flusser isso, ele enriquecia uma banalidade.

RM - De qualquer forma esses encontros eram informais, não eram palestras?

JB - Ah, não. Muito informais, muito informais. E vez ou outra, um assunto tomava um outro ritmo, uma ou outra direção e o Flusser às vezes falava, às vezes falava... o Flexor[22], que era um homem muito interessante. Dos presentes, o Flexor era um homem dotado de qualidades raríssimas, era um homem, um judeu-russo, que teve formação francesa; ele pertencia talvez àquela parte da Rússia que passou depois da primeira Guerra a pertencer a Romênia. E ele foi para a França e era um homem de fina educação, extraordinário caráter, de grande lucidez e muito culto. Qualquer coisa que se diga do Flexor é pequeno. Ele era realmente uma figura excepcional. Um pintor muito bom, preso a um estilo, a uma maneira de ser, e apesar das

[22] Samson Flexor (1907-1971)

limitações próprias da linha que ele adotou, da época, ele viveu muito tempo na França e tinha essas limitações inevitáveis lá do meio, era uma pintura datada. Mas ele fez uma pintura muito importante aqui em São Paulo, ele pintou a igreja do Perpetuo Socorro, ali no Jardim Paulista, junto ao Iguatemi, que é a igreja mais bem pintada de São Paulo de longe. É admirável a obra que ele fez lá, é muito bonito! Era um homem de muito talento, de muito..., casado com uma mulher encantadora, que era lituana. Lituana não, polonesa! Era uma mulher encantadora e era um homem muito simpático, o Flexor. E às vezes a gente tomava a palavra quando a gente discutia arte - o Flexor era um profundo conhecedor de arte.

(...)

O grupo não era muito grande não, sabe? Em geral pessoas mais maduras e nós, a vantagem da grande era a presença do Flusser sempre.

RM - Mas ele centralizava o papo?

JB - Ele centralizava de certa maneira, mas o Flusser não dominava o ambiente, o que seria desagradável. Todos ali tinham oportunidade de uma maneira ou de outra de se exprimir, de se expressar. As reuniões não tinham nenhum objetivo de conversão ou... missionária, não era essa a finalidade. Era realmente um momento de expansão, de liberdade, de convivência e freqüentemente tinha essa vantagem do Flusser expor as suas leituras, que ele expunha com muita graça. Ele promovia de quando em vez alguns saraus musicais também.

RM - Como eram esses saraus musicais?

JB - Ele tinha um piano e a Edith tinha formação... O Flusser não tinha formação musical, mas a Edith tinha. E ele convidava, então mediante, pagava-se uma importância modestíssima, e tinha-se musicais com piano, violoncelo, violino; também às vezes com canto. O filho, o [Vick], o filho, tinha um filho que tinha uma bela voz e cantava em geral baladas alemãs ou Schumann, Schubert. Era muito agradável. Eu não tenho formação musical, mas era muito agradável. O Flusser tinha uma memória musical excelente. Mas eu tenho a impressão que lhe faltava formação musical, coisa que a mulher tinha. A Edith, de certa maneira ... se obscurecia voluntariamente para dar lugar ao Flusser. Era muito difícil ouvir uma opinião da Edith. Das poucas vezes que eu ouvi ela expressar opinião, era muito sensata, muito oportuna e muito razoável.

(Depoimento de **Maria Lília Leão** / advogada, produtora de tv / 19.01.1999)

RM - Quais eram as pessoas mais marcantes em termos de diálogo, em termos de relação com o Flusser nesse encontro informal filosófico?

ML - Ah, sem dúvida era o Milton, o Milton Vargas foi o grande interlocutor do Flusser no Brasil e o Vicente Ferreira da Silva, embora tenha sido um contato colhido muito precocemente com o acidente, com a morte do Vicente. Mas durante esses anos todos, acho que esses adultos que já eram filósofos, já eram pensadores, que mais tiveram uma influência sobre o Flusser. E a gente ficava muitas vezes lá ouvindo o diálogo e as brigas, as famosas brigas do Flusser com o Milton Vargas e o Vicente Ferreira da Silva.

RM - E eram conflitos fortes assim?

ML - Eu digo conflito, briga porque é impossível você ter um relacionamento com o Flusser sem uma briga. Hoje eu digo que essa briga é uma briga amorosa porque se você não provoca o Flusser, se você não se coloca como pessoa diante do Flusser, não o influencia e não o

estimula, ele não briga com você. Ele é simplesmente uma pessoa fina, formal, mas também não é o Flusser. Então, é um privilégio você dizer: “Eu briguei com o Flusser”, isso é sinal de que ele te considerou um interlocutor.

(FLUSSER, Vilém. ***Bodenlos*** *(Atestado de falta de fundamento)*, texto datilografado, [anos 70], p.111):

> No terraço não havia apenas o núcleo adulto com os jovens orbitando quais planetas, mas havia também cometas periódicos, 'capacidades estrangeiras'. Toda vez que havia congresso, ou Bienal, ou evento internacional deste tipo em São Paulo, alguns dos participantes apareciam no terraço. (...) A função das vacas no terraço era a de serem profanadas. Aprendíamos com elas que o nosso próprio nível cultural nada devia ao deles, apenas nos faltava a glória que os centros de decisão lhes tinham conferido. Não que não nos tenham, alguns entre eles, ensinado alguma coisa. Mas o principal ensinamento era que o terraço era lugar que se sustentava em não importa que contexto. (...) o terraço era o ponto alto da cultura da atualidade.

(Depoimento de **José Bueno**/ advogado, amigo próximo/ 14.01.1999)

JB - Periodicamente o Flusser convidava algumas pessoas para fazerem conferências, algumas de passagem por São Paulo. E às vezes as conferências eram catastróficas porque os conferencistas eram muito ruins...

RM - Mas o senhor se lembra de alguns nomes assim?

JB - Não lembro. Lembro de um inglês, alguma coisa que o valha, que era um... E ele fez uma conferência e a conferência teve um aparte do Flexor, também eu disse qualquer coisa, e o homem, para grande surpresa do Flusser, ficou ofendidíssimo. O homem era um ingênuo, entendeu? Um homem muito ingênuo...porque o Flusser também entrava, embarcava nessas. Como ele era um homem de boa fé, o Flusser, muito sujeito a crise de entusiasmo, às vezes ele pegava uma figura insignificante, trazia e os presentes... Naturalmente o sujeito saia-se muito mal, saía-se muito mal.

(Depoimento de **Ada Schendel** / filha de Mira Schendel / 28.01.1999)

AS - Sabe o que você está me contando, me chama à atenção de uma aspecto: Toda essa geração, Mira, Flusser, quer dizer, têm as culturas (?) formada de uma outra maneira, que é diferente dessa que a gente vê hoje. Ninguém era especializado, ou seja, a troca, está certo, de uma maneira geral, era muito mais ampla. Não se buscava ser um grande conhecedor específico de algo, embora caísse nisso, quer dizer, haviam obviamente tendências maiores, mas eu acho que em geral, a conversa era muito mais ampla. Quer dizer, o leque, os interesses, a busca... veja, havia uma população também muito mais restrita, o acesso, mas o acesso físico das pessoas era complicado, tá certo? Você ia de bonde visitar o Flusser, então, era complicado, significava não sei quantos quilômetros de caminhada, pegar o bonde,

sabe? Isso, quer dizer, era um tempo que...claro, ele não vivia aqui, mas a Mira é por exemplo, um caso típico disso. (...)

...ela dependia da carona do meu pai, que só podia nos horários...quer dizer, então a gente esquece hoje da locomoção, quer dizer, problemas muito simplórios da vida cotidiana que envolviam o tipo de relacionamento que se desenvolvia. Você se tornava, então tinham enormes encontros e... mas muito mais esparsos; a facilidade, o tempo de telefonema não é como a gente que fica horas hoje e assim por diante. Então, com isso, a dinâmica das relações era mais amplo, todos eram muito afoitos por conhecimento. (...)

A intensidade era imensa. Eu me lembro muito assim disso. Quer dizer, não era...ficávamos assim, uma domingueira com o Flusser, ficava assim dias, 2, 3 semanas de negociação, de conversas com terceiros e tal, discutindo aqueles aspectos. Quer dizer, a ressonância de uma conversa era imensa.

(Depoimento de **Dora Ferreira** / poetisa, tradutora e amiga próxima / 04.02.1999)

DF - ... naquele terraço, de vez em quando, era tanta filosofia, tanta metafísica, que a minha cabeça ficava para explodir. Aí tinha um quintal, muito gostoso, eu ia no fundo do quintal, tinha um muro assim, e eu ficava vendo as lagartixas para esfriar a cabeça.

Rotina diária

(Depoimento de **José Bueno** / advogado, amigo próximo/ 14.01.1999)

JB - (...) O Flusser mantinha uma dependência absoluta da Edith. A Edith fazia, cuidava de tudo. Tudo! E fazia mais uma coisa: fazia críticas ao trabalho do Flusser.

RM - Pública?

JB - Não. Particular. Mas o Flusser mesmo me contou, ele levantava sempre com grande energia, o Flusser era inquieto, enérgico, alegre. Ele levantava e ia para a máquina... fazia barba, fazia barba não, que ele não fazia a barba...em todo o caso, fazia a higiene pessoal e ia para a máquina. E logo escrevia um texto, rapidamente e entregava à Edith. A Edith dizia: "Está muito ruim". Ele rasgava e fazia outro. A Edith era a crítica viva do Flusser[23]. Ele tinha, ao lado, essa senhora que dedicava-se integralmente ao Flusser. Flusser não tinha preocupação

---

23 (Depoimento de Edith Flusser / 30.11.98):

EF - Não, não. Não trabalhava com ele. Ele me lia, eu ouvia, eu dizia com muito cuidado as minhas opiniões, mas nunca trabalhava e tinha também medo sempre de dar a minha opinião, porque ele, tudo que eu dizia ele achava certo, se eu disse isso de um artigo, olha isso, aquilo, ele logo reescrevia. Então, eu tinha muito medo de interferir, de falar da minha opinião.

RM - E a reação era muito rápida, né?

EF - Rápida, ele acreditava, ele pensava que eu tinha razão, ele logo...eu era muito prudente de dar opiniões.

de nenhuma natureza. Ela cuidava da economia, cuidava da casa, cuidava dos filhos, cuidava dos amigos, fazia as reuniões.

(Depoimento de **Maria Lília Leão** / advogada, produtora de tv / 19.01.1999)

RM - Qual era a rotina do dia-a-dia? Em termos de escrever, qual era ...

ML - O Flusser quando se dedicou mesmo só a escrever livros e ensaios, enfim, a assumir a sua vida de intelectual, ele tinha uma disciplina férrea. Dizia a dona Edith Flusser que o Flusser começava a escrever às 5 horas da manhã. Isso era religioso para o Flusser. Escrevia às 5 horas da manhã e reescrevia tudo em três línguas. Ele primeiro escrevia em alemão porque - é até aquela piada que, piada não, aquele comentário que virou música até do Caetano Veloso: "Para fazer filosofia você tem que aprender alemão". O Flusser era realmente um adepto disso - "Quem não fala alemão não pensa filosoficamente". Então ele escrevia em alemão, depois ele reescrevia em inglês e depois reescrevia em português. Depois que ele foi para a França aí ele também reescrevia em francês. Curiosamente ele não escrevia em tcheco que era a língua materna. Ele não tinha relação ontológica digamos assim, existencial com o tcheco, que era a língua pátria.

(Carta de **Vilém Flusser** para Mira Schendel, enviada de München / 27.09.1974)

(a) Traduzo sistemáticamente. Escrevo tudo primeiro em alemão, que é a língua que mais pulsa no meu centro. Traduzo depois para o português, que é a língua que mais articula a realidade social na qual me tenho engajado. Depois traduzo para o inglês, que é a língua que mais articula a nossa situação histórica, e que dispõe de maior riqueza de repertório e formas. Finalmente traduzo para a língua na qual quero que o escrito seja publicado. Por exemplo retraduzo para o alemão, ou tento traduzir para o francez, ou reescrevo en inglez. O que procuro é isto: penetrar as estruturas das várias línguas até um núcleo muito geral e despersonalizado, para poder, com tal núcleo pobre, articular a minha liberdade. Não sei se você compreendeu? Creio que em certo momento você trabalhava de maneira semelhante. Lembraste dos fios transparentes: Pois só por tráz das línguas têm mais fios.

(Depoimento de **Maria Lília Leão** / advogada, produtora de tv / 19.01.1999)

RM - Ele era uma pessoa organizada? Tinha biblioteca?

ML - Curiosamente não tinha. A biblioteca do Flusser era interna, nós não sabíamos aonde estavam os livros do Flusser, sabe? Muitas vezes ele ia até à casa do Milton que tinha uma biblioteca fantástica, tem aliás, porque às vezes ele queria fazer consultas. Na casa do Flusser tinham pouquíssimos livros, mesmo na casa dele, em Aix-en-Provence, no sul da França, onde eu o visitei, passei lá uma temporada e tal - era uma casinha muito interessante, bem do estilo provençal: começa com um térreo, depois você constrói mais um cômodo ali e mais um cômodo ali, enfim, tem quatro, cinco andares. Na medida da

necessidade a família da Provence vai construindo quartinhos porque nasceu mais um filho, aqui mais um banheirinho, aqui mais, uma coisa assim, a casa dele era assim. E lá no estúdio dele, lá no último andar, pequenininho, não tinha um livro, não tinha estante, não tinha nada. Era uma coisa franciscana: uma mesinha e a maquinazinha dele bem antiga e montes de papéis - as cartas dos amigos e tal. Era isso o estúdio do Flusser.

Linhas de pensamento

(Carta de **Vilém Flusser** a Paulo Leminsky, enviada de São Paulo / 20.09.1964):

(respondendo sobre as principais influências em sua obra)

d) a pergunta é quase proibitiva. O filósofo que mais me entusiasmou, (se me lembro bem), foi Schopenhauer, o que mais me inquietou foi Wittgenstein, com o qual gostaria de poder concordar foi Kant, e com o qual concordo mais é Camus. Heidegger é sem dúvida, (com Husserl e com Dilthey) aquele que mais gostaria de ultrapassar, e é, neste sentido, o mais importante.

(Depoimento de **Alan Meyer** / psicanalista, freqüentador dos primeiros grupos de estudos / 04.02.1999)

RM - Você citou Camus. A marca do existencialismo era importante em Flusser naquele momento, era importante para esses jovens? Como era o quadro nos anos 60 em São Paulo sob esse aspecto?

AM - Eu acho que era. Era importante. Era importante no Flusser basicamente via Camus, Sartre, mas sobretudo Heidegger, porque ele era um leitor do Heidegger, ele conhecia as coisas publicadas do Heidegger.

RM - Agora você foi um aluno... você se graduou em Filosofia pela USP. O existencialismo nunca foi bem aceito, acho que nem foi estudado dentro do Departamento de Filosofia pela USP, foi?

AM - Foi, Sartre sim, Heidegger não. Heidegger devido ao envolvimento dele com o nazismo foi posto em quarentena. Mais tarde , com a presença do professor Gerard Lebrun, que Gerard Lebrun foi introduzido na filosofia na França através do Jean Bauffret. Jean Bauffret era o heideggeriano de plantão, digamos, em Paris, a quem o Heidegger escreveu a famosa carta sobre o humanismo. E que no fundo era uma resposta a Jean-Paul Sartre. Ele distinguia as posições dele, Heidegger, em relação a Sartre, porque ele era um crítico do humanismo e ele colocava realmente Sartre dentro de uma filosofia metafísica humanística que ele procurava romper. Apesar de que Lebrun tendo sido introduzido, isso o Lebrun falou para mim, de que ele tinha o maior apreço pelo Bauffret, que foi o professor dele, o cara que entusiasmou ele para a filosofia, ele contou que não tinha grandes simpatias por aquilo que ele chamava as "Capelas heideggerianas".

(Depoimento de **Miguel Reale**/ filósofo, jurista, ex-reitor da USP / 05.02.1999)

RM - Embora eu não seja uma pessoa que seja da área de Filosofia, eu tenho a impressão que o Departamento de Filosofia foi muito avesso a alguns estudos como o existencialismo, uma certa fenomenologia.

MI - Sim, infelizmente a sua observação é certa. Nós temos, porém, que situar o problema na época. Nós devemos nos referir à década de 50, quando a filosofia passou a sofrer daquele mal que Raymond Aron focalizou de uma maneira muito perfeita quando disse que o marxismo foi o ópio dos intelectuais. O marxismo é evidentemente uma das grandes forças do pensamento e jamais teria objeção a estudar Karl Marx e além dele. Mas o que se deu, foi infelizmente um fenômeno que inegavelmente, se tem que reconhecer, foi um predomínio, um monopólio da idéia marxista, quase que transformada numa ideologia filosófica, o que não permitia por conseguinte, que houvesse uma cultura maior. É claro que Sartre, no seu existencialismo marxista era bem recebido. Mas talvez mais por ser marxista do que por ser existencialista; talvez, haja um certo exagero, mas eu quero apenas mostrar como às vezes acontece nos institutos de ensino uma carga de orientação num sentido que vem impedir a abertura para uma visão universal como deve ter aquele que tem como destino cultivar a filosofia, tratar de problemas filosóficos.

Aulas na Escola Politécnica – Filosofia da Ciência

(Depoimento de **Milton Vargas** / engenheiro, professor da Escola Politécnica, amigo próximo / 28.01.1999)

MV - Vilém Flusser era um homem que não teve uma formação sistemática nem em Filosofia e nem em Ciência (...)

O que a gente pode sentir em Flusser é alguma coisa muito semelhante ao que a gente sente por Leonardo Da Vinci. Leonardo Da Vinci era um *homo* [*senza* a *lettere*], não sabia latim e portanto não sabendo latim, não tinha nenhum acesso nem à ciência, nem à filosofia do seu tempo. E no entretanto, o que ele escreveu no seus *Scritti literari* são coisas de uma importância fabulosa para uma compreensão filosófica profunda não só do que é a arte, mas também do que é a própria, os próprios conceitos filosóficos básicos sobre a vida.

Flusser tinha esse aspecto semelhante ao de Leonardo da Vinci. Era um *homo* [*senza a lettere*], mas de uma extraordinária inteligência e uma capacidade em analisar assuntos sobre uma perspectiva nova, fascinante mesmo, sobre qualquer assunto.

Foi por causa disto que eu o convidei a me substituir na Escola Politécnica. Não na cadeira técnica de Mecânica de Solos e Fundações, mas numa cadeira que estava sendo dada na Politécnica, porquanto aí por volta de 1963, a Congregação da Escola Politécnica decidiu, por proposta do professor Nilo Amaral e minha, de criar uma série de disciplinas humanísticas. A idéia geral era que nós fizéssemos na Politécnica, no futuro, um Departamento de

Humanidades, o qual viria trazer aos engenheiros uma série de conhecimentos sobre humanidades, sociologia, economia, que os habilitaria a profissões que fossem muito mais amplas do que as da engenharia e que naquele tempo os engenheiros já estavam sendo chamados para exercer, principalmente em cargos políticos. Estes cursos foram iniciados aí logo por 1963 ou 1964, e uma das disciplinas era Filosofia e Evolução das Ciências. Essa disciplina deveria ser dada para todos os alunos da escola, das várias modalidades de engenharia que existem, num total mais ou menos 700 alunos, devia ser dada semanalmente, com aulas obrigatórias.

E eu fui encarregado pela Congregação para dar essas aulas. Durante uns três anos eu dei essas aulas que tinham uma repercussão enorme na nossa escola. As aulas eram, as classes eram lotadíssimas e o interesse pela matéria, pela disciplina era visível e a gente notava nos alunos essa alegria de ter a oportunidade de ouvir qualquer coisa de diferente das várias técnicas da engenharia.

Durante três anos eu dei essas aulas, mas eram realmente muito fatigantes dar as aulas que deveriam ser repetidas semanalmente em turmas de 200 alunos no máximo; e assim mesmo, eram turmas muito grandes, de 200 alunos. De formas que aí mais ou menos por 1967, por aí, eu convidei o Flusser para me substituir. Ele foi aceito pela direção da escola, pela Congregação e foi contratado como professor da Escola Politécnica para dar essas aulas de Filosofia e Evolução da Ciência, o que foi um sucesso. Até hoje vários dos meus colegas da profissão de engenharia lembram a figura do Flusser nessas aulas e insistem de que é uma pena para a escola que essas aulas tiveram que ser interrompidas com a reforma universitária de 1971, pela qual, cada faculdade ou cada unidade da universidade teria, vamos dizer, o monopólio do assunto em que elas versavam. Por exemplo, as Matemáticas da Politécnica devem ser dadas por professores do Instituto de Matemática; a Física, pelos professores de Física. Isto foi estabelecido e portanto essas aulas de Filosofia e Evolução da Ciência deviam ser dadas por professores do Departamento de Filosofia.

De fato, o Flusser foi oficialmente transferido para a Faculdade de Filosofia para se encarregar dessas aulas. Isto, pelo que se diz, suscitou polêmicas na Faculdade de Filosofia, mas resultou numa conveniência de se manter o Flusser nesta posição, como professor da Faculdade de Filosofia, porquanto ele iria dar aulas para alunos de engenharia, em número muito grande, e que não havia muito interesse por parte dos professores de Filosofia de se dedicarem à essas aulas, vamos dizer, de massas enormes de alunos.

(...)

Mas acontece que o Flusser nessa época estava decidido já a se mudar para a Europa. E ele não se apresentou na Faculdade de Filosofia para tomar posse do cargo. Pode-se dizer que ele abandonou; a idéia de que ele não foi aceito na Faculdade de Filosofia não é correta. O correto é que ele não teve interesse em se apresentar pela razão, principal razão que ele já estava decidido a se mudar para a Europa[24].

Com isso, infelizmente, essa disciplina foi extinta. Até hoje na Politécnica se fala, não só entre os alunos, mas também entre os professores, da conveniência de se restabelecer esse curso. Aliás, todas as grandes escolas de Engenharia no mundo tem um Departamento de Humanidades. O caso do MIT é um caso corrente.

---

[24] Esse tópico relativo ao contrato com a USP será ponto reinterado em vários depoimentos, com tons exaltados, em versões diferenciadas. A esse respeito veja nota no anexo 2 – Cronologia, com dados constantes nos processos internos que revelam que antes de qualquer outra motivação externa Flusser não cumpriu o prazo previsto em estatuto para que comprovasse titulação universitária.

(Depoimento de **Ary Plonski** / engenheiro e coordenador do CECAE-USP / 08.02.1999)

AP - ...eu tinha uma atração bastante grande pela matéria, e alguns outros colegas também, e grosso modo, a aula se dividia em duas partes. Era uma aula em que se juntavam duas turmas, a turma da Engenharia Civil que era uma turma grande e a turma da Engenharia Química, que era uma turma pequena, na qual eu era um dos alunos e nós tínhamos aula num espaço da Cidade Universitária popularmente conhecido como "cirquinho"- é um prédio redondo, na Escola Politécnica, no conjunto do Biênio, perto do IPT. Eram uns anfiteatros, bastante escarpados, por assim dizer, quer dizer, com uma declividade bastante grande e no começo da aula o anfiteatro estava cheio e posteriormente, talvez passada talvez meia-hora, 40 minutos da aula, vinha o bedel trazendo a lista de presença. Então, a lista de presença circulava e havia já uma certa cumplicidade tácita entre o Vilém e os alunos, onde passada a lista, então havia um certo tropel, uma parte da classe que talvez era a metade, um pouquinho mais ou pouquinho menos, saindo porque não tinham qualquer interesse, não viam qualquer relevância no uso do seu tempo, permanência na sala de aula. O Vilém não sei o que se passava no seu íntimo, mas ele tranqüilamente deixava...enfim, esse tropel, esse conjunto de pessoas sair e depois a aula continuava durante mais duas horas e tanto, com metade, 40% da classe que tinha realmente um interesse no assunto.

O sistema naquela época era um sistema de anotação que os alunos utilizavam, em que havia um revezamento nas várias disciplinas, onde um aluno, alguns alunos, alunos em revezamento anotavam o que o professor falava, especialmente naquelas disciplinas, naquelas matérias que não tinha um livro texto. Era o caso claramente da matéria do Flusser e essas anotações elas eram passadas para um sistema de estêncil à álcool, ou seja, se fazia uma anotação, essa anotação era passada à limpo no estêncil à álcool e era reproduzida e era vendida a custo de cobrir o material para os demais colegas. Era uma espécie de uma cooperativa, onde cada um colocava o seu tempo anotando e transcrevendo, passando à limpo e reproduzindo e comprando material, enfim, era o sistema cooperativo que funcionava. Então, o Jacques Lerner que era aluno da Civil, meu amigo aliás e eu fomos os paneleiros da disciplina do Flusser. Talvez um pouco pelo, enfim, especial interesse que eu tinha, então, em vez de anotar diretamente, eu trazia um gravador, gravador da marca *Geloso*, gravador de rolo, mas um rolo pequeno, que na época era, enfim, o gravador popular, por assim dizer, que era o que eu podia ter, e gravava as aulas, de modo que a transcrição era bastante fiel às aulas, digamos, a forma pela qual ele dava aulas.

(Depoimento de **Roberto Keppler** / artista plástico, engenheiro / 15.01.1999)

RK - Isso, eu fiquei sabendo muito tempo depois. Quer dizer, esses assuntos eram uma coisa muito particular minha. Eu estudava artes plásticas e meio ovelha negra da família e tal. Meu irmão[25] era químico, formado na Poli e tal. Então um dia, por acaso, eu comentei com ele isso e ele me disse: “Olha, eu já tive aula com esse cara. Inclusive foi muito engraçado porque era uma aula muito interessante, etc. e tal. Então uma vez nós estávamos meio de saco cheio, querendo provocar ele e tal e então nós fizemos uma piada - ele não tinha

---

[25] Alfredo Keppler.

chegado ainda - e nós escrevemos na aula lá - “Schopenhauer, o inventor do chopp”. Ele entrou, viu aquilo lá, deu uma risada, apagou e deu aula em cima. E foi uma coisa...”. O que tinha mesmo era uma contestação dele, porque ele era meio arrogante, porque ele falava várias línguas, etc. e tal. E um dos colegas do meu irmão falava tupi-guarani e então: “Ah, você sabe falar tupi-guarani? Ah, então provoca ele lá. Fala com ele lá em tupi-guarani”. Então muito bem, então ele fez um, terminou uma aula, uma explanação e perguntou para a classe “Alguma dúvida?” era bem típico dele no final da aula perguntar se alguém tinha alguma dúvida, se queria algum esclarecimento. Aí esse colega levantou o braço e perguntou para ele em tupi-guarani. Ele ouviu aquilo atentamente e olhou a classe - ele tinha um olhar assim, ele abaixava o rosto assim e fulminava todo o mundo com um olhar assim e ele via, ele percebeu que tinha uma armadilha preparada para ele. Mas ele não teve dúvida: Ele olhou bem para o cara e respondeu em tupi-guarani assim. Aí a classe toda ficou quieta, se tocaram e não fizeram mais perguntas desse tipo com ele.

FAAP – Faculdade de Comunicação

(Depoimento de **Rubens Fernandes Junior** / ex-aluno de Flusser, diretor da Faculdade de Comunicação – FAAP / 20.01.1999)

RF - É, a primeira turma formada pela escola e nós temos uma placa alusiva a isso, é exatamente, chama “Turma Vilém Flusser - 1971”, que é a primeira turma que entrou em 1967. Então por aí a gente vê a importância, quer dizer, uma escola recém criada e a primeira turma já leva o nome de um professor da casa, e por aí a gente vê a importância do discurso e da sua persuasão intelectual de seu discurso junto aos alunos.

(Depoimento de **Herbert Duschenes**/ arquiteto, professor universitário / 26.08.1998)

HD - Alguém me falou do Flusser, de Guilherme Flusser. E eu: Quem sabe é o Flusser...e aí nos encontramos lá, na Faculdade, reconhecemos um ao outro imediatamente e ele estava num momento de estruturar a faculdade de Comunicação que não existia ainda. E enquanto esse processo demorava, ele se ligou a mim e como eu lhe disse, nós demos aulas em três: o sociológo Braga, de Campinas; eu, como historiador de arte e ele como representante da Comunicação. Quer dizer, eu passava um filme com a minha explicação, que ele chamava de fenomenologia e aí entrava o Flusser com o ponto de vista dele, que depois era debatido com o sociólogo. Quer dizer, um grandioso negócio, fabuloso; 3, 4 horas, numa tarde, uma classe de 30 pessoas, nós três olhando um filme como partida de um assunto de três aspectos diferentes. E nós entrávamos em choque, natural, mas foi um ano de... o maior prazer que tive na minha carreira de lecionar.

(Depoimento de **Otávio Donasci** / artista plástico, ex-aluno de Flusser na FAAP / 27.01.1999)

OD - Então, quando apareceu o Flusser como um professor, apareceu realmente como uma pessoa absolutamente estranha, uma pessoa meio louca, meio maluca, que se deslocava violentamente pela sala, como se fosse um *performer*, com cachimbo, com posturas, com citações em várias línguas. E eu me lembro que toda a classe encarava ele como uma pessoa meio maluca, menos as pessoas que começaram a freqüentar um pouco as aulas

porque ele tinha um peso muito grande como conceitos. Essas pessoas que freqüentavam silenciosamente o fundo da sala, além da nossa classe, foi que eu comecei a prestar um pouco mais de atenção, porque era muito difícil, o modo como ele dava aula era um modo extremamente avançado. Primeiro que ele dava a aula em linha reta, com um grau de cultura que eu nunca tinha visto aqui, nem um professor aqui que eu tinha tido nem no passado, nem depois dele. E o modo como ele fazia citações, ele citava sempre no original, fosse grego, alemão, árabe, japonês, inglês, tanto fosse citações filosóficas, quanto citações do tipo filosóficas, quanto citações do tipo teóricas e, lógico, ele partia de um princípio absurdo: que nós entendíamos pelo menos 8 línguas. Ninguém entendia absolutamente nada, então as aulas durante um bom tempo, elas ficavam sendo aula de grego, você não entendia nada e aí eu comecei a ver que o pessoal gravava as aulas e eu comecei a gravar também. A princípio porque eu queria levar para casa e ouvir de novo, duas ou três vezes para poder entender o que é que ele queria colocar. Eu sentia que ele partia de um princípio que a nossa cultura era muito maior do que realmente era. A cultura de uma pessoa que vinha para a FAAP, em termos Humanas, era muito baixo, a nossa cultura não era muito forte. E eu tinha vindo de um colégio muito forte. E mesmo assim eu não conseguia acompanhar as aulas dele.

RM - Agora, mas esse procedimento não afastava as pessoas?

OD - Afastava. As pessoas tinham a tendência a não, a achar que ele era um maluco, mas a aula dele era performática. E era tão instigante quanto você encontrar uma pessoa realmente nova. Quem gostava do novo e não entendia, ficava tentando entender. Esse era um grupo; agora, tinha aquele grupo que ia para o fundo e marcava a presença só.

Senhoras ricas: cursos livres

(Carta de **Vilém Flusser** para Celso Lafer, enviada de [São Paulo] / 14.03.1966)

Por razões econômicas, (e não eróticas), vou prostituir-me, viz: vou dar cursos a senhoras ricas que já se encheram de chá e simpatia. Sic transit gloria mundi. Mas, já que estou no latim: non olet.[26]

(Depoimento de **José Bueno**/ advogado, amigo próximo/ 14.01.1999)

JB - ...ele vivia mais de dar aulas. Ele tinha, ele montou no fundo da casa, uma pequena sala de aulas, onde ele recebia senhoras da sociedade. Em geral, ele precisava viver de alguma maneira, e essas senhoras... E ele fazia conferências. Eu assisti à uma ou outra, com grande prazer, porque eram muito engenhosas, o Flusser tinha muita graça. As senhoras, evidentemente, ficavam fascinadas com o brilho intelectual do Flusser, sem entender aquilo. Eu tenho a impressão que aí ninguém entendia o que o Flusser estava a dizer, ninguém alcançava, viu? Eram senhoras bem educadas, muito bem vestidas, algumas muito bonitas e todas em geral de boa situação econômica e social de São Paulo. Assistiam aquilo, mas, e pagavam um X para o Flusser, ajudavam o Flusser a viver e o Flusser vivia bastante modestamente.

---

26 A segunda expressão em latim, menos conhecida, significa, segundo a edição on-line da Encyclopaedia Brittanica <http://www.brittanica.com>, [o dinheiro] não cheira. Trata-se de uma referência a um episódio atribuído ao imperador romano Vespasiano que quando questionado sobre tributo relativo ao uso de banheiros públicos argumentou: *Pecunia non olet.*

RM - Mas ele deveria estar bem inserido, já tinha coluna no *Estadão*, escrevia...

JB - Tinha, já estava inserido mas ele vivia modestamente porque... e depois ele herdou, o sogro morreu, a sogra, ele foi herdando coisa, mas o Flusser, ele não tinha muitas fontes de renda. Então ele vivia uma vida modesta, com dignidade, independência e a Edith cuidava de tudo. Eu assisti a uma ou outra aula no meio dessas senhoras, muito poucas, que eram muito bem dadas.

Coluna *Posto Zero* (1972)

(Depoimento de **Maria Lília Leão** / advogada, produtora de tv / 19.01.1999)

ML - ...depois de alguns anos, é que Flusser começou também a publicar na *Folha de São Paulo*. E lá tem um caso inédito, fantástico, que ele manteve por vários anos uma coluna que chamava-se *Posto Zero*, que ele escrevia sobre fenomenologia do cotidiano brasileiro. Então lá ele fez - era livre - sobre qualquer coisa que estivesse acontecendo no Brasil. E qualquer coisa assim da cultura brasileira e da personalidade do brasileiro, da alma brasileira, o Flusser escrevia um artigo. Isso é fantástico, porque fazer filosofia em jornal, no Brasil, e era extremamente lido, extremamente lido. Uma vez eu estava, encontrei com o Flusser na cidade, e nós paramos assim numa esquina, que tinha um semáforo, e [parou] um táxi. “Ah, vamos tomar esse táxi”. Tomamos esse táxi e pela nossa conversa, eu falando “Flusser, o seu artigo tal e coisa, na sua coluna *Posto Zero* e tal...”, o chofer de táxi, uma coisa altamente extraordinária, lia freqüentemente o Flusser! - “Ah, você que é aquele homem que escreve sobre todas essas coisas, que às vezes até escreve sobre essa nossa mania de colecionar miniaturas de uísques, de garrafinhas...até disso o senhor escreve...”, aí toda uma análise... “Eu também coleciono essas coisas, garrafinhas e tal. Pois eu leio sempre a sua coluna *Posto Zero*”. Quer dizer, um chofer de táxi, uma coisa comovente...

RM - O que eu acho relevante na *Posto Zero* é que ela é uma coluna diária, diferentemente do *Suplemento*.

ML - Era diária, também era diária.

RM - E um outro aspecto no caso da *Folha de São Paulo*, era no caderno *Ilustrada*, no caderno mais genérico do que o *Suplemento Literário*, que era um grande caderno cultural da cidade.

ML - Exatamente. Era na *Ilustrada* e tem um detalhe interessante que eu escutei do próprio Cláudio Abramo, que era o diretor da *Folha* ou da *Ilustrada*, se eu não me engano, e que a coluna *Posto Zero* eram duas lingüetas fininhas da segunda página da *Ilustrada*, aonde tinha o caderno do Tavares de Miranda, que era a coluna social. Então como choviam muitas cartas lá falando só da *Posto Zero* e etc. e nada sobre a coluna social do Tavares de Miranda, houve ali um problema de ciumeira muito grande, a ponto do Tavares de Miranda ir à sala do Cláudio Abramo tirar o Flusser: “Não, eu não permito que ele tenha mais sucesso que a minha coluna...então você coloca para outra coluna...”. E aí foi o começo do fim, entende? Não só do Flusser não ter mais espaço na *Folha*, mas também a sua incomoda situação política no Brasil. Isso é que acelerou também o Flusser a abandonar o Brasil e ir para a Europa.

(Depoimento de **Maria Lília Leão** / advogada, produtora de tv / 05.09.1998)

ML - E aí o Cláudio Abramo, que era o editor, que também não era lá de muitas boas graças com o Flusser por causa de problemas com ideologia - ele era esquerda - ele então foi consultado pela Diretoria para tirar o Vilém Flusser daquela seção, entendeu? E o Cláudio Abramo falou que gostaria de saber por que? Qual é a razão, se estava fazendo tanto sucesso, tem várias cartas aqui e não sei o quê e tal, eu queria saber...Aí não sei o que é que falaram lá e ele descobriu que foi o Tavares de Miranda que tinha pedido através de um poderoso general, entendeu? Para que...que ele estava sendo prejudicado na *Folha*. Ah, prá quê! O Cláudio Abramo quando soube disso, ele enfrentou os diretores lá, dizendo: "Agora é que eu não tiro mesmo...e se me derem liberdade, eu tiro o Tavares de Miranda e coloco a *Folha* inteira para o senhor Vilém Flusser..." Foi bonito esse negócio...

RM - Quem é que falou isso?

ML - Não, não, foi uma pessoa na *Folha* que me contou isso, que a postura do Cláudio foi maravilhosa, porque ele pôs até o emprego dele, entendeu? Quase que ele foi mandado embora da *Folha*. Ele defendeu a coluna do Flusser. Bonito isso, muito digno. Isto o Flusser nunca ficou sabendo disso, nunca...porque ele entrava na *Folha* e o Cláudio Abramo não cumprimentava o Flusser, entendeu? Problema dele e Miguel Reale, eu a esquerda, então: somos inimigos. Mas a dignidade do Cláudio Abramo. Eu falei: "Puxa, que pena, eu ficar sabendo disso logo depois da morte do Flusser, porque eu teria muita vontade que o Flusser soubesse disso. Ele iria ser capaz até de escrever uma carta para o Cláudio Abramo relatando isso, porque a coisa que comovia o Flusser era o gesto de amizade, dignidade e coragem[27].

---

27 (Depoimento de Mauro Chaves / advogado, produtor de teatro / 08.02.1999): Bem, o Cláudio Abramo chamou o Flusser e falou - ele (Flusser) me contou no outro dia essa história, foi de morrer de rir." Olha, ontem o Claudio Abramo me chamou e falou assim: O senhor Vilém Flusser, este país é uma merda, este jornal é uma merda e eu sou uma merda, por isso o senhor está demitido..." Assim, entendeu? Porque - dizia ele, que eu não acredito - diz que foi pressão do Tavares de Miranda. Eu não acredito muito nisso não, eu acho que ele achou que era. O Tavares de Miranda sempre foi um cara muito correto, ele sempre foi, eu conheci ele, acho que não foi...ah, o pessoal achou sei lá, o jornal, quem trabalha muito tempo em jornal sabe: o sujeito resolve porque resolve - Ah, vamos tirar aqui, porque espaço, pá, pá, pá, cansou, encheu o saco, então ele tirou, acabou. Então não foi briga propriamente. Agora briga, sim...o Nilo Scalzo que era o caso, que até meu colega, eu gosto muito, ele não publicou um artigo dele, um digamos, às vezes, você não publica um artigo...e o Flusser não é um cara de engolir essa. Você publica toda semana e não manda um artigo, ele fala: "Eu não vou publicar mais nessa porcaria de jornal, porque"...porque não publicou uma vez o artigo dele...quer dizer, ele é desse tipo, a briga é essa. O nível de tolerância dele era muito pequeno, então essa foi a briga, mas não chegou a ser coisa maior, não.

Anatol Rosenfeld: reflexo borrado

(FLUSSER, Vilém. ***A história do Diabo***. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965, prefácio, p.13-14)

A importância que Anatol Rosenfeld[28] tem para mim não é, infelizmente, recíproca, porque não consegui conquistá-lo. Esta é, com efeito, uma das minhas derrotas mais amargas. Para mim, (embora talvez isto seja uma projeção que faço sobre ele), ele representa a honestidade do intelecto humildemente fechado sobre si mesmo. Representa portanto para o mim o modelo do crítico, e é em função e em temor desse tipo de crítica que escrevo. Embora saiba que a limitação deliberada que este intelecto se impõe a si mesmo não pode abranger todo o terreno no qual vagueio, admito que a sua crítica é pertinente, porque desvenda a soberba e a tristeza. É portanto em constante luta contra essa limitação deliberada que escrevo.

(Depoimento de **Haroldo de Campos** / poeta e professor universitário / 05.02.1999)

HC - Nesse congresso[29] tivemos um contato muito interessante com Anatol, muito fecundo, ele era um homem muito voltado para as artes, muito, especificamente para teatro, mas também muito interessado em poesia, em poesia de vanguarda. Era um homem (com) formação filosófica, ele tinha sido aluno de Nicolai Hartmann, tinha saído da Alemanha num momento em que ele sentiu a eminente perseguição de judeus pelos nazistas. Aqui no Brasil ele desempenhou (ocupações) simples: café, colheita de café, caixeiro viajante, até que dominando a língua, começou a ter uma vida de...aquilo que os europeus chamam de o escritor livre: Ele não queria pertencer a nenhum organismo universitário, então ele fazia conferências, dava aulas a grupos de pessoas e a única entidade assim na qual eu sei que ele deu aulas regulares foi na Escola de Arte Dramática, que naquela altura não era da USP, era uma entidade meio privada, aonde se formava atores, que era o campo de interesse dele, que era dirigido pelo Alfredo Mesquita.

(...)

Então eu lhe digo, o Anatol - eu já escrevi isso num livro que foi editado em homenagem ao Anatol - ele era um par, ele representaria aqui *mutatis mutandis*, uma espécie de Walter Benjamin. Quer dizer, um homem de formação de esquerda, não era um marxista de preceito, era um homem de formação de esquerda que tinha muitos interesses pela fenomenologia, profundo interesse pela arte, pelo teatro, pela poesia, um conhecedor assim profundo também do romantismo alemão, foi uma das primeiras pessoas que escreveu sobre o romantismo alemão aqui. Eu me lembro dele ter me convidado e eu ter colaborado com ele

---

[28] Anatol Rosenfeld (1912-1973) surge nos vários depoimentos como contraponto a Flusser pelos mais diversos aspectos desde o perfil de migrante – judeu, de formação alemã, refugiado de guerra – ao papel como educador, articulista e teórico.

[29] (Do mesmo depoimento): Eu me recordo que eu conheci pessoalmente o Anatol Rosenfeld em 1962, se eu bem me recordo - 61 ou 62, 61 - por ocasião de um congresso de literatura importante, o *Congresso Nacional de Literatura e Crítica Literária*, de Crítica não, o *Congresso Nacional de Crítica Literária* que teve lugar na Faculdade de Assis, secretariado pelo poeta português Jorge de Sena.

em mais de uma apresentação no Instituto Goethe de poemas, seja de Hoelderlin, seja de Brecht, em diferentes ocasiões, enquanto que o Flusser já me parecia um intelectual de matiz heideggeriana, voltado um pouco para, um pouco demasiadamente para uma questão que para mim não estava muito clara de religiosidade - aliás título de um dos livros dele, um livro de ensaio - e muito ligado a um pensamento que eu chamaria de direita ilustrada aqui no Brasil, em São Paulo especificamente, no qual ele identificava, sobretudo na figura do Vicente Ferreira da Silva - que era um heideggeriano assim expresso, manifesto - a maior contribuição brasileira à filosofia do Ocidente. Ele diz isso assim textualmente num ensaio sobre o Vicente Ferreira da Silva, nesse livro *Da religiosidade*[30], embora ele aponte que havia alguns problemas nessa filosofia e às vezes mesmo, daria margem para pessoas ingênuas ou mal intencionadas a encontrarem ali sementes de idéias que eventualmente poderiam indicar para o fascismo. Isso ele diz também textualmente, mas sempre assinalando que para pessoas ingênuas e para pessoas de má fé. Mas de qualquer maneira, ele estava ligado...as ligações dele, de um modo geral, eram com esta área cultural, de timbre heideggeriano, representando não a direita truculenta, uma direita ilustrada, uma direita capaz de dialogar, enfim, cultivada, enquanto que já o Anatol era inclinado à maneira benjaminiana, sem ter um matiz definitivamente marxista, mas para uma posição de quem incluía no seu pensamento Marx como um autor importante, ao lado de outros tantos.

Tese e antítese

(Depoimento de **Gabriel Waldiman** / advogado, participante do primeiro grupo de estudos / 29.01.1999)

GW - Veja, os dois eram ... quer dizer, opostos, dialeticamente falando, tese e antítese. Eles brigavam continuamente, aparentemente se detestavam, mas um não vivia sem o outro. Um fertilizava o pensamento do outro. E eram totalmente diferentes. Como eu disse, o Anatol estava perfeitamente enquadrado na escola USP, estruturalista, com tendências marxistas, assim por diante. O Vilém era... para caracterizar o pensamento de Vilém ele sempre citava Nietzsche, a famosa frase de Nietzsche, que dizia assim: (...) "É preferível a poesia à verdade". Era um poeta, a USP tinha razão: era um poeta da Filosofia. Mas de uma originalidade incrível...essa é que era a diferença do Flusser...

(...)

RM - O senhor acompanhou os cursos do Anatol?

GW - Acompanhei sim.

RM - Quando isso?

GW - Olha, eu não me lembro os anos exatamente, deve ser 1965, 1966, por aí. Mas acontece que as aulas do Anatol eram de um rigor, de uma precisão intelectual, de uma honestidade de pensamento que refletia exatamente o filósofo que estava enquadrando, totalmente.

RM - E essas aulas do Anatol o senhor acompanhou aonde? Era um tipo de, tinha uma periodicidade?

GW - Na casa do Jacob Guinsburg, dava aulas e não me lembro aonde mais.

RM - Eram cursos curtos?

---

30 Editado pela Comissão Estadual de Cultura, em 1967.

GW - Não, não, de semanas de duração. Se ele, por exemplo, enfocava Kant, ele esmiuçava Kant até os últimos detalhes. Isso naturalmente não se pode fazer em dois dias. O Vilém dizia do Anatol que era um homem que jamais teve um pensamento original...E o Anatol dizia do Vilém que era um falsário do pensamento intelectual. Você entende? *O Moedeiro falso*, usando o título do André Gide

RM - A impressão que eu tenho, visto de longe, que essas figuras eram dois ícones paralelos dos anos 60.

GW - Pode-se dizer que eles eram sim.

RM - Eles tinham, eles tinham, eles eram tão conhecidos assim na área cultural? Ou eram figuras muito isoladas naquele momento?

GW - Você tem que entender uma coisa: nesse tempo a filosofia, o pensamento filosófico e dialético, digamos assim, ideológico, era a cachaça da juventude que hoje seria, digamos, a informática. Hoje, todos os jovens estão absolutamente apaixonados pela informática e todas as suas variantes. Naquele tempo não existia isso. Naquele tempo o que existia era o pensamento filosófico. Quer dizer, toda a classe média, filhos de burgueses e assim por diante, que podiam ter acesso a livros, ao estudo, estavam apaixonadamente ligados à ideologia, marxismo, não marxismo e tudo o mais e através disso, naturalmente a Filosofia, porque aí é um passo. Então era uma época que toda a juventude era influenciada pelo pensamento filosófico e era muito polarizado. Portanto, a figura do Vilém e a figura do Anatol tem que ser vistas dentro dessa perspectiva. Tinha muita gente interessada, muita gente que queria assistir as aulas, muita gente discutia princípios de Filosofia e de pensamentos, portanto era uma época muito fértil.

RM - E não haviam outros cursos de Filosofia universitários. A PUC ainda não tinha iniciado curso de Filosofia. Basicamente era a USP que era um....

GW - A USP era o lugar forte, mas a PUC tinha que eu me lembro, o professor Van Acker e vários outros que eu me lembro ensinavam lá; portanto, tinha filosofia mas eu nunca freqüentei.

(Depoimento de **Alan Meyer** / psicanalista, freqüentador dos primeiros grupos de estudos / 04.02.1999)

AM - É. O Flusser via no Anatol um sólido camponês alemão.

RM - O que significa essa metáfora?

AM - Ele era uma pessoa sólida. Era uma pessoa comedida, era uma pessoa contida e era um estudioso meticuloso, que tinha uma grande fidelidade ao texto, aquela leitura cuidadosa. Não era dado a esses vôos que o Flusser... O Flusser não, o Flusser passava por cima. Se você traz essa questão da USP, você precisa lembrar que na USP nessa época, fora o marxismo e a questão da esquerda, a situação política que sei lá, que o Brasil estava, o Flusser era um cara ambíguo politicamente, ele não se definia. Ele se dizia, ele diz que foi do Partido Comunista na juventude e tudo isso e obviamente não era um homem de direita porque o nazismo acabou com a família dele. Quer dizer, são experiências muito fortes, mas ele tinha uma ambivalência. E o ambiente da filosofia naquela época, fora o aspecto marxista, se você pegasse antes da grande briga na Maria Antônia, acho que foi em 1969, julho de 1969 se não me engano, você tinha os hinos socialistas, *Bandera rossa*, a Internacional Socialista tocando e nas várias salas você tinha um curso sobre o jovem Marx, um texto sobre o *18 Brumário*, um curso sobre Rosa Luxemburgo, outro sobre Walter Benjamin, outro sobre Gramsci, o

Hegel, quer dizer, era o universo. E depois teve a influência muito forte do estruturalismo, não só através do Lévi-Strauss que já, que enfim, está na origem da própria USP; na lingüística o Saussure, mas na leitura dos textos filosóficos, *Descartes et l'ordre de raison,* de Guerraux, o livro sobre Aristóteles do Aubencque. Então eram novas leituras desses filósofos.

Eu me lembro que quando eu entrei na filosofia - eu entrei na filosofia quando eu acabei engenharia em 1965 - 1966 eu comecei o curso. No curso sobre Aristóteles na USP, a gente não podia usar comentador; a gente tinha que fazer só a partir de análise de texto. Eu escrevi, aliás, na época um trabalho de 60 páginas sobre a noção de causalidade em Aristóteles. E a gente sabe que em todo manual se diz a causa formal, material, final e eficiente. Agora, vai encontrar isso em Aristóteles. Você não encontra em nenhum texto as 4 causas. Ele diz que vai falar das 4 causas, ele fala de uma, depois você vai encontrar em outro texto, um outro... Obrigava um *close reading*, essa leitura fundamentada exclusivamente no autor. Então havia essa idéia da precisão do texto. Bom, esse espírito era o oposto do Flusser, que o Flusser usava a filosofia para, digamos, pensar os problemas que ele estava achando interessante. Então ele dizia que ele era filósofo e aqueles não eram os filósofos, eles eram os estudiosos da filosofia ou faziam história da filosofia, mas filósofo é aquele que pega os problemas e lida com eles diretamente. Então, a relação dele com os filósofos era, digamos, mais solta. Não passava por essa exigência ou por esse super ego, digamos, da precisão do texto. Daí que era muito comum dizer que o Flusser era um chutador, essa era uma expressão habitual a se referir ao Flusser.

(Depoimento de **Mauro Chaves** / advogado, produtor de teatro / 08.02.1999)

MC - Eu freqüentava vários cursos do Anatol, freqüentava e tinha também uma relação de amizade muito grande. E o Anatol era o professor, sabe? Era um homem preocupado com a didática, em ensinar a pessoa. O Flusser não tinha muito essa preocupação, o Flusser não gostava muito...o Flusser era assim: Era como se ele permitisse que a gente participasse da reflexão dele. O discípulo para o Flusser não era alguém que ele queria formar, que ele queria aperfeiçoar. Não, não era isso. Ele refletia junto e muitas vezes, a gente via que era sincero - ele se sentia profundamente influenciado até por uma pessoa muito jovem, que passava para ele uma certa idéia que, de repente, desvendava alguma coisa que ele estivesse pesquisando, estivesse refletindo. Então, a relação que eu tinha com o Flusser era bem diferente, por exemplo, com o Anatol. O Anatol de um certo modo, era mais importante no sentido de me desenvolver, porque ele lia um texto meu e ele vinha, dizia o que ele achava, via o que podia aperfeiçoar. O Flusser não. Ou ele gostava ou detestava de cara; ele já dava uma risada, já digamos, esculhambava, a pessoa ficava inibida. Ou então ele adorava, ele achava aquilo fantástico, você... Ele tinha essa coisa de ou se engajar imediatamente numa idéia ou desprezá-la; ele não era assim um homem que tivesse a paciência intelectual de um professor como Anatol Rosenfeld.

(...)

... (Anatol) era a pessoa digamos, à altura dele, a única que tinha realmente um diálogo, tanto pela formação, pela língua alemã, pela origem judaica, enfim, ele tinha uma... o mesmo campo de preocupação, a mesma idade...quer dizer, ele dizia que o Anatol era um poço e ele era a fonte. Eu achava isso muito interessante, ele realmente jorrava o tempo todo, o pensamento do Flusser era um pensamento original, original! Estava na origem. O Anatol que teve uma influência, incomparavelmente maior, quer dizer, o Flusser não teve influência

propriamente na *intelligenzia* brasileira; o Anatol teve enorme. Teve influência no teatro, teve... Por quê? O Anatol, primeiro por esse critério do "guru" e do discípulo, quer dizer, o Anatol se preocupava em formar as pessoas, ajudava por exemplo numa coisa que eu tinha escrito, uma peça de teatro, um conto para o Anatol, ele lia duas ou três vezes: olha eu não tenho ainda, eu acho, eu ainda vou ler a quarta, sabe? Ele tinha aquele critério. Flusser não. Era na hora - gostava ou não gostava e tal. Essa é uma coisa. A segunda coisa, eu acho o seguinte: O Anatol conseguiu se integrar na realidade brasileira muito mais que o Flusser. Eu estava até dizendo para você ainda há pouco, o Flusser nunca gostou de uma batucada, nunca gostou de um samba; o Anatol pelo menos se empenhava em gostar, entendeu? Ele se preocupava com os movimentos de teatro, com os movimentos culturais brasileiros; então, ele se integrou muito bem na sociedade, na *intelligenza* brasileira e era mais prestigiado evidentemente do que o Flusser, muito mais. O Flusser sentia até um pouco isso. Houve um certo momento, que ele sentia eu acho essa rejeição, que era recíproca também, porque ele tinha um solene desprezo pela maioria dos intelectuais da época.

(Depoimento de **José Bueno** / advogado, amigo próximo / 14.01.1999)

JB - O Anatol foi um homem que conviveu com ele, seria uma espécie da *bête-noire* do Flusser, porque o Anatol era o método e alguns dos participantes lá do círculo do Flusser, tinham estudado com o Anatol, tinham freqüentado curso do Anatol. Eu sabia dos cursos do Anatol como muito produtivos e muito organizados, o Anatol seguramente era muito competente. O Flusser era o contrário - o Flusser não tinha método nenhum. O que não o desusava.

Close reading, fenomenologia, citações

(Depoimento de **José Arthur Giannotti** / filósofo e professor universitário / 02.03.1999)

RM - Como era vista a coluna? Eu imagino o Flusser como um ensaísta filosófico na imprensa diária. Essa figura não existia na imprensa local, além do Flusser? Tinha algum outro articulista com essa mesma presença e com regularidade assim?

JG - Não. Hoje você diria que é filosófica, nós naquele tempo, diríamos que era muito mais o *lítero-pensante*, não é isso? Porque para nós a Filosofia passava por uma disciplina do texto e, sobretudo, o que foi muito importante para a nossa geração, passava pela alienação num pensamento alheio, isto é, nós precisávamos perder a virgindade. A nossa virgindade significava de tal forma ver o mundo, ou da perspectiva de Aristóteles, ou da perspectiva de Kant ou de Husserl, que não permitia esse narcisismo que é fazer com que todas as coisas pudessem ser refletidas pelo meu olhar.

(Depoimento de **Milton Vargas** / engenheiro, professor da Escola Politécnica, amigo próximo / 28.01.1999)

MV - (...) Ele era muito imaginoso. O Flusser tinha uma maneira de raciocinar muito diferente da minha. Ele nunca partia dos fatos. Ele partia de uma determinada opinião prévia, de onde ele tomava de uma forma intuitiva, formava uma determinada opinião e depois ele forçava os fatos a confirmarem essas opiniões.

Era uma maneira de raciocinar muito instigante, muito estimulante para conversa e discussão e tudo isso, mas que tinha esse defeito de que ela podia não ser concorde com os fatos. Ela podia ser muito brilhante, muito imaginativa, mas podia não ser concorde com os fatos. Eu creio que um dos pontos, que a gente pode ver isso, nesse seu livro sobre a *Fenomenologia* do *Subdesenvolvimento*[31] é no que se refere à natureza brasileira. Quer dizer, eu tenho a impressão de que Flusser parte primeiro, ele tem a idéia de que o brasileiro é alheio à sua natureza, e que a natureza brasileira é pobre, e depois ele força os fatos para defender a sua tese.

RM - Mas esse método não invalidaria a obra dele como um todo, então?

(...)

MV - Não, eu creio que o principal valor da obra do Flusser é estar na sua posição imaginosa; é... A imaginação do Flusser é portentosa e ela é instigante, ela é fecundadora de novas idéias. Não é um homem que fez, vamos dizer, com os pés na terra, preso a fatos positivos, mas é mais um homem que tem um poder de imaginação enorme. Esse poder de imaginação é fascinante numa discussão, principalmente uma discussão filosófica..

RM - Mas o senhor não acha plausível talvez, então, interpretar o procedimento do Flusser não como um pré-julgamento a um pré-conceito, mas como uma tentativa de apresentar modelos, pô-los em choque com os fatos, um choque absurdo para tentar criar um modelo novo, adequado? Talvez não fosse essa a estratégia: ao invés de caracterizá-la apenas como uma visão pré-julgada em detrimentos dos fatos? Talvez a estratégia não fosse realmente discutir o modelo, por mais absurdo que fosse, e aí botá-lo em choque com os dados para criar um modelo superior que pudesse se adequar?

MV - Eu não diria que seria uma posição pré-julgada. Eu acredito que ele acreditava muito numa intuição das coisas. Então ele cria com essa sua intuição das coisas, seria uma intuição plausível de ser discutida e tudo isso. Não acredito que seja, que ele mesmo acreditasse que fosse necessariamente verdadeira, mas plausível.

RM - Uma provocação também?

MV - E depois, depois ele procurava justificar essa sua plausibilidade com fatos. Mas aí é que vem o defeito dele: ele enxergava esses fatos de uma maneira que já estava pré-figurada nas suas posições anteriores.

(...)

MV - .... A fenomenologia, ela é muito, vamos dizer, co-natural com a maneira de pensar do Flusser. Quer dizer, a essência da fenomenologia, você partir da descrição dos fenômenos, da descrição pura e sem teoria, sem maiores conhecimentos, você partir da descrição pura do fenômeno e daí intuir a essência do fenômeno. Isso era muito natural com a maneira de pensar do Flusser. Ele poderia enxergar o fenômeno, observar o fenômeno sem muito conhecimento das teorias, da história, das participações anteriores sobre aquele fenômeno. Ele (poderia) a partir da observação do puro fenômeno, da observação do puro fenômeno, ele intuir a essência daquele fenômeno. Era isso o que ele fazia. Nesse ponto ele era excelente.

---

[31] A menção remete ao título em alemão do livro *Fenomenologia do Brasileiro* (EdUERJ, 1998).

Quer dizer, ele tinha uma capacidade de intuir muito grande; onde ele peca é exatamente no passo seguinte que era justificar essa sua intuição fenomenológica.

RM - Agora, o senhor acha que isso seria um empecilho para uma vida acadêmica do Flusser, para ele ser aceito como um pensador pela universidade?

MV - Você sabe que ele dava aulas para jovens. E os jovens são entusiasmados exatamente por esse fato. O professor que joga suas intuições diretamente para os alunos empolga. Aquele que procura analisar, partir de princípios e chegar a conclusões corretas, não empolga muito os jovens. O Flusser com a maneira dele de propor intuições brilhantes e sedutoras era excelente como professor de jovens, principalmente de jovens que estão fazendo engenharia, porquanto eles não tem muito interesse no rigor da dedução filosófica; eles tem mais interesse naquelas grandes intuições jogadas para eles, sedutoramente, como fazia o Flusser.

(Depoimento de **João Borba** / professor de filosofia, mestrando, filho de Gabriel Borba / 26.01.1999)

JO - (sobre as citações erradas)

Tem um lado interessante, tem um outro lado meio complicado. O lado interessante que eu acho é que com isso ele não se prendia tanto a um terminologia muito técnica, e ele fazia um certo trânsito entre uma terminologia mais técnica e uma coisa mais do senso comum. Mas ele ficava aberto para a interdisciplinaridade, que eu acho até um negócio interessante. Mas por outro lado, você perdia as referências dentro da filosofia, você não tem...de repente ele faz uma citação, ele menciona o Pascal numa palestra na Casa da Cor, por exemplo. Ele mencionou Pascal, não era uma citação, ele mesmo não disse que era uma citação, assim, citação rigorosa, mas ele menciona o Pascal dizendo assim: “A razão tem um coração que ela própria ignora”. Bom, não é isso o que o Pascal disse; só que o público todo lá era leigo...daqui há pouco você tem uma multidão de gente dizendo que Pascal dizia que a razão tem um coração que ela própria ignora. Não é bem isso, né? Isso é uma interpretação dele, é uma interpretação.

(...)

O Pascal dizia “O coração tem razões que a própria razão ignora”.

(Depoimento de **Maria Lília Leão** / advogada, produtora de tv / 19.01.1999)

ML - ..essa crítica não lhe move, entendeu? Nem um pouco. E depois ele tem um ensaio que está publicado na *Revista Brasileira de Filosofia*, que foi uma das primeiras coisas que o Flusser escreveu... (...) E esse artigo, esse ensaio comentando um diálogo de Platão, no *Fedro*, em que um dos alunos estaria falando para o Sócrates que ele fez uma referência à origem da escrita como se os egípcios, como se fosse do Egito a origem da escrita, etc. e que ele não tinha sido fiel a esta origem da escrita. E o Sócrates respondeu ao aluno: “Você está muito mais preocupado com o registro do fato, se foi o Egito ou se não foi, do que na verdade na nossa discussão. O que nós estamos discutindo aqui não tem nada a ver com o fato da origem ser no Egito ou não. Isto é uma coisa praticamente morta, isto não faz um pensamento vibrar. Agora, tirar as conclusões e os paralelos e as reflexões da escrita em si, isto é que é o importante no nosso diálogo, você não está interessado. Por que ser fiel à uma

coisa morta praticamente?" Então ele dava esse exemplo do próprio Sócrates que achava que fidelidade a um texto ou a um fato não é tão importante assim para o pensamento puro.

Por um departamento de filosofia

(Depoimento de **José Arthur Giannotti** / filósofo e professor universitário / 02.03.1999)

JG - (...) O que se choca, o que Flusser vem se chocar com o nosso projeto, é que nós éramos técnicos e interessados em formar uma carreira de filósofos, isto é, formar um departamento que pudesse fornecer ao ensino de Filosofia, pessoas bem formadas na universidade, porque a rede universitária estava se expandindo enormemente - não esqueça que naquela época nós tínhamos o quê? Uma universidade pública em São Paulo; hoje, ao todo, nós temos o quê? Três universidades em São Paulo, públicas, e 36 universidades federais; portanto a rede se expandiu de uma maneira extraordinária. Era preciso formar gente para lecionar, então nós estávamos interessados muito nessa estrutura e é por isso, de certo modo, que a gente vai rejeitar a criatividade de um outro brasileiro, que é o Oswald de Andrade, pelo qual eu sempre tive muito carinho e muito respeito. Mas no momento em que Oswald de Andrade pretende prestar um concurso de filosofia, que se abre um curso de filosofia e que todo mundo se apresenta, desde pessoas que tinham acabado de se inscrever no curso até um literato de grande qualidade como Oswald, mas que de Filosofia entendia pouquíssimo - Oswald não tinha as técnicas mínimas do trabalho filosófico.[32]

(...)

RM - A proximidade do Flusser do IBF era um elemento negativo em termos do diálogo com a Universidade ou não?

JG - Era, porque naquele tempo os campos estavam muito bem definidos, eu diria demasiadamente definidos do ponto de vista ideológico. No entanto, como o grupo de intelectuais de São Paulo era muito pequeno, ou mesmo relativamente pequeno, havia uma certa frequentação de um e de outro; mas o fato de certas pessoas terem vinculações com o nazismo, com o fascismo e com a direita, para nós era um obstáculo a uma aproximação e havia, nitidamente, já uma separação. Heidegger tinha sido apropriado pela direita, não só pelo seu passado, mas sobretudo pela maneira pela qual ele estava sendo pensado pelos intelectuais de direita no Brasil, enquanto que nós quando nos aproximamos de Husserl como um escândalo para o (João) Cruz Costa, por exemplo, para quem essa filosofia alemã era

---

[32] Referência ao concurso para docente realizado na USP nos anos 50 que gerou uma cisão maior entre os grupos associados ao IBF e ao departamento de filosofia da USP.
(Depoimento de Miguel Reale / 00.02.99):
RM - Por outro lado, o Departamento de Filosofia da USP não tinha uma relação muito boa com o IBF, não?
MI - Infelizmente não. Infelizmente por uma série de razões e sobretudo por um motivo de um malfadado concurso de Filosofia, na qual os membros do IBF não puderam participar exatamente por não terem credencias acadêmicas; por esta e outras razões, foram duas vidas paralelas: A Filosofia da Rua Maria Antônia, como era conhecida, e do Departamento de Filosofia de um lado e do Instituto do outro, tendo porém como referência (ainda), a Faculdade de Direito e o Centro de Departamento de Filosofia Social e Política.

algo de absolutamente exótico. Um detalhe: naquela época eu não estava dominando bem o alemão, foi o Flusser que me deu as investigações lógicas do Husserl, a primeira tradução, acho que do Gals, que é realmente muito bem feita, e ele deu dizendo: "olha, para o Husserl da Aclimação" - eu morava na Aclimação - como algo que realmente significava uma espécie de desvio muito perigoso daquilo que eu estava fazendo, na medida em que eu passava para os estudos da lógica, que para ele eram irrelevantes, passava pela área de estudos da fenomenologia, e assim por diante.

RM - O estudioso de Heidegger em São Paulo mais importante, nos anos 50, seria o Vicente Ferreira?

JG - É. Vicente Ferreira da Silva.

RM - E ele se tornou um núcleo de difusão da obra do Heidegger no período?

JG - Se tornou, mas veja bem já a diferença: enquanto nós temos um trabalho muito mais sistemático sobre Heidegger feito no Rio Grande do Sul, feito tanto pelo Steiner, como pelo Gerd Borheim, não é isso? Então, o existencialismo era apropriado pelo grupo rio-grandense que tinha uma ligação com a Alemanha nativa, não é isso? Nós que éramos franceses, e a despeito de a França estar saqueando os filósofos alemães naquele momento, a nossa relação era já politizada, isto é, uma rejeição à linha fascista. Mas é preciso não esquecer também que, a partir do Golpe de 64, as coisas se politizaram profundamente, isto é, foram as pessoas ligadas ao Instituto Brasileiro de Filosofia, afinal de contas, que apoiaram o regime militar, que apoiaram os Atos Institucionais e assim por diante. Portanto, a politização foi algo muito importante e diferenciadora. E, de certo modo, Flusser navegando entre todas as correntes, dava-lhe uma...tirava-lhe o perfil, num momento que para nós o perfil político era antes de tudo mais importante, isto é, se tratava da defesa ou não da democracia no país.

(...)

Da mesma forma que nós tínhamos uma visão extremamente chapada do que era o Instituto Brasileiro de Filosofia, eles tinham uma visão extremamente chapada do que nós éramos. Eu acho que, como eu estou insistindo, a luta ideológica era de tal forma forte que a despeito do professor Miguel Reale, por quem eu tenho um enorme respeito, ter sido reitor da universidade, e um excelente reitor, é preciso não esquecer que uma vez ele disse ao (Oswaldo) Porchat: "Porchat, de todos os fascistas, eu sou o mais liberal!" Isto é, havia uma clivagem que nos marcava. E eu não sou contra essa clivagem ao nível político; naquele momento nós estávamos organizando o quê? A reação contra a ditadura no país, que cada vez estava se tornando mais assassina.

(Depoimento de **Mauro Chaves** / advogado, produtor de teatro / 08.02.1999)

MC - Essa polêmica (sobre a tradução do *Tractatus* por Giannotti[33]) ...bem, no fundo, de uma forma geral, o Flusser implicava muito com os marxistas da USP. Quer dizer, ele achava que o Giannotti era um deles. Então, mas a coisa teve, eu acho, uma certa conotação pessoal a partir de um artigo que fez a Lupe Cotrim Garaude[34], que era a mulher do Giannotti, contra o

---

[33] WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus.* Ludwig Wittgenstein. São Paulo: Nacional, 1968.

[34] GARAUDE, Lupe Cotrim. A mundanidade da Bienal. *OESP*, 23.12.67, suplemento literário,

Flusser dizendo que o Flusser era uma pessoa que não fazia citações, que era uma pessoa que chutava muito, certamente chutava muito, e os alunos - que eram alunos dela também na faculdade - estavam seguindo esse sistema. Quer dizer, os alunos do Flusser que eram encantados por ele, ele realmente encantava os alunos, mas não estavam preocupados em fazer pesquisa, preocupados em ver as fontes; eram capazes de dizer qualquer coisa, a mais esquisita, a mais estranha do mundo e sem se permitir a citar como o Flusser fazia. Então ela dizia que isso era muito nocivo, que isso era acientífico. Então ela fez uma crítica muito contundente e evidentemente, o Flusser reagiu e certamente na própria aula deve ter falado alguma coisa que...e eu acho que isso aí contribuiu também, essa coisa pessoal. Mas evidentemente, eu acho que as estruturas tanto...quem conhece o Giannotti... e o Flusser era muito diferente, muito diferente; eram pessoas que realmente não podiam se dar. Eu acho até que da USP, eu acho que num certo momento, o Flusser se deu muito bem com o Bentinho, com o Bento Prado Jr, se deu bem com o Bento apesar de ser uma linha até próxima do Giannotti, mas se deu muito bem com o Bento, até por temperamento. O Bento era muito ligado ao Anatol e o Anatol foi um grande freqüentador da casa do Flusser, depois eles tiveram um arranca-rabo desgraçado, uma grande briga, mas eu conheci o Anatol inclusive na casa do Flusser e o Bento tinha essa afinidade, essa coisa assim. Mas o Giannotti era como se fosse assim: olha, essa é outra praia, entendeu? E havia uma certa rivalidade também, havia uma certa...mas em geral, o Flusser não respeitava muito os intelectuais da USP. Eu acho que um dos poucos intelectuais, não da USP, que ele respeitava era o Vicente Ferreira da Silva, que ele respeitava, que ele achava um sujeito brilhante.

(...)

MC - Eu acho até que uma das razões que me fez largar a Filosofia (curso) foi a influência do Flusser. Por que? Porque o que eu via na Filosofia era uma gama de preocupações absolutamente diferentes daquelas coisas que eram digamos, prioritárias na reflexão do Flusser e que se estendiam para a nossa reflexão. Por exemplo, não havia nenhum interessante na Filosofia a respeito de Heidegger, de que é que era o *Dasein*, o *Vorhandensein*. Interesse por nada. [*Hotswegger]* que a gente estudava. Não havia nenhum interesse, não havia nenhum interesse em Kierkegaard, nada, não havia interesse; não havia interesse por exemplo, naqueles místicos que ele gostava muito de estudar, o Hoelderlin...enfim, não havia nenhum interesse. Então, o que é que interessava à Filosofia? Interessava à Filosofia era Hegel, era Marx, era Rousseau, então isso aí...o Porchat fazendo uma tese inacabável sobre, eu acho que era, acho que era Aristóteles; o Bento Prado fazia uma tese sobre o Rousseau, que eu acho que ele ficou 20 anos para fazer e se acabou (...) ... sem nenhuma crítica ao trabalho dele, certo? Então, as pessoas não se interessavam muito pelo que o Flusser ...ou achavam até que aquilo era coisa de direita, não sei porque o Heidegger foi nazista ou porque não sei o quê. Também não vou dizer que a coisa fosse tão a esse nível só. Mas não havia muita afinidade, então eu acho que até de um certo modo, eu sentia que você para fazer certas coisas na Filosofia, você precisa entrar na tal corrente e eu não sentia muita disposição para entrar nessa corrente e é possível que o Flusser tenha influenciado também essa coisa de, uma certa aversão que eu fiquei, entendeu? Com relação aquela coisa, todo mundo pensava meio igual, todo mundo...sabe? Era uma coisa...esse academicismo na Filosofia não combinava muito não.

RM - Mas você se lembra de comentários de professores dentro da [Faculdade]?

---

p.2, comentando artigo de Flusser: Bienal e fenomenologia. *SUPLEMENTO LITERÁRIO*, OESP, 12 (555): 5, 02.12.67.

MC - Não, não especificamente. Olha, o que eu lembro é o seguinte: Eu, eu me lembro que eu tentava muito, eu tinha uma ligação com o Bento Prado por exemplo. O Bento Prado, a gente saía e íamos comer sempre um bife lá no Moraes que ele gostava, às 6 horas da manhã. E eu me lembro que uma vez eu propus até...o Flusser, ele já estava fora da faculdade e o Bento era professor, e eu disse: "O Flusser não pode ser seu assistente? " - eu ingenuamente, ingenuidade minha. Ele falou, o Bento falou: "De jeito nenhum. Você pode. O Flusser não pode, ele têm que, se for ele têm que disputar comigo uma cátedra, pau a pau. E ele tinha razão; a minha ingenuidade era achar que... Mas eu me lembro muitas vezes eu tentando defender a coisa do Flusser, tentando defender muitas vezes, principalmente com o Bento, que eu tinha mais ligação, que era meu professor. Mas eu sentia que o pessoal da Filosofia não estava muito preocupado...o Flusser era pessoa assim, era um cara digamos assim com muita imaginação, mas aí é que está - eles iam lá, muitos freqüentavam a casa dele até. Todos. O Bento, o próprio Bento, o Roberto Schwartz, entendeu? A partir de um certo tempo foram se afastando mesmo e depois que o Anatol brigou, aí o pessoal brigou por, brigou também.

(Depoimento de **Alan Meyer** / psicanalista, freqüentador dos primeiros grupos de estudos / 04.02.1999)

AM - Pois é. Até que isso é bom porque eu me lembro que você se lembra da briga que teve sobre o *Tractatus Logico-philosophicus*, do Wittgenstein, que o Flusser em certa ocasião começou a fazer uma tradução. E essa tradução...aliás, estava comigo até tão pouco...

RM - Mas estava interrompida.

AM - Não, ele nunca acabou. E aí ele desistiu de ir até o fim, ele fez um pedaço da obra. Em certa ocasião ele soube que o Giannotti estava fazendo a tradução, que foi a primeira tradução publicada no Brasil do *Tractatus*. Então ele mandou a tradução dele para o Giannotti, a título de colaboração, para o Giannotti levar em consideração a sua tradução. O Giannotti, então, devolveu com uma carta, agradecendo, mas dizendo que a tradução dele era uma tradução técnica e que a tradução do Flusser era uma tradução mais solta, livre, etc. e que portanto ele dispensava a colaboração do Flusser. Quando o livro saiu houve um artigo do Flusser, criticando violentamente a tradução do Gianotti, alegando que o Giannotti não compreendeu nada do Wittgenstein[35]. A questão se baseava justamente nisso que o Giannotti chamava de tradução técnica. Uma tradução técnica era dentro do neo-positivismo, dentro de uma certa filosofia que ele interpretava o Wittgenstein, enquanto que para o Flusser havia um lado do Wittgenstein ligado a Schopenhauer, que havia todo um uso da língua alemã, que havia um lado mais místico do Wittgenstein. Enfim, Wittgenstein era uma figura muito complexa e não era possível apenas colocá-lo dentro do positivismo lógico. Inclusive, depois, acho que não sei se nas *Investigações*, ou num dos cadernos do Wittgenstein, tinha uma frase que o Flusser citava muito: que a lógica é como uma escada, que a gente deve usar para subir para depois jogar fora. Quer dizer, é uma ancila, é uma coisa em prol de alguma coisa, mas não algo que você deve se fixar. Então o Flusser, na tradução dele, captava muito esse sabor mais schopenhaueriano, mais místico que havia no Wittgenstein. Então, a ressonância dessa frase "Daquilo que não pode ser falado, deve ser calado" – "Worüber man nicht sprechen kann, muss man schweigen" - essa frase ele repetia com muito entusiasmo, quer dizer, era uma coisa que, enfim, tinha uma importância muito grande para ele.

---

35 Wittgenstein traduzido? *SUPLEMENTO LITERÁRIO*, OESP*,* 13 (619): 5, 22.03.69.
Veja réplica de Giannotti em: GIANNOTTI, José Arthur. Wittgenstein traduzido. *SUPLEMENTO LITERÁRIO*, OESP, 13 (620): 3, 12.04.69.

Agora, você me perguntou de memória, numa discussão, que dizia, ele foi acusado de não conhecer bem o texto...para a minha surpresa ele praticamente falou o *Tractatus* em alemão, traduzindo, inteiro de cor. Então, inclusive a Dora que estava aqui comigo, na casa dela em certa ocasião, numa conversa sobre Rilke, ele dizia: “Não, eu não entendo nada do Rilke, não sei o quê...”. A conversa foi, a conversa foi, ele acabou recitando 16 poemas do Rilke, na lata, e traduzindo para as pessoas que estavam presentes. E traduzia com um ímpeto, com um entusiasmo, com uma força que deixava todo mundo absolutamente surpreso.

Numa outra ocasião, já que você quer saber dessa coisa da memória dele, porque a memória dele realmente era espantosa, ele dizia para mim que conhecia o *Fausto*, do Goethe, de cor. E eu não acreditava. Um dia eu disse: “Tá bom”. Eu fui lá na estante da biblioteca dele e peguei a edição do *Fausto* em alemão e acompanhei ele recitando o *Fausto*. E eu tive a paciência de ouvi-lo até a página mais ou menos 53 ou 54. Ele não fez um erro. Quer dizer, ele tinha essa memória, ele era capaz de ler uma página de *nonsense* e repetir a página...ele tinha memória fotográfica, era uma coisa fantástica. Então ele tinha uma, ele tinha capacidade de absorver muito conhecimento, que eu acho que facilitava, mas ao mesmo tempo ele não queria se prender a esses textos, porque senão ele ficava preso aquilo.

(Depoimento de **José Arthur Giannotti** / filósofo e professor universitário / 02.03.1999)

RM - ... queria falar um pouco sobre a sua tradução do *Tractatus*. Foi a primeira tradução do Wittgenstein em português?

JG - Foi a primeira edição em português[36] e se eu não me engano, foi a segunda tradução no mundo. Porque ela era anterior à tradução francesa, anterior à tradução espanhola e por isso, obviamente, ela sofre de enormes defeitos; mas tanto assim, que a segunda tradução, que foi feita em português, agora por José Henrique Santos, que foi meu aluno, no início nós íamos trabalhar conjuntamente, ela é a meu ver, ela adquire, enfim, um refinamento que naquele momento nós não tínhamos. Nós não tínhamos aquele refinamento porque nós não conhecíamos o Wittgenstein que nós conhecemos hoje. Nós não conhecíamos todo o panorama em que o Wittgenstein estava inserido. Eu em particular tinha um viés fenomenológico, que muitas vezes levou a traduções incorretas; por exemplo, a tradução *meinen*, eu pus "mentar", que é [tipicamente] husserliana - mas que não tem outro sentido em português, não pode ter outro sentido do que *querer dizer*, é isso. Então houve aí, enfim...mas o importante era que nós estávamos trabalhando Wittgenstein como objeto de curso, nós precisávamos de texto em português.

RM - E qual a sua visão hoje da crítica do artigo de Flusser criticando a tradução, fazendo restrições?

JG - Bom, a primeira, a primeira...a polêmica mais séria foi na tradução do primeiro aforisma - *Die Welt ist alles was der Fall ist*, e que eu traduzi por: *o mundo é tudo o que acontece*. Ele dizia: não, é preciso manter *o que é o caso*. Agora, é interessante, ele tem razão! Só que as razões que ele deu são, a meu ver, absolutamente inconsistentes. Primeiro, eu vinha da tradição francesa e não é à toa que, não sei quantos anos depois, quando Grandget traduz o *Tractatus*, ele diz: *le monde c’est tout qu' arrivé*, ainda, tá claro? E mais ainda, nós estávamos interessados em criar uma língua filosófica brasileira. Porque é preciso lembrar que Portugal

[36] Giannotti refere-se à sua própria tradução, para o português do *Tractatus logico-philosophicus*, de Ludwig Wittgenstein. São Paulo: Nacional, 1968.

nunca teve filosofia, aliás, quando teve filosofia, na época dos Coimbrões do século XVI, XVII, a língua era latina, portanto nunca houve filosofia em português. Nós tínhamos que criar uma língua e por isso nós fizemos um trabalho sistemático de traduções. Ora, o *mundo é tudo que é o caso* é extremamente violento numa língua portuguesa corrente, que devia ser a língua do Wittgenstein não é isso? Qual foi a objeção do Flusser?: "Ah, você está fluidificando o que acontece, sendo hieraclitiano quando isso não é o caso do Wittgenstein" E, ao meu ver, essa razão é absolutamente fora de propósito. *O mundo é tudo que é o caso*, é preciso manter a noção de caso porque a relação é regra e caso, está claro? Então o mundo é tudo o que acontece *segundo a regra, acontece como caso da regra*. Ora, isso escapava tanto a mim como ao Flusser, naquele momento.

RM - E essa discussão através dos jornais, isso teve alguma repercussão ou ficou realmente muito reduzido...

JG - Não, nós éramos totalmente...quando nós entrávamos nesses detalhes, havia no máximo, no Brasil inteiro, 50 pessoas que sabiam do caso.

RM - O senhor nunca teve contato com...existe uma tradução parcial do *Tractatus* feito pelo Flusser. O senhor teve algum contato com essa tradução?

JG - Ele depois que eu publiquei a minha, ele me mandou. Deve estar aí, na minha gaveta, no fundo dessa gaveta. Mas, do meu ponto de vista pelo menos, precisaria ver agora, do ponto de vista era logicamente incorreta, está certo? Veja bem, nós fazíamos lógica matemática, está certo, e vindo da tradição francesa. Então, ou era Quine ou era Merleau-Ponty e Husserl, e pouquíssimo Heidegger. E então, a gente orientava a tradução nesse sentido, mas era necessário respeitar o aspecto lógico. Ora, você sabe muito bem que a lógica do Flusser sempre foi antes de tudo a lógica da imaginação e não a lógica do pensamento.

(...)

Eu não posso determinar precisamente, eu acho que foi basicamente pelos dois... tanto o Flusser tinha chegado, a personalidade dele sempre foi fascinante e isso era...embora dentro de nossa maneira de ver o Flusser sempre tenha sido uma espécie de desafio porque a gente não sabia bem até que ponto ele estava reatando com a tradição ensaísta e com a tradição, vamos dizer assim, mais imaginativa da filosofia, enquanto que nós éramos defensores radicais do pensamento racional. Também, evidentemente, pelos artigos dele, pelos seus ensaios, que ficavam para a gente sempre entre uma espécie de ranço arcaico e ao mesmo tempo, algo instigante. Eu creio que o Flusser tem para nós essa memória, isto é, uma pessoa altamente fascinante, altamente inteligente, que nós admirávamos pela capacidade que ele tinha de escrever em língua portuguesa, a sua capacidade de reunir coisas, de inventar coisas e ao mesmo tempo a sua capacidade de, eu diria assim, de não chutar no gol; e nós queríamos placares bem definidos, jogos muito bem ganhos e que no final da partida soubéssemos exatamente quem eram os vencedores e quem eram os vencidos.

O sedutor

(**KLINTOWITZ**, Jacob. *Pintar a Mona Lisa...* (JT, 23.08.86, caderno de programas e leituras, p.1)

Vilém Flusser poderia ser um intelectual típico: ele sabe muitas coisas, tem absoluta convicção de que está certo, ao mesmo tempo declara que não tem convicção de nada, inclusive de não

ter convicções, irrita-se com as discordâncias, cita com facilidade, faz referências a alguns amigos famosos, procura de maneira sutil cativar o público, declara com orgulho que é dotado de grande carisma e, em seguida, afirma não pretender utilizar o carisma porque não é nenhum Hitler. Parece tipicamente intelectual, mas Vilém Flusser é inteiramente inviável, tudo se transforma numa polêmica, ele nos irrita, ofende, faz declarações absurdas, ama o som da própria voz e, quando nos fala, no seu jeito peripatético, caminhando sem cessar, nos dá a impressão que nos escuta e deseja estabelecer pontos de contato. Ele tem prazer nesta luta verbal ininterrupta. É cego de um olho e, em muitos momentos, acreditamos que ele vê de um só jeito para, em seguida nos oferecer muitas versões da mesma idéia. Flusser é odiado como reacionário. Os pintores não suportam Vilém Flusser e sua teoria do lixo contemporâneo. A esquerda não suporta a sua teoria do pós-industrial. Mas ele, inviável e irritante, é fascinante. Com ele mesmo diz, tem carisma.

(Depoimento de **Dora Ferreira** / poetisa, tradutora e amiga próxima / 04.02.1999)

DF - Então eu acho que para falar do Flusser não adianta falar quantos anos tem o Flusser, que o Flusser era calvo mas era bonito, tinha uma cicatriz enorme aqui, porque ele já tinha sofrido um desastre de automóvel. Foi o segundo desastre que o vitimou. Mas o que eu queria falar do Flusser era como ele encantava as pessoas e os alunos. E ele na EAD falando sobre a máscara grega. Então ele falando... (...) Então ele falando sobre a máscara grega, a máscara da tragédia e a máscara da comédia. Então ficavam todos os alunos assim, porque ele tinha um dom, meio... Ele era uma pessoa que tinha, como que chama isso?

RM - Senso dramático?

DF - Não, ele podia ser, ele podia ser um político...

RM - Carisma, talvez?

DF - Ele tinha um carisma, ele tinha um carisma, forte. Então os alunos ficavam assim totalmente siderados olhando para ele e então ele falava sobre a máscara grega. Então falava... E isso durava uma hora e ele tirava sabe lá o quê, falando de uma máscara grega e então quando todos estavam extasiados assim, sabe o que ele fazia? Ele dizia agora, eu vou virar a máscara e virava. Sabe que era tão forte o poder de sugestão dele que as pessoas viam a máscara ao contrário. E o que viam? Viam um buraco negro, porque era a persona. A persona é o que fica escondido atrás da máscara.

(Depoimento de **Mauro Chaves** / advogado, produtor de teatro / 08.02.1999)

MC - (...) eu me lembro bem dos cursos, os temas que ele desenvolvia: os gregos, os hebreus, se não me engano, os romanos; ele falava, era uma visão digamos ao mesmo tempo histórica, religiosa, antropológica, sociológica...era uma coisa assim extremamente abrangente e extremamente rico e nós freqüentávamos isso e era realmente essas quartas-feiras, eram realmente magníficas, porque ele era uma pessoa brilhante. O Flusser era uma pessoa brilhante; ele tinha essa coisa do ator, ele representava, ele dramatizava. Você assistia uma conferência dele parecia um suspense, entendeu? Você ia seguindo aquilo, aquilo tinha um certo clima...ele sabia criar um clima muito grande. E muitas vezes até ele se indispôs e teve alguns atritos por causa disso. As pessoas achavam que isso era meio forçado, era meio

chutado, era meio, ele gostava muito de impressionar. Ele gostava muito de fazer uma coisa, por exemplo, para *épater le bourgeois*, aquilo que ele dizia de Beethoven e eu discordava totalmente, porque ele não gostava de Beethoven, ele não gostava de Beethoven, ele adorava Mozart e eu como sempre fui um Beethoviano assim, meio fanático... Ele dizia que o Beethoven e a música dele era para *épater le bourgeois* simplesmente, quer dizer, uma coisa que não é verdade. Ele conhecia superficialmente. Ele conhecia Mozart bem, ouvia bem; mas o conhecimento musical dele, propriamente técnico não havia; ele tinha um bom gosto, como tinha em geral para tudo, como tinha em geral para as artes.

(Depoimento de **Flávio Calazans** / professor da UNESP / 21.01.1999)

FC - ...isso é captatio benevolente, a retórica. Todo mundo se sentia cúmplice dele. Então ele usava muito técnicas de *gestalt*, de complementação, a gente complementando o pensamento dele se sente parte do pensamento. Isto era uma técnica pedagógica porque ele captava a boa vontade, ele envolvia, ele seduzia com a voz, ele forçava a pensar como ele. Então quem saía da aula dele ou da palestra dele, acabava tendo o fluxograma, o processo, o ritmo do pensamento que ele queria que tivesse.

(Depoimento de **Mauro Chaves** / advogado, produtor de teatro / 08.02.1999)

MC - (...) Ele apenas, num certo tempo, ele tinha influência sobre os alunos porque ele era realmente um sujeito que dava uma aula-espetáculo. Então, exatamente, o que a Lupe[37] reagiu muito à isso. Ele era um sujeito que fazia uma palestra e a palestra enchia; quer dizer, o IBOPE dele era enorme. Se ele ia dar, por exemplo... teve um tempo que ele foi dar, deu aula na Escola Superior de Cinema, da Faculdade São Luís.

RM - Você fez, não fez?

MC - Eu fiz, eu fiz um tempo. Por que essa escola acabou em dois anos. Mas eu lembro, as aulas lá, pô! Eram impressionantes...tinha gente na porta, fila na calçada, entendeu? Um negócio assim que era impressionante. E ninguém, isso era muito raro, alguém vai fazer uma aula de Filosofia e encher...quer dizer, havia um pouco também de dor de cotovelo, porque o Flusser era um personagem empolgante. Mas em parte eles tinham razão porque o Flusser chutava mesmo e chutava muito e ele nunca negou que chutasse.

RM - Que disciplina que ele dava na Escola Superior de Cinema?

MC - Eu tenho impressão que estética, acho que uma cadeira de estética, onde ele dava o que ele queria evidentemente. Era estética; é, com certeza era estética.

(Depoimento de **Otávio Donasci** / artista plástico, ex-aluno de Flusser na FAAP / 27.01.1999)

---

[37] GARAUDE, Lupe Cotrim. A mundanidade da Bienal. *OESP*, 23.12.67, suplemento literário, p.2, comentando artigo de Flusser: Bienal e fenomenologia. *SUPLEMENTO LITERÁRIO*, OESP, 12 (555): 5, 02.12.67.

OD - ...vamos dizer que a sala tinha, se não tivesse corredores na sala de aula, eu não sei o que ele faria. A gente brincava que se a gente amarrasse, ele não conseguiria falar. Era impossível de falar, e não é italiano. O que acontecia é que ele começava a dar aula no centro, ele começava a falar alguma coisa, vamos dizer, desenvolver um assunto; então ele desenvolvia esse assunto andando dum modo que, do modo como ele andava era do modo como ele desenvolvia um assunto. Então, vamos dizer que o assunto fosse uma ironia. Então o começo da ironia que ele ia colocando, porque a sociedade pensa coisas desse jeito, desse jeito, então ele andava de um modo. E dali a pouco ele dizia: e aí começam a matar muitas crianças no sul da Argentina...aí ele dava uma paradinha e ia correndo até o fundo da sala. Voltava. Parava. Olhava para as pessoas. Aí ele continuava e dizia assim: E como dizia Goethe...aí parava. Aí ele ia até um outro canto da sala, voltava e continuava a desenvolver. Então ele tinha, como eu posso dizer? Uma coreografia muito típica do Flusser. Todas as aulas, todos os semestres ele fazia a mesma coisa, do mesmo modo, era o mesmo jeito de ser; punha a mão para trás assim, ficava batendo a mãozinha uma na outra, andando até o fundo da sala - chamo de andar Groucho Marx - com o cachimbo dele, soltava longas (baforadas), quando o assunto era muito terrível, ele soltava muitas baforadas e olhava para a gente como a dizer: vocês não vão fazer nada? E a turma ficava assim. Ele parava, ele adorava parar e ficar olhando para a cara de um pobre coitado que estava na primeira fila e ficava horas e horas falando: está acontecendo isso, está acontecendo aquilo, aquilo, filosoficamente o mundo andou isso, desde a época de não sei o quê lá...ele colocava as coisas muito forte como se a pessoa fosse o interlocutor e não era, era um pobre coitado que estava assim, apavorado, na cadeira. Aí, sem mais sem menos, ele zump! Andava até o fundo, voltava até à frente e continuava um outro assunto. Então todo mundo realmente achava que ele era no mínimo um louco. A impressão que eu tinha, o Flusser para mim me parecia uma mistura do estilo do Groucho Marx com o Freud. Uma mistura meio maluca.

(Depoimento de **Miguel Reale** / filósofo, jurista, ex-reitor da USP / 05.02.1999)

RM - O professor Flusser tinha um estilo diferente do tradicional, não?

MI - Sim, ele era original, digamos assim, em tudo. Ele tinha capacidade de transmitir o seu pensamento, tornando, digamos assim, algo de teatral. Ele era na realidade, um grande artista. Não é sem razão que uma das suas tendências fundamentais é de natureza artística e estética. Não se compreende a figura de Flusser fazendo abstração, a profundidade estética de sua, de seu ser pessoal. Ele era um esteta e enquanto esteta, é que ele sabia unir a vocação de docente à capacidade expressiva completamente diversa do tradicional. Daí o êxito que ele tinha e o sentido de participação porque a aula dele era marcada pelo sentido de participação.

(Depoimento de **Alan Meyer**/ psicanalista, freqüentador dos primeiros grupos de estudos / 04.02.1999)

AM - Ele nunca foi um homem frio, sempre ele punha uma pergunta, sempre ele tentava engajar a sua platéia numa maneira existencial. Quando você pergunta nesse lado existencial, mesmo falando sobre...hoje, a mulher do Luis Hans, a Dani (Daniela Kutschat), disse para mim: Ah, é o *Medienphilosoph.* Eu falei: pô, ele é e não é bem um *Medienphilosoph*, porque essa carga

existencial, essa presença sempre da questão da vida e da morte, o que é que é autenticidade, o que é que é dignidade do ser humano, o que é que é a conversa fiada que enche o mundo contemporâneo... Esse tipo de coisa está sempre presente, mesmo quando ele analisa a televisão, quando ele analisa os meios de comunicação. E o interesse dele pela arte contemporânea é um pouco esse resgatar a tecnologia e a ciência para pô-la não a serviço, não a gente estar a serviço da ciência e da tecnologia, mas pôr a ciência e a tecnologia a serviço da arte; ou seja, fazer da ciência e da tecnologia uma coisa secundária em relação às possibilidades criativas do homem, no sentido que é sempre essa de dar sentido à vida –*Sinngeben* – dar sentido. A vida não tem sentido, a gente dá sentido à vida. Isso ele tira do Husserl e isso ele não deixava de repetir incessantemente.

(Depoimento de **Jaqueline Aronis** / artista plástica / 15.01.1999)

JA - Meu contato com o Flusser se deu em 1969. Minha mãe, Riveke Aronis, na ocasião ela tinha entrado - 1967 - ela tinha entrado na FAAP, era o primeiro ano de faculdade de artes plásticas. Ela foi a primeira turma que entrou. E no segundo ano que ela estava cursando, ela tinha aulas com o Flusser. E ela chegava em casa muito entusiasmada, contando enfim das aulas e eu fiquei muito curiosa para conhece-lo porque ela chegava com tanta energia, falando da aula. E eu um dia perguntei se eu não poderia assistir a uma aula. E ela falou: "ah, eu acho que sim, aparece lá...". E eu não tive dúvidas, eu cabulei a aula. E eu lembro que teve uma vez que eu pulei o muro porque eu não conseguia sair, tinha um esquema lá que tinha um certo horário depois do recreio, mas aí a porta estava fechada, e eu não tive a menor dúvida. E eu estudava no Mackenzie, no ginásio, e era próximo da FAAP. Então eu pulei o muro e fui à pé até à FAAP para assistir a aula do Flusser. Porque assim, para mim era, de repente eu vi luz, sei lá. Eu, imagina, Mackenzie, ginásio, aquelas aulas chatéssimas, não acontecia nada, era tudo muito chato e eu entrei na sala de aula e eu não me esqueço, eu não me esqueço da figura dele, aliás eu sempre me lembro dele, é uma pessoa inesquecível. Ele era muito energético, ele era super bem vestido, ele usava chapéu que era uma coisa...para Brasil completamente inusitada, colete, terno. Ele dava aula de terno. Tinha uma postura assim super elegante e super rápida. Ele falava andando. Ele dava aula de teoria da comunicação que era o máximo assim, era para a ocasião...era enfim, uma possibilidade de pensar. Eu acho que naquele momento eu estava...eu era adolescente com tantas questões e na escola não havia nada que pudesse responder ou ir de encontro, enfim, ao meu universo de reflexões ou de anseios, sei lá. (...) Acho que era um momento, especialmente em termos de Brasil, que era o oposto. Que era assim o pré-milagre brasileiro, e ao mesmo tempo, era um momento mais, enfim, de contracultura e também, enfim, de uma contra posição ao regime político, militar, uma coisa de esquerda, de trabalho - o trabalho dignifica - enfim, ele falava o que ninguém falava.

(...)

É a forma como ele conduzia o pensamento. Era muito inusitado, como ele...ele era muito criativo, as coisas que ele falava eram inesperadas. Ele enfim, ele era ele, ele...

(...)

Estimulou, estimulou. Eu acho que ele foi assim um *start* para um interesse, para uma outra forma de contato, porque eu acho que o ensino, principalmente aqui no Brasil, o ensino era uma coisa muito pouco interessante num certo sentido assim, principalmente, era...não havia grande interesse, não tinha...e ele me despertou para ler outras coisas, para refletir, acho que tudo para refletir. Porque eu percebia nele como ele conduzia o pensamento, eu acho que ele

era muito dinâmico e ele fazia relações inusitadas. Não era um pensamento linear, era um pensamento dinâmico assim, sei lá, tridimensional.

O polêmico

(Depoimento de **Jacob Klintowitz** / crítico de arte / 12.11.1998)

JK - (...) eu achava o Flusser um homem inquieto, atento às coisas. Eu achava seguidamente nas conferências que talvez ele fosse tópico demais, às vezes dava impressão que ele perdia a visão do conjunto, que ele não era um sujeito de uma certa disciplina de montar um, ele se entusiasmava pelo detalhe e ficava no detalhe, que era uma coisa interessante. Talvez por isso que a vida acadêmica dele tenha sido mais complicada.

(...)

Agora, me parecia que era um homem que era capaz de trazer um benefício para o Brasil. Isso aí para mim era uma coisa óbvia, porque essa inquietação, essa tentativa de atualização dele e o Brasil é um país muito atrasado, as pessoas são muito convencionais, as pessoas tem muito medo de pensar, tem muito medo de ter opinião, se alinham muito rapidamente em qualquer movimento, se abrigam nos movimentos. Então, ali me parecia um livre atirador, um sujeito capaz da polêmica, que se oferecia para isso. Uma espécie de benefício, eu tinha uma opinião positiva dele nesse sentido, que me parecia um provocador, um homem capaz de instaurar uma idéia, de se entusiasmar com meia dúzia de ... então agora, essa é a nova verdade, ainda que depois mudasse. Então, eu achava interessante isso, que eu achava tudo tão morno no Brasil. Tinha o grupo marxista, tinha o grupo... O marxismo no Brasil era impregnado de um tipo de catolicismo, que me parecia uma coisa tão estranha porque ele descambava para uma espécie de cristianismo primitivo. E para mim era um sujeito que era capaz da provocação, que se irritava. Achava interessante aquilo.

(Depoimento de **Luiz Aguiar** / advogado e filho de José Bueno / 20.10.1998):

LA - Não, o Flusser tinha isso que era uma coisa nele muito agradável e depois eu também herdei isto nos meus contatos com ele, o Flusser era uma pessoa que ele mantinha-se permanentemente em polêmica, permanentemente suscitando conflito e discussão, o que era uma coisa que se a alguns certamente irritava, eu acho que era uma coisa muito rica no Flusser, tirar das pessoas um conflito. Eu me lembro que eu cheguei numa certa vez, fins dos anos 70, logo após a vitória da Revolução Sandinista, eu fui à Nicarágua. Flusser soube que eu tinha ido à Nicarágua e eu fiquei um tempo na Nicarágua, fiquei um mês, um mês e pouco, sei lá quanto tempo eu fiquei, e imediatamente após a história da Revolução. Eu voltei encantado. Era fundador do PT, militante do PT e o Flusser manifestou que gostaria de conversar comigo e eu achando que Flusser ia achar tudo aquilo o máximo. O Flusser tratou tudo aquilo com um monumental desprezo e nós tivemos uma discussão terrível e passados muitos anos, o Flusser tinha razão, evidentemente, e como foi interessante e como é interessante lembrar como ele forçava o exercício de pensar.

A tempestade

(FLUSSER, Vilém. ***Bodenlos*** *(Atestado de falta de fundamento)*, texto datilografado, [anos 70], p.108):

> Meus alunos e alunas, amigos dos meus filhos e amigos dos amigos formavam a maioria das pessoas reunidas. Foram eles o solo de ressonância sobre o qual as batalhas dialógicas se travavam. Juventude acadêmica, filhos de burgueses, entre os 20 e 30 anos. Se procurar, em retrospectiva, uma sincronização da dinâmica do terraço, eis sua estrutura: em torno de núcleo mais ou menos estável de adultos, debatiam-se as marés de uma juventude variável ao longo de 20 anos. Tais anos pouco modificavam o núcleo, apenas o roíam com o dente do tempo e o dente da morte. Mas as ondas da juventude sofriam modificações profundas.

(idem, p.109-110):

> Antes de 64 a juventude vivia na ilusão de ser o Brasil terreno no qual se preparava a nascer nova cultura e nova forma de vida. E assumia-se portadora de tal nascimento. Isso conferia à juventude atitude específica diante o mundo: extrema curiosidade, vontade de aprender, e abertura. Mas também extrema fé nas próprias capacidades. Não apenas queriam saber tudo mas saber tudo melhor, e não apenas queriam fazer tudo, mas fazer tudo como se nada tivesse sido feito anteriormente. Estavam abertos para o futuro, mas fechados para o passado. Tal falta de tradição é incompetência, e não apenas falta de preconceito. Isto indicava claramente o papel do professor: proporcionar acesso à tradição sem frear o entusiasmo para criação nova. Infelizmente não cumpri tal papel como devia. Fui, eu próprio, vítima da ilusão da juventude. Acreditava (embora com reservas), ser testemunho de processo de renascimento da cultura ocidental em terras brasileiras, e me entusiasmava com isso. Em torno de mim brotavam música nova, pintura nova, teatro nova, idéias novas qual cogumelos depois da chuva. Sabia, é verdade, que a maioria disto era incompetente e não se sustentava, e por isto criticava tudo brutalmente tanto em aulas quanto na imprensa. Mas nutria a esperança de tratar-se de doença de crescimento e acreditava em futuro de amadurecimento. Novo mundo à vista.
>
> Minha atitude crítica era tomada, pela juventude, como reacionária, e eu sofria com isso. Mas simultâneamente os jovens sentiam que no fundo eu me engajava com eles, e aglomeravam-se em torno de mim com aquele sorriso benevolente reservado aos superados que ainda podem proporcionar alguma coisa. Assim começava eu a ter influência sobre a juventude, e com isso sobre toda a cultura. Utilizava tal influência em duas direções diferentes. Combatia a radicalização esquerdista, para mim barata e irresponsável. Isto me rendeu o rótulo de "direitista" por parte dos intelectuais de esquerda, rótulo do qual jamais consegui libertar-me. E procurava provocar a consciência histórica na juventude...Mas pós-história não é pré-história, e não suportava a pós-historicidade da juventude. Quem jamais ouviu falar em guerra do Peloponeso não pode engajar-se inteligentemente na atualidade...Mas não obstante fascinava a juventude, porque lhe dava algo que não conseguiam em outra parte: contato com uma tradição da qual se sentia portadora inconscientemente. A despeito de todas as dúvidas de todos os mal-entendidos tais eram os melhores anos: desempenhava o papel para o qual me sentia chamado, o de professor e líder da juventude.
>
> 64 atingiu a juventude como relâmpago inatendido. Como não tinha visão clara da situação, (a saber: de um país manipulado de fora), não esperava por um acontecimento de tal ordem. Rebelava-se... A rebelião assumia vasta gama de formas, desde contestação cultural até a resistência armada. Dois aspectos eram comuns a todas as formas: ofereciam perigo pessoal

> e eram inteiramente ineficientes. Simultaneamente a juventude passou a ser vitima de agitadores irresponsáveis que se aproveitavam da situação para perseguir metas que a própria juventude ignorava. Destarte, a juventude acadêmica passou a bola de ping-pong entre agitação e repressão, e ia-se desestruturando. Diariamente desapareciam alguns entre eles, e o medo e o desespero tomava(m) conta deles. O embrião da nova cultura... ficou assim abortado.
>
> Pois para mim isto parecia impor tarefa nítida: evitar sacrifícios inúteis e persuadir os jovens a não se precipitarem em aventuras sem sentido. (...) Acreditava durante vários anos que se tratava de estágio passageiro, e que o processo criativo de cultura poderia ser retomado mais tarde... Dai meu empenho em convencer os jovens a pouparem suas energias para "mais tarde". Quando ia me convencendo que o "mais tarde" talvez já não é nem para mim, nem para eles, meus conselhos razoáveis deixavam de ter sentido. Era período negro para mim, porque impunha tarefa de ser professor em situação da qual eu próprio não via saída.

(idem, p.111):

> Simultaneamente a juventude mudava rapidamente e radicalmente. Dividia-se em dois grupos que não são sequer opostos. O primeiro aceitava a sedução do aparelho para nele enquadrar-se. (...) Nada mais tinha eu que ver com estes, nada mais podia oferecer-lhes, nem eles (...) me interessavam. O segundo grupo, tomado de desespero, caía "na fossa" da passividade. Este passava a agarrar-se a mim, como se eu pudesse apontar-lhe caminho em situação que não admite saída. Restavam-me duas alternativas: fingir que sabia saída, ou admitir minha impotência, ambas impossíveis. Minha tarefa de professor tinha cessado.

O círculo das artes

Arte e modelos de pensamento

(Depoimento de **Haroldo de Campos** / poeta e professor universitário / 05.02.1999)

HC - Então tem esse particular, quer dizer, a relação do Flusser com as artes brasileiras vai um pouco ao sabor de alguns interesses filosóficos dele e de certas afinidades, daquilo que em termos goethianos eu chamaria de certas afinidades eletivas; onde há certas afinidades eletivas que o Goethe tirou esse nome de um processo químico, onde elas não ocorriam como ocorreram com o Anatol e não ocorreram no meu caso, não passava o fluxo que ele queria transmitir. E ele...naturalmente que se criava um hiato. Onde isso ocorria, ele podia se deter e passava a ser entregue ... É o caso da Mira Schendel...[38]

(Depoimento de **Gabriel Borba** / arquiteto, artista plástico e ex-assistente de Flusser / 26.01.1999)

RM - Agora sendo direto: Havia um interesse efetivo de Flusser nesse período por artes visuais?

GB - Não, não havia. Não havia. O ambiente brasileiro, aliás, nós temos um ambiente artístico de origem européia, sobretudo francesa, e que é uma coisa um pouco...até nefasta para as artes. As escolas de Nova York melhorou bem essa coisa de adquirir os vícios, que é aquela coisa de você fazer uma arte quase que normativa, no sentido que tem certas coisas que são aceitáveis para determinados encaminhamentos e assim por diante. Para você ter uma idéia, o artista brasileiro não aceita de forma nenhuma Sérgio Ferro digamos que é uma pessoa que eu conheço bem, com quem convivi também tão próximo como o Flusser nesse período, noutra...não tão próximo porque ele estava na cadeia, esse é que é o problema; mas você vê hoje, você vai às exposições do Sérgio, não está o grupo que costuma freqüentar galerias e são exposições de grande sucesso, então é uma coisa a se pensar se não é isso que é arte, ou pelo menos não é isso que é arte, num sistema tradicional de apreciação de arte, né?... de um ponto de vista. O Flusser jamais entrou nesse universo e nunca usou esse repertório, de modo que o Flusser não era um crítico de arte que pudesse ter uma validade num circuito.

Mas por outro lado, ele tinha uma necessidade da arte sobretudo do artista criativo, do artista inovador e estávamos num período mais ou menos assim, quer dizer, fala-se muito em experimentalismo, em arte experimental e isso e aquilo, além do que havia uma forte tendência para a tal da arte mídia que nada mais é do que arte e comunicação e que era um ponto de interesse do Flusser também. Provavelmente você não... Como Flusser dizia, era um interesse super-estrutural que pairava por sobre as nossas cabeças...então todos, sem querer, os mais espertos começavam a pegar essas coisas. Agora, você vê que a coisa do Flusser, embora ele fosse um apreciador de arte, ele sabia ver uma coisa, ele tinha uma coisa, uma aproximação até bacana da obra de arte, ele se interessava, escrevia e fazia essas coisas diante de coisas um pouco díspares. Por mais que a gente, por exemplo, ele se interessava tanto por Mira Schendel quanto por Niobe Xandó, que são coisas muito diferentes e com algum desnível em termos de repercussão, em termos de desenvolvimento e em termos até de fixação no circuito de artes, né? Você vê, a Mira é uma pessoa que tem

[38] Mira Schendel (1919-1988)

seguidores hoje, e fala-se nos filhote de Mira ...e não sei o quê e Niobe não se pode nem pensar numa coisa dessa, embora ela tenha um trabalho dela de uma certa maneira...O Flusser mantinha aquela conversa, claro que ele por dentro saberia, estava sabendo distinguir uma coisa de outra, mas ele escrevia sobre a Niobe com a mesma ênfase, assim como Ely Bueno, que é uma outra artista completamente diferente desse quadro de artistas. Enfim, não era um crítico de arte, não.

(Depoimento de **Antonio Henrique Amaral** / artista plástico / 11.02.1999)

AH - Bom, o que eu, o que me impressionava muito na personalidade dele era não só a vivacidade, o *alertness*, ele era uma pessoa extremamente alerta, profundamente curioso. A curiosidade dele era imensa, ele queria saber tudo sobre tudo, sobre política, sobre artes, sobre tecnologia, sabe? Ele estava, ele punha muitos componentes no seu balaio para pensar em cima, entende? A síntese que ele pretendia era extremamente ambiciosa porque ele jogava, ele gostava de recolher todas essas informações das diversas áreas da atividade humana, entende? E artes, com certeza, atraiu muito ele como materialização de idéias, de emoções e dessa relação com o mundo exterior, sabe? Com a realidade circunstante e esse embate do corpo com a tecnologia, como hoje nós estamos atravessando aqui, o nosso embate da nossa cabeça com a cabeça do computador, a digitalização do nosso pensamento, você entende? Quer dizer, tem até um livro aí que chama-se [*How the mind works*], que tem como modelo o computador para explicar os fenômenos da consciência, entende? Quer dizer, eu não sei até que ponto ele vai chegar a um bom termo nisso, mas enfim, ele vê o computador como um modelo de raciocínio para o homem investigar a sua própria natureza, entende? Quer dizer, o Flusser se divertia muito com isso, ele se interessava muito e a curiosidade dele embarcava muito forte nesse embate do corpo com a técnica, entende? E no fundo, isto era o que estava acontecendo na minha pintura, entende? A banana contra os metais[39]. A banana era um personagem e os metais eram, sabe, era a civilização, era o garfo, a faca; eram metáforas de domínio, de força, mas ao mesmo tempo, eram materiais feitos, era metalurgia, era o corpo contra os metais.

RM - É o tema clássico: a natureza e cultura.

AH - Certamente. Então, quer dizer, isso sempre foi um dos pontos centrais, me parece, do pensamento dele e do interesse dele. E isso continua sendo até hoje, objetivo-subjetivo, todos esses opostos, natureza-homem, homem-natureza, o que é feito, o que vem feito, enfim...eu acho que isso é a indagação que ainda nós estamos fazendo e vamos continuar fazer por muito tempo e ele estava nesse rolo.

(Depoimento de **Gabriel Borba** / arquiteto, artista plástico e ex-assistente de Flusser / 26.01.1999)

GB - E esse é que era o ponto básico que eu acho desse período do pensamento do Flusser que era a montagem de modelos. E daí toda essa coisa que eu falei antes do Flusser pegar tanto faz de onde, citações enquanto referência para construção de modelos próprios. Havia para

---

[39] Série comentada por Vilém Flusser no artigo, originalmente escrito em 1974, publicado entre outros em: Campos de batalha. *ARTES,* (43): 7-9, 1975.

ele 4 espécies de modelos: a política, a filosofia, como é que era? A política, a ciência e a arte, na verdade eram esses 3 modelos principais, depois tinha um negócio de fé e crença e tal, já que você mencionou a religiosidade. Mas de qualquer forma, a idéia geral dele era que com esses 3 modelos principais, você poderia ter uma participação no mundo desalienada, muito mais do que qualquer ação que você pudesse fazer no mundo que não fosse uma ação de coleta de referências. E a filosofia nada mais era do que as possibilidades de ligação entre os diversos modelos. No fim era arte, política e ciência.

RM - O modelo da fé foi proposto por você, não foi?

GB - É, foi. Foi.

RM - Agora, eu tenho a impressão que o uso de modelos e também a vertente semiológica do Flusser, sempre me parece que foi um dos motivos que permitiram um diálogo mais fácil com os artistas.

GB - Não. É porque nós estávamos falando no primeiro bloco dessa coisa, se o Flusser tinha essa ligação com os artistas...não, ele não tinha. Mas ele via nos artistas e não importa quais, é completamente isenta a coisa, não importa a qualidade do artista, claro que ele tinha uma admiração grande pela Mira, mais global, uma admiração pelo Flexor por determinados motivos, mas não importa isso. Para ele importa ou importava os recursos que o cara oferecia para criação dos modelos, para a idéia de modelo. E a arte justamente é proporcionar um modelo de vivência o que é particularmente importante para o filósofo porque é dentro desse modelo que ele percorre os outros modelos de conhecimentos dados pela ciência e o modelo de comportamento dado pela política.

Arte e crítica

(carta de **Vilém Flusser** a Antonio Henrique Amaral, enviada de Fontevraud (Maine-et-Loire) / 08.04.1974)

...o problema do gesto é problema da corporeidade. No fundo é o corpo que medeia entre “mim” e “meu mundo”. Não é tanto com e contra telas, (ou máquinas de escrever), que gesticulo, mas com e contra minhas mãos, meu olhos, meus dedos. Mas o corpo é coisa extremamente confusa: confunde-se do lado de cá comigo, do lado de lá com meu mundo. Urge fazer fenomenologia do corpo, antes de toda e qualquer fenomenologia da arte. Se quero criticar tuas bananas, é a dança do seu corpo munido de pinceis e telas que devo criticar primeiro. Senão caio não na bananidade, mas na banalidade. Devo procurar ver, em outros termos, o que você revela de seu íntimo com relação à banana, o que você procura esconder, e isto tudo por intermédio do seu “estar-aqui-em-carne-e-osso”. Pois no meu artigo sobre você não fiz isto[40]. (...) E Stacy, de maneira intuitiva, sentiu tal falha minha a seu respeito. Pode dizer isto a ele, se quizer, e traduzir esta carta para ele. Diga também a ele que não concordo com uma atitude “junguiana” perante uma leitura simbólica do gesto, coisa que esqueci dizer na carta que escrevi para ele ante-ontem.

---

40 Refere-se a ensaio originalmente escrito em 1974, publicado entre outros veículos em: Campos de batalha. *ARTES,* (43): 7-9, 1975.

(Carta de **Guimarães Rosa** a Curt-Meyer Classon, enviada do Rio de Janeiro / 27.08.1967)

Quanto ao Flusser, ele é culto e entusiasmado, e lúcido e arguto. MAS é também "intelectual" demais. Descobre coisas em meus textos, que vê bem, mas está ele mesmo possuído por suas próprias teses, em matéria de língua e linguagem, e se apaixonou por elas. Não tenho as intenções que ele me atribui, de maneira alguma. A língua, para mim, é instrumento: fino, hábil, agudo, abarcável, penetrável, sempre perfectível, etc. Mas sempre a serviço do homem e de Deus, do homem de Deus, da Transcendência. Exatamente como o amigo entendeu, sentiu e compreendeu. Estamos juntos, nós dois. Alegro-me imensamente com isso.

Mira Schendel: interlocução

(Depoimento de **Maria Lília Leão** / advogada, produtora de tv / 05.09.1998)

ML - (...) Quando a gente chegou na casa do Flusser, a Mira Schendel tinha acabado de sair pela primeira vez que ela foi visitar o Flusser. E nós pegamos o impacto do Flusser com a personalidade da Mira. Veja a reação do Flusser: O Flusser estava impactado, com o cachimbão dele, quieto, falando e disse: "Pois é, acabamos de conhecer Mira Schendel, esta dinamarquesa que também saiu fugida do nazismo, perdeu a família inteira e não sei o quê... - aí ele ficou quieto, não falava nada - é...o que eu posso dizer dela? É uma santa..."

RM - Ele já (tinha) visto, ele conhecia as obras da Mira?

ML - Isso eu já não sei dizer. Ele, vendo como personalidade a Mira, ele disse "É uma santa..." Aí nós: "Ela é uma santa, Flusser?" Aí chegou a Edith Flusser falando em alemão qualquer coisa e ele: "Não, não, eu estou dizendo que ela é tão chata, tão chata, que ela só pode ser uma santa!" E realmente a Mira era dose, entendeu? Ela tinha um sotaque muito forte, ficava com aquele cigarrinho dela assim, entendeu: "Mas, Flusserrr - ela falava bem assim - Mas Flusserrr, o que você acha dos gringos (?)..." e ficava fumando assim...aí o Flusser começava a falar e ela: "Não, mas os hindus não concórrdam com isstoo.." Mas ela era dose, viu?

RM - Mas ela tinha essa pose dura?

ML - Essa pose dura, com aquele sossego assim, com aqueles óculos de fundo de garrafa, sabe? Sempre vestida de homem, de botina...

RM - Dava uma bela dupla então...

ML - Aliás, a simbiose que aconteceu na obra da Mira depois que conheceu o Flusser, nossa, foi fantástica!

(Depoimento de **José Bueno**/ advogado, amigo próximo/ 14.01.1999)

JB - Quem era uma presença que adorava essas reuniões era a Mira Schendel. A Mira levava uma vida muito isolada, de artista desconhecida. Ela custou para se firmar, morava longe, tinha dificuldades econômicas, morava em Santo Amaro, e a Mira freqüentava. Para Mira aquilo era um pulmão da Mira e esse (Romy) Fink ou outro tomava a palavra e não deixava a

conversa seguir os interesses, ou dentro da linha que a Mira preferia.. A Mira ficava desgostosíssima, porque ali era a única distração da Mira, essas reuniões eram para Mira um momento de participação na vida social e também de convívio intelectual. A Mira na época era muito pouco conhecida. A Mira depois foi sucessivamente conquistando nome e reconhecimento que, aliás hoje, todos aceitam como uma das grandes artistas que tiveram o Brasil. Era muito interessante a Mira, a Mira era uma pessoa com um temperamento muito especial.

(Depoimento de **Alan Meyer** / psicanalista, freqüentador dos primeiros grupos de estudos / 04.02.1999)

AM - Tinha, tinha, tinha muito entusiasmo. As famosas reuniões do terraço, que a Dora estava falando aí, desfilava uma quantidade de pessoas fantásticas. Todo o domingo estávamos lá para tomar chá, bolo e bater papo. E esse papo ia embora. E era divertido porque você não sabia quem ia aparecer. Às vezes era um, podia ser, digamos, o Renato Cirell Czerna, que era um filósofo ligado à filosofia do direito e tudo isso, outro dia podia ser um artista plástico, podia ser o Antônio Henrique Amaral, podia ser a Mira – a Mira em geral estava lá quase todos os domingos também. E as discussões se pegavam. A Mira era ligada a questões teológicas, então ela lia, por exemplo, Ernst Bloch, a teologia negativa do Bloch e de repente ela vinha com tudo aquilo e outros teólogos que estavam pintando na Alemanha na época, e então ela fazia toda uma coisa que ninguém sabia, nem o Flusser conhecia muito. Então havia uma discussão e isso ia adquirindo ímpeto e havia o Longman que então se discutia psicanálise, aliás, de uma maneira muito crítica e bastante, eu diria hoje, sem levar em conta o aspecto vivencial da psicanálise, era muito no nível teórico exclusivamente. Mas era tudo muito vivo e muito *ad persona*, sabe? Era muito ligado às experiências de cada um...o Flexor com seus monstros, o que é que significava os monstros e a interpretação que ele dava porque tinha aquele buraco no meio do monstro, quer dizer, o monstro que ao mesmo tempo carrega dentro de si o vazio, o nada e lá vem o *Bodenlossigkeit* outra vez.

Retorno à Europa: lembrança do Brasil

Viagem de estudos à Europa e EUA (1966)

(Carta de **Vilém Flusser** a Celso Lafer / 28.04.1966)

> Vou para Espanha, Alemanha, Áustria, Praga, (!) (sic), talvez Israel, e Usa. Quero falar, mas também ouvir. Assunto qualquer relacionado com filosofia, de preferência da língua.

(Carta de **Vilém Flusser** a Celso Lafer,enviada de Soglio, Itália / 05.09.1966)

> Estados Unidos: Tenho o convite de Cornell. Obrigado. Imagino que chegarei fins de novembro ou começo de dezembro. Serve? Devemos ver ainda as seguintes pessoas: Wilson Martins, (NYU), Alex Kafka, (Charlotteville Va.), Josef Runz, (Toledo Ohio), Actor's Studio (NY), Richard Morse, (Yale, Newhaven Conn), Giorgio de Santillana, (MIT, Cambridge Mass). Como vê, o programa é vasto. (...) Talvez seria também interessante visitar o Ferrater Mora? Para você compreender: viajo pelo Imataratí (sic), mas também encarregado do IBF, Da Escola de Arte Dramática, (agora fazendo parte da USP), da Poli, (Vargas), e do Estado (Suplemento)."

(Depoimento de **Milton Vargas** / engenheiro, professor da Escola Politécnica, amigo próximo / 28.01.1999)

MV - Todo esse interesse do Flusser se originou quando depois da Revolução de 1964, ele foi encarregado pelo Itamaraty de fazer uma espécie de diplomacia, mostrando nos Estados Unidos e na Europa, a situação, vamos disser assim, intelectual do Brasil.

Ele esteve nos Estados Unidos em contato com vários professores americanos, depois esteve na Europa também em contato. Nos Estados Unidos, por exemplo, ele esteve em contato com Quine (Willard van Orman Quine), o grande matemático, lógico-matemático americano; na Europa ele esteve em contato com Hannah Arendt, de maneira que, eu creio que foi esta missão dele, essa missão que ele recebeu é que o fez ver que a posição dele na Europa seria uma posição de maior relevância do que aqui neste país. Na Europa ele poderia ter o contato com pessoas e participado de movimentos que aqui de nenhuma maneira ele teria oportunidade.

(...)

RM - O senhor sabe de onde saiu o convite para o Itamaraty? Qual foi o contato que aproximou o Flusser do Itamaraty?

MV - O contato do Flusser no Itamaraty eu suponho que tenha sido através da filha dele, a Dinah.

RM - Mas ela era uma jovem candidata à diplomata.

MV - Pois é, uma jovem, mas ele tinha um contato muito grande no Itamaraty com o Guimarães Rosa, mas ela sempre, vamos dizer, a pessoa que o levou ao Guimarães Rosa, a pessoa que o levou a ter contato com esses diplomatas do Itamaraty foi a filha dele, a Dinah.

RM - Mesmo jovem? Ela era muito jovem.

(**KLINTOWITZ**, Jacob. *Pintar a Mona Lisa hoje...* JT, 23.08.86, caderno de programas e leituras, p.1)

Contudo, é este homem voltado para as novas tecnologias da comunicação, do registro e das novidades da produção científica que, no ano de 1967, fez quase uma centena de conferências nas universidades européias explicando o governo militar brasileiro como uma tomada do poder para colocar ordem na casa e posterior devolução do poder aos civis. Nesta época era professor no Rio de Janeiro, na Escola Rio Branco[41]. Ajudava a formar os diplomatas brasileiros. Em 1968 continuou a fazer conferências, mas já não falava em nome do governo brasileiro. Parou de 'cair no logro de suavizar a Revolução'. Talvez esse logro seja possível para os que descrêem absolutamente nas ideologias. Para Flusser, um homem que faz reflexão sobre a era pós-industrial, obviamente não existe a ideologia como discussão de projetos sociais e políticos opostos. A luta se situa, ao contrário, em intervir na sociedade cibernética e conseguir a possibilidade de o indivíduo ser livre.

(Carta de **Vilém Flusser** a Celso Lafer, enviada de Kassel, Alemanha / 01.11.1966)

Caros rapazes, esta carta coletiva, atrazada e resumida procura dar-lhes uma rápida idéia das primeiras impressões sofridas. Um pouco mais de 2 mezes de Europa, mas tanta geografia e tantas variações climáticas quanto 2 anos brasileiros. Primeiro Roma: a tomada de contacto com a sociedade abastada. A opulência do proletariado, a distribuição igualitária de riqueza ofusca a cidade eterna. Elegância com vulgaridade, cosmopolitismo do pequeno burguês, futilidade da economia milagrosa. Mas, depois, e a despeito de tudo isto, a permanência da beleza de uma Piazza Navona, dos restaurantes no Trastevere, dos pinheiros. Como sempre: o renascimento intragável, o barroco monumental e solene, (já esquecemos devido à caricatura que é o barroco brasileiro), o gótico como cúmulo do Ocidente, os romanos clássicos vulgares mas tornados belos pelo dente roedor dos tempos, e, por cima, a arquitetura fascista e americanista (tão semelhantes). Depois Assisi, o gótico ingénuo dominando o paraíso que é a Umbria, com os irmãos gémeos São Francisco e Giotto, Peruggia como ilha bizantina com sua ortodoxía grotesca e seus chocolates, dezenas de vilas romanescas e romanas ao longo da Vila Flaminia, (rota imperial contra os etruscos e germanos), Florença, (museu desagradávelmente enturisticado), Milano, cúmulo da elegância e 'desenvolvimento', e Soglio. Beleza indescritível. Calor tropical a dois passos de geleiras. Flôres depois de quase trinta anos. Campos paleolíticos com desenhos mágicos, torres romanas, igrejas góticas, palácios barrocos, prados esmeraldas, bosques verdes, lagos azuis, picos brancos. Excesso de beleza. Chur, (a clássica Curia Rhetorum), capital dos romatsch, romanesco entre geleiras, enclave católico, tradição protegida do progresso pela riqueza. Luzern, a burguesía medieval, solidez e mesquinhez tornadas beleza. Zuerich, banqueiros e

[41] Apenas como palestrante, não como funcionário permanente.

banqueiras sentados, duerrenmattianamente sobre as catedrais de Carlos Magno em Cafés com doces. Floresta Negra, Heidegger transformado em árvores, autopistas e vinho nobre. Strasburgo, sem comentários por razões wittgensteinianas. E Frankfurt.

Mudança de enfóque: pessôas. Adorno, que quase genial, procurando reconquistar Hegel por detrás de Marx, escrevendo sua 'dialética negativa'. Max Brod, velhinho surdo, gentil, insignificante. Coing, o grande intelectual alemão, nobreza e finura, mas fechado. Korn, editor da Frankfurter, alto nazista que expía. Meyer Classon, abrasileirado, isto é: humano. Freund, leitor do Fischerverlag, tradição e vivacidade, (talvez edite o Diabo). Primeira publicação minha na Frankfurter Allgemeine. Munique, cerveja, restaurante de Hitler (excelente), depois de dezenas de anos primeiro teatro, Grassi ausente, Paeschke da Merkur poseur e farçante (sic), Yara Bernette autêntica arte, Schmale, (seu marido), e o psicoanalista-computador em funcionamento, e sempre maior consciência das compensações do nazismo. Publicação na Sueddeutsch Zeitung. Viena, nazismo à tona. Mas, quand-même: Burgtheater, Hofburg, Stadtpark, Heuiger, em suma cultura, (raios que os partam). Mas, quand-même: Friedrich Heer, Gênio meio louco com visões arrazadoras, Zand, (verdadeiro avant-gardista), conferência na Sociedade de Literatura com presença do ministro da educação, presidente da biblioteca nacional, secretário do presidente da república; e sou aceito pela Presse. Neste interim minha mulher em Praga: terrível. A mais bela e culta cidade oprimida pela cretinice e mesquinhez do comunismo. Moral de mendigos e sistema de creche para adultos. Não tanto miséria, quando semi-pobreza sem esperança. Fracasso tornado palpável. Stuttgart, sou aceito pela Kohlhammer para 'Língua e Realidade'. Ótima discussão com Bense, que é considerado, na Alemanha, puro charlatão. A cidade mais rica imaginável, post-história portanto. Vilas são arranha-céus, impossibilidade derradeira de distinguir classes: todos são aristocratas recortados dos funny pictures. Frankfurt novamente e sou aceito como correspondente da Frankfurter Allgemeine. Hamburgo: ordem e progresso. Minemann, típico funcionário da cultura, inteligentíssimo e coisificado. Grossmann, crítico à la Anatol, mas três níveis mais elevado. Italiaander, segundo ou terceiro gênio da viagem, africólogo, amigo de Lumumba, Genghor, Konyatta, e do padre presidente do Congo francez com coleção colossal de arte negra. Espero trazê-lo. Conferência na Academía das Artes. Colonia: catedral, altar de Lochner, túmulo de Albertus Magnus. Klug, reformador das leis penais, filósofo de direito, um Reale como devería ser. Velha cultura. Bonn, o Ren, Koblenz, o pai dos rios. Conferencia na Sociedade brasileira na presença de deputado federal e ministro. Bela discussão. Kassel e Arnold Bode. Construtor de cidades. Quarto gênio, (desculpem a inflação). Nicholson no chão, Moore debaixo da mesa, Picasso na cadeira, máscara africana como suporte de livros e urna etrusca como cinzeiro. Conferência na universidade hontem, e seminário hoje. Juventude excelente, (mas não como Vocês naturalmente). Resumo: A Alemanha só tem um tema: nazismo. Uma nuvem negra e indissolúvel. Impossibilidade de livrar-se da culpa. Complexos. Cultura mássica (sic), mas patológica. Teatro, música, pintura revolucionários, mas apologéticos. Impressionante. Belo. Não é para mim. Nesta não caiu. (sic)

Saudades de todos Vocês.

Perda de laços

(Depoimento de **Luiz Aguiar** / advogado e filho de José Bueno / 20.10.1998):

RM - Mas você conhece bem esses, vamos chamar assim, essa fase do Flusser - eu chamo de Flusser como tutor, então como educador de história da Filosofia, dos jovens que ele encaminha e tudo o mais. Então, tem uma relação muito forte e eu tenho a impressão, conversando com vários deles, que uma boa parte do grupo, a partir de um certo momento, o Flusser se esgotou, tem uma relação...algumas pessoas são muito críticas hoje em dia em relação ao Flusser, tem uma distância que me parece antes de mais nada, o problema de uma proximidade, quase o sinal oposto de uma oportunidade muito forte, uma influência muito marcante na educação que eles tiveram.

LA - Olhe, eu ousaria dizer que esse pessoal de certa forma se tornou dependente demais intelectualmente demais do Flusser, está certo? E ao se tornar muito dependente, para se livrar, tiveram que brigar com o pai; eu acho que foi uma explosão quase de adolescência intelectual, está certo? Quer dizer, houve um momento em que se eles continuassem ali eles não conseguiriam. Agora, sem nenhuma possibilidade de imaginar, menosprezar a inteligência de alguém, como filósofo seguiram muitos poucos.

RM - Na verdade o contato que eu tive com essas pessoas, eu senti dois aspectos que me deixaram um pouco decepcionado: Um é essa sensação de ruptura muito forte, então, perdeu-se laços, a produção européia ninguém acompanhou, mesmo Maria Lília que é uma pessoa que até hoje é uma estimuladora, organizou livros...

Ideologias

(Carta de **Vilém Flusser** a Beti Lafer, São Paulo / 03.03.1968)

(comenta a reação violenta de Beti à posição política de Flusser em relação à guerra na Algéria em encontro no dia anterior)

Para mim a situação atual na Algeria é uma réplica, (embora pálida), do nazismo: fanatismo, nacionalismo, govêrno da turba, predominância de chavões, ódio disfarçado, miséria mascarada por festas, ausência do pensamento independente, do prazer da vida culta, da liberdade de escolher livros, amigos e pensamentos, em suma: a perda da doçura da vida. É disto que tenho horror, (e não do comunismo, como pensa Flexor). A meu ver, nada justifica um tal estado de coisas, nenhum argumento ideológico ou sentimental, e nenhuma injustiça precedente. Note: não estou defendendo os Paras, nem o colonialismo dos francezes. Afirmo apenas que tudo é melhor que o fascismo atual na Algeria, e que, comparado com ele, até Salan pode ser defendido. Repito, não tenho horror de situações como a de Praga, (que acho apenas chata, cinzenta e sem esperança, e que, objetivamente, pode ser muito melhor que a brasileira). Tenho horror de situações como a algeriana, e que surgiria no Vietnam e no Brasil se os americanos perderem, (como provavelmente perderão no futuro).

Vocês, em compensação, capta a realidade pelo modelo 'direita-esquerda'. Para Você, portanto são os americanos os direitistas, e mais parecidos portanto com Hitler que os chinezes. A guerra no Vietnam é para Você uma espécie de guerra alemã na Polonia, portanto um puro crime. Enquanto para mim ela é um terrível mal para evitar males mais terríveis. A explicação disto é, creio, que Você, felizmente, desconhece o nazismo. Não sabes que é mêdo da polícia, do informador, do toque de campainha. Por isto chamas, levianamente, o governo americano de fascista. E convidas, com isto, um verdadeiro

fascismo, aqui, como em toda parte. Por favor, pense com mente aberta sôbre esta carta, e diga todos os argumentos contrários, para que eu saia do meu erro. Porque eu seria feliz se pudesse, como tu, defender, (e que seja apenas com palavras), os coitados dos Vietnamitas contra o napalm. Creia que me sinto infeliz não poder fazê-lo com consciência tranquila.

Cordiais abraços

(Carta de **Beti Lafer** a Vilém Flusser / 05.03.1968)

Para nós, o grande problema é não só preservar as liberdades individuais mas eliminar o sub-desenvolvimento. Se não sairmos do subdesenvolvimento estamos fadados a uma ditadura, quer militar de direita, quer de esquerda. A alternativa é ou revolta da massas (sic) seguida de repressão violenta ou o crescimento econômico. É na miséria que está a ameaça à liberdade de pensamento e ao que o senhor chama a "doçura da vida'. Parece-me que o senhor simplifica a realidade e tem uma fé excessiva nos americanos, vendo-os como a cavaleiros medievais. Não nos ajudarão a não ser quando ameaçados de perder sua área de influência.

É no conflito esquerda-direita que está a nossa força, nosso poder de barganha. Só quando houver ameaça de violência e nossa posição na luta internacional de poderes fôr forte é que os países desenvolvidos se decidirão a nos dar auxílio externo, respeitando ao mesmo tempo nossa independência. O momento presente é um triste exemplo da situação inversa: as possibilidades de revolta popular no Brasil são tão remotas, que os Estados Unidos desistiram de todo esfôrço para a promoção do nosso desenvolvimento. A América Latina é uma área segura, e portanto abandonada.

(...)

Na discussão de sábado fomos todos violentos e nos deixamos levar pelas emoções. Chocou-me ouvir de um homem como o senhor, por quem tenho amizade e admiração, cuja autenticidade como pessoa e integridade intelectual aprico (sic) tanto, uma observação, a de que 'não importa que morram 100 ou 200 mil vietnamitas se com isso nós pudermos ficar vivos mais alguns anos'. Já disse que não creio que o sacrifício seja eficaz; mas se fôsse, eu não sei se escolheria viver. Acho que o mínimo que pessoas como nós, que não temos um sistema absoluto de valores, podem fazer, é ficar na dúvida: vale a pena matar?

(Carta de **Vilém Flusser** a Celso Lafer / 15.03.1968)

(reporta discussão violenta na quarta passada; o tom é o de perda dos amigos frente as posições políticas)

A minha posição política não pode ser desexistencialisada, motivada apenas por belos princípios éticos na teoria. Porque devo estar sempre preparado de demonstrar as minhas convicções por atos. Se não o puder, não tenho o direito de articulá-las, tenho o dever de articular aquelas que com efeito motivam meus atos. Porque são estas nas quais me assumi, ou deixei de assumir-me. Se vivo em São Paulo, não posso ser sionista, e tenho o dever de articular opiniões antisionistas. Se tenho ações da Finasa, não posso ser socialista, e tenho o dever de articular opiniões anti socialistas. Mesmo se, 'objetivamente', o sionismo e/ou o

socialismo estiveram mais de acôrdo com os meus modelos teóricos, devo denega-los. Porque a minha vida é prova, para mim e para os meus outros, que os deneguei de fato. Isto é o terrível na política: não permite pura teoria. E é isto que me faz odiar a política e amar a teoria.[42]

Situação inviável

(Depoimento de **Mauro Chaves** / advogado, produtor de teatro / 08.02.1999)

RM - A motivação para voltar para a Europa... ele manifestou alguma coisa clara?

MC - Eu acho, em primeiro lugar como eu disse para você, ele sempre foi um europeu aqui, ele nunca se entrosou na realidade brasileira. Como houve, eu acho, uma rejeição recíproca, quer dizer, ele foi se afastando, se afastando, as pessoas...quer dizer, foi perdendo espaço na mídia também, quer dizer, ele saiu - brigou com o *Estado*, brigou com a *Folha* - ele já não tinha lugar para escrever como ele queria e para ele, ele quando escrevia na *Folha*, por exemplo, chamava-se *Coluna Zero* que ele tinha...

RM - *Posto Zero*.

MC - *Posto Zero*, ele dizia que eram 150.000 pessoas (que) liam, não sei se chegava...eu (sou) articulista há muitos anos (e) a gente não sabe o número de leitores que têm, né, mas ele achava que tinha, garantia que tinha, para ele era importante; ele era extremamente vaidoso, extremamente vaidoso, era muito vaidoso, mas vaidoso intelectual, vaidoso de querer que as pessoas admirassem as coisas dele. Então, eu acho que foi havendo uma espécie de rejeição recíproca. O meio intelectual, cada vez mais achava e também tem uma outra coisa, aí falando um pouco em favor dele, ele meio injustamente era também conotado como um cara de direita, e ele não era! Não era. Por que? Porque ele era amigo de pessoas, do Heraldo Barbuy, do Roque Spencer Maciel de Barros, do Miguel Reale, do Vicente Ferreira da Silva. E, todas pessoas extremamente conotadas como fascistas e que no fundo também não eram fascistas. Quer dizer, o único que foi integralista foi o Miguel Reale, foi, né? Mas não eram pessoas fascistas, não eram, eram pessoas realmente de direita. Fascista assim que eu digo, coisa mais ampla. Agora, o Flusser era muito [anatematizado], era muito visto como dessa panela, a panela do IBF -Instituto Brasileiro de Filosofia, fundado pelo Miguel Reale, que aquilo é uma coisa que meio particular do Miguel Reale - que reunia o pessoal lá e o pessoal tinha, era assim: o pessoal do IBF e Miguel Reale lá e nós aqui. Tinha um pouco essa história. E digamos até um certo preconceito contra o Flusser, que havia por parte

---

[42] De todos os incidentes similares, o mais conhecido, no entanto, dentro do grupo dos alunos mais próximos, ocorreu com Alan Meyer, gerando uma discussão pública durante palestra realizada no Instituto Goethe no final dos anos 70.
(E-mail de Edith Flusser / 31.08.1998): **.**"O incidente se passou provavelmente durante a guerra do Vietnam. O Alan acusou injustamente o meu marido de simpatizar com os EEUU. De fato a explosão do Alan era violenta revolta do filho contra o "pai". O meu marido ficou pasmado. A relação com Alan (de Celso e outros) com V. F., professor, era muito intima e no caso do Alan mais intima ainda, porque o pai de Alan vivia longe, era muito doente ou já tinha morrido naquele tempo."
Veja também depoimento de Alan Meyer ao autor, em transcrição integral, inclusa no cd-rom em anexo.

daquela cúpula uspiana, marxista, não dos alunos - dos alunos que ele sempre teve e que faria um Ibope fantástico - e isso também era uma razão de atrito; quer dizer, ele fazia muito Ibope, muito mais do que a maioria ou de quase todos ou de todos eles. Então isso era um problema. Então ele foi se afastando, claro, quando ele foi perdendo espaço, perdeu espaço na mídia, perdeu espaço na universidade, ele foi perdendo os espaço dele, entende? Então no fundo, no final, ele ficou apenas com as palestras particulares que ele dava. Ele dava palestras no Goethe Institut, dava palestra na casa dele, palestras com essas senhoras, convidadas da dona Ema, ele...entendeu? Eram lugares que ele podia dar e ganhar alguma coisa pelo trabalho dele. Então, foi perdendo, perdendo e via que a perspectiva que ele tinha na Europa era muito maior, era muito maior; parece que demorou até chegar, mas foi crescendo e chegou, chegou...

(Carta de **Vilém Flusser** a GildaSeráfico, enviada de La Font Chaude / 03.11.1976)

"...os cursos, conferências e contactos que tive em São Paulo tiveram, vistos aqui e agora, a vantagem de lançar luz relativizante sobre a minha atividade européia. Embora não me tenha entrozado no ambiente paulista, (a despeito da enorme atração por ele exercido sobre mim), assumi-me paulista o suficiente para agora guardar distância com relação ao ambiente provençal, (e, por quê não dizê-lo?, provinciano). Pois o distânciamento, (a ironia, a "transcendência"), são pontos de vista produtivos para atividades como a minha, cuja meta é muito mais dúvida e crítica que engajamento. E isto talvez explique porque eu não me entrozei em São Paulo: a dúvida e a crítica são minha profissão, (ou 'vocação', para recorrer a termo mais elegante), e São Paulo convida ao engajamento. Mas é claro: a antinomia 'dúvida: engajamento' só se sustenta especulativamente. Existencialmente os dois polos coexistem. Não é apenas a despeito de dúvidas, mas por causa de dúvidas, que a gente se engaja, e não é apenas a despeito de determinado engajamento, mas precisamente por causa de determinado engajamento, que a gente duvida, (da causa, de si próprio, e do significado de todo engajamento). De modo que minha recusa de re-engajar-me em São Paulo, e meu desinteresse de engajar-me plenamente aqui, talvez seja produto não tanto de dúvidas, como de 'certezas': este é o momento de se ficar por fóra, já que estar de dentro é atualmente estar na fossa. Creio que com isto a amiga concorda, (veja-se sua idéia de abandonar a 'cidade', isto é, a 'polis' e não apenas a poluição).

(Carta de **Vilém Flusser** a Mira Schendel, enviada de Robion / 16.12.[1972])

Querida Mira, dois fatores impediram, a meu ver, que se realize o tão necessário diálogo entre nos, ao qual os dois tanto tendiamos: o cerco ao qual fui constantemente submetido, e determinada reserva, (para não dizer 'pudor'), sua. Foi grande pena. Não obstante, os poucos e esporádicos instantes de contato que tivemos bastaram para eu me dar conta quanto estou perdendo pelo fato que não posso trocar idéias contigo. Não poderíamos suprir tal falta por cartas?

Como sempre, as impressões brasileiras eram violentas, tanto emocional quanto intelectualmente. Agora, com um pouco de distancia temporal e muita distancia espacial, parece-me que o mais perturbador e o fato que vocês no Brasil parecem viver num Eisberg que vai derretendo, e que vai sendo arrastado em direção oposta a da Europa por corrente da

qual ninguém está se dando conta. Como o Eisberg e muito grande, vocês o estão tomando por terra firme. Não me quer sair da memória peca de teatro, apresentada em Praga em 39 sob titulo 'Lide na kre = Leute auf dem Eisberg', cujo autor esqueci, mas que trata da sociedade burguesa face a Hitler. O céu artificial, amarelado como o enxofre de Louis Bec, sob o qual vocês estão vivendo, me parece sintomático da sua situação: o inferno enaltecido. Mundo virado de cabeça para baixo. Com todos valores invertidos, em vez de revalorados, transvalorados, ou 'superado'. O que esta se preparando em S.Paulo não me parece pois ser revolução, mas reviravolta. Não 'Umbruch', mas 'Zusammenbruch'. Ou pelo menos 'Einbruch'[43], no sentido de 'assalto' de cada um, individualmente, contra todos. O que mais me impressionou, foi que vocês estão isolados um do outro, e não obstante vivem, todos, o mesmo processo de desintegração da sociedade.

Isto se reflete, por certo, em todos os domínios, inclusive no da dita 'arte'. Tua honestidade artesanal, aliada ao teu intelecto critico e tua imaginação disciplinada, destoam da cena que acabo de desenhar em traços tão violentos. Como se você estivesse vivendo em tempo e espaço 'diferentes', em, no sentido etimológico do termo, 'utopia'. Mas não posso deixar de diagnosticar sintomas de 'Zusammenbruch' também nas coisas tuas que vi na Galeria Figueiredo. Você não quer me mandar dois ou três slides para eu fazer critica por ocasião da exposição que a galeria esta preparando?

(Depoimento de **José Bueno** / advogado, amigo próximo / 14.01.1999)

JB - O mais provável... O Flusser, como todo o ser humano, as pessoas tem crises, todos nós temos, e quando chega-se numa certa idade, a crise é quase que inevitável. Uns atravessam bem, outros mal e a crise própria... Entre os 40 e os 50 anos, a crise é quase que fatal, poucos escapam. O Flusser teve uma crise pessoal de identidade, uma crise de ajustamento, que ele naturalmente atribuiu às condições brasileiras. As condições não eram boas, mas ele não tinha nada que ver. Na verdade, para ele não eram más. Porque o regime de direita, o Flusser era um homem que tinha um pensamento de direita. O intelectual do regime, o mais brilhante era o Reale, que adorava o Flusser e dava cobertura [ostensiva] para o Flusser. Para o Flusser não conseguir nunca, nada.

RM - Mas o Reale não contribuiu na contratação pela USP, na renovação.

JB - O Flusser não quis! Eu sei. O [Alpino] me contou essa história...O Flusser não quis. O Flusser estava em crise e acreditou que a crise decorria do fato dele estar no Brasil, do regime, ou da situação brasileira em geral, quando não tinha... A situação não lhe era estranha, a situação...a única coisa que ele tinha era o seu pensamento que era mal expresso, não era tão facilmente...era de direita, portanto, trazia água para o governo, promovia o governo. Mas ninguém sabia. (...) O amigo do Reale...o Reale estava muito garantido pois [hoje ele está ativo] e [isso] comprova os fatos. Ele teve uma crise pessoal, talvez alguma situação que eu não conheço, que ele não se referiu, a um mal entendido mais amplo e coisa, mais geral, o tenha levado a entrar em estado de inquietação, ou desajuste e coisa ou a sentir-se ameaçado, coisa que não era verdade. Ele estava muito bem, estava abrigado, ele tinha um guarda-chuva grande...a chuva não o atingiria nunca. Ele poderia ter continuado lá na universidade, ele não quis ir lá assinar o termo, coisa...eu conheço essa história. E tinha além

43 Na seqüência, o título da peça, *Pessoas sobre o iceberg.* Umbruch=revolução, transformação radical. Zusammenbruch=ruína, falência. Einbruch= assalto, roubo, queda.

disso, o Milton Vargas que é uma pessoa de alta projeção lá e que era fraternal amigo. É essa a história.

O exílio: descobrir-se na Europa

(Carta de **Vilém Flusser** a Alan Meyer, enviada de Neuille par Vivy, [França]/ 31.08.1973)

> Não perca tempo. É uma oportunidade que não quero perder. Explico sem falsa modéstia: Meu pensamento nunca foi adequadamente distribuído no Brasil, porque nunca me deram a importância que me dão na Europa. Agora sei que sou 'válido', coisa que a circunstância brasileira encobriu para mim por razões que não vem ao caso. Depois de 30 anos de sistemática diminuição pelo ambiente assumo-me o que sou: pensador original e "relevante" para alguns dos problemas mais importantes da atualidade. Pois o Brasil continua sendo meu público, e a editora Documentário de Margulies está disposta a abrir, finalmente, tal público para mim[44].
>
> (...)
>
> Posso romper, daqui finalmente o ostracismo ao qual a circunstância me condenou durante tanto tempo na forma de marginalização, diminuição, crítica impertinente e academismo. Não tome isso por megalomania: sei agora objetivamente que os que me criticaram, leram ou não leram, etc. simplesmente não perceberam o meu trabalho. Sei isto objetivamente, no sentido de poder comparar a atitude brasileira com a européia com relação aos meus escritos. Você deve compreender a angústia que isto me dá: sei que posso ser elemento decisivo na 'decolagem' cultura brasileira, mas os brasileiros, inclusive você, o ignoram"

(Depoimento de **José Bueno** / advogado, amigo próximo / 14.01.1999)

JB - ... no fim, o Flusser converteu-se à sua condição de europeu, porque ele passou por fases. Num certo período, no fim da vida dele, ele tornou-se um europeu militante, se é possível isso. Então, ele atraía, ou melhor, ele qualificava os amigos de acordo com o seu europeísmo. (...)

Sobretudo no que diz respeito à sua essência cultural, porque vinha aqui um outro problema também, esse problema do Flusser é importante: existem várias Europas. Isso que para nós é a Europa, que é a península ibérica e a Itália sobretudo, o brasileiro vê muito a Europa em função do Mediterrâneo. Na verdade, essa gente é pouco européia. Essa gente teve muito contato, primeiro com a África e depois com a Ásia, com o Oriente Médio. E essa gente tem uma experiência muito variada. Há uma Europa européia propriamente dita, que é donde vem o Flusser. É a Europa que não conhece nada a não ser a Europa. Eles não tem mar! Toda a história deles é centrada em terras, é centrada por exemplo num problema histórico deles: o abastecimento de sal, porque eles não tem mar. Então todos guardam o sal, o tesouro é o

44 Enfatizando o interesse em publicar no Brasil, tema reiterado em várias cartas a Alan Meyer, para o qual enviava originais a serem apresentados a editoras.

sal. Desse mundo que vem o Flusser. Desse mundo onde o tesouro é o sal. Isso explica o comportamento dele e explica para nós as loucuras européias. Essa loucura que nós assistimos agora nos Balcãs, é o mundo que não tem mar, porque na verdade o Tirreno... Aquela gente balcânica tem uma cadeia de montanhas e eles não tem acesso; na verdade eles estão interiorizados, são populações que...e assim vale para os Balcãs todos, vale para os húngaros, para os romenos, para os poloneses. Há uma gente na Europa, uma grande parte da Alemanha, os tchecos, eles são europeus. A visão de mundo deles, a história deles, os vizinhos, as línguas... é um negócio fechado, é uma cultura antiga e variada. O Flusser vem desse mundo.

RM - O senhor acompanhou a decisão do Flusser de voltar para a Europa, como é que foi isso?

JB - Acompanhei. Ele queria inclusive que eu mudasse com ele para a Europa, coisa que...mas eu disse para ele que sair do Brasil é impraticável...em outros tempos eu podia, na ocasião eu tinha uma situação econômica bastante folgada, eu podia ir para a Europa. Mas ele ficou muito inseguro para ir para a Europa e ele primeiro morou em pequenas cidades. Ele tem outra coisa, esse negócio do Flusser na Europa é uma coisa complicada. Eu o conheci, passei, visitei, viajei com ele pela Europa 2 vezes ou 3 vezes, nem me recordo mais, e conheci as casas dele. A situação dele tinha uma particularidade: ele se vangloriava, por exemplo, de morar na França muitos anos e não ter relações com o francês, o que é verdade, porque o mundo francês é quase que impenetrável.

RM - Mas a decisão também de morar no interior me pareceu estranho, não é?

JB - Porque tinha um problema também: ele não dispunha de tantos recursos. A vida no interior era razoavelmente barata, entendeu? Esse foi um problema que o Flusser teve também. Morar em Paris, por exemplo, é muito caro: a locação é cara, o aluguel é caro, a vida é cara. Morar no interior é mais barato. Ele morou primeiro em lugares onde ele ficou muito isolado. Ele morou no Loire, morou numa região muito bonita, esqueço o nome da cidade; depois ele descobriu o sul da França. O sul da França é uma região que se despovoou muito e sobraram as casas dos camponeses, que estão vazias; tem uma quantidade enorme: chamam-se [méss], é a região da Provence, aquela região. Essas casas estão vazias e a região é muito bonita, tem um clima ameno. Então um grande número de intelectuais, vindos dos 4 cantos, inclusive da França, se estabelecem nessas casas. Fazem pequenas reformas, são casas de pedra e portanto fáceis de aquecer no inverno, confortáveis e onde eles se estabelecem lá. E toda aquela região que o Flusser estava, tinha muitos intelectuais, americanos, norte-africanos - eu conheci alguns - alemães, tchecos, era gente que... A vida era barata e eles viviam lá. E o Flusser uma vez me disse que... na verdade a população francesa é muito arredia. O contato com intelectual francês é muito complicado porque a inteligência francesa hoje está arregimentada nas universidades e aquela que não estava arregimentada nas universidades, o governo francês descobriu um expediente para domesticá-los. Não é a primeira vez que o governo francês inventa expediente para domesticar... O exército foi domesticado através das lutas no norte da África - a conquista da Argélia, aquilo tudo, foi uma maneira de pôr fora da França uma gente inquieta, uma oficialidade aristocrática muito intratável, etc. Eles domesticaram criando a *Recherche Scientifique*. A *Recherche Scientifique*, talvez de científica tem muito pouca coisa, arregimenta gente que... Eu conheci uma infinidade de pessoas pertencentes a *Recherche Scientifique* e que me pareceram pouco científico em primeiro lugar e, em segundo lugar, sem nada de excepcional, mas eram pessoas inquietas. Então a França tem expedientes para essa gente ficar tranqüila.

(...)

A França é toda organizada assim. Então para um estrangeiro, sobretudo destituído de títulos, como é o caso do Flusser, e ele apresentava o título "Professor da Universidade de

São Paulo" etc. mas para eles universidade de índio, não tem o menor sentido...porque ele lecionou aqui então ele teria o direito de usar o título. E tinha, na verdade lecionou na Universidade de São Paulo. Mas ele não tinha acesso a essa gente, porque na França não tem acesso. E o Flusser tinha um detalhe, aqui entra um detalhe curioso do Flusser: como interromperam os estudos acadêmicos do Flusser - o Flusser não tinha formação acadêmica - o que por aí lhe foi favorável, porque se ele tivesse formação acadêmica provavelmente o prejudicaria! Aquela enorme originalidade dele não foi prejudicada por preconceitos de ordem cultural que existem, na verdade a cultura é cheia de preconceitos. Isso deu uma grande liberdade para ele. A falta de formação lhe foi favorável, mas ele tinha um respeito tradicional europeu pela formação acadêmica. E meteu-se logo num país que é a república das letras! A república das letras e é fácil ver isso. Então ele tinha uma espécie de, ele tinha um certo medo de pegar essa gente. E qualquer pobre diabo que se apresentava com esses títulos, logo adquiria para o Flusser um dourado próprio. Coisa que não justificava, porque eram pessoas incomparavelmente menos dotadas do que ele.

Bom, mas ele conservou isso. Eu não sei qual foi a relação dele com a inteligência alemã, eu não tenho idéia.

Robion

(Depoimento de **Maria Lília Leão** / advogada, produtora de tv / 19.01.1999)

ML - Em 1984 eu estive na Europa com uma bolsa de estudos do MEC e fiquei na França. E aí o Flusser já morava definitivamente em Robion - porque logo que ele foi ele não sabia nem onde morar. Ele foi para Londres, depois foi para a Itália, depois foi um pouco para a Suíça, a fronteira da Itália com Suíça. E aí que ele decidiu realmente ficar na França, no sul da França, porque esteta como ele era e pesquisador e amante assim da natureza e das paisagens, ele escolheu Robion que era uma aldeiazinha muito pequena...imagina, de 6.000 habitantes, ele chegou lá e compraram uma casinha no estilo provençal e as cartas que ele me escrevia dizendo: "Estamos fazendo uma pequena reforma na casinha e estamos escavando não sei quantos metros, não sei o quê...descobrimos um terraço romano! Aí teve que fazer outras escavações por causa dos encanamentos e descobrimos algumas coisas gregas. Veja: Isto é a história, é o chão da Europa, Maria Lília!"

Visitas ao Brasil: reencontros

(Depoimento de **Maria Lília Leão** / advogada, produtora de tv / 19.01.1999)

ML - Bom, aí passam-se alguns anos porque o Flusser vem ao Brasil para dar palestras, principalmente na Bienal e eu sempre estava freqüente, mas eu nunca tive aquele contato mais forte, mais íntimo que eu tive em 1983, quando de repente eu estou trabalhando no CENAFOR, que era uma fundação ligada ao MEC e eu vejo lá um rebuliço danado: "Um homem maluco entrou aí para dar um ciclo de palestras e ele não quer entrar no auditório porque ele se recusa a dar uma palestra num auditório aonde tem bandeiras". Lá no CENAFOR que era uma instituição oficial, tinham bandeiras do Brasil, de São Paulo e a bandeira do CENAFOR, ali, aquela coisa bem oficialista. E todo mundo lá, lotado, e ele

simplesmente saiu. E eu: “Mas quem é esse maluco?”. Ele já começou a encrencar quando pediram o RG dele. Pediram o RG dele e ele: “Como? Vocês me convidam, venho da Europa para dar uma palestra e vocês não sabem quem eu sou?”. Mas era simplesmente o porteiro, né? É que o Flusser não tinha essas formalidades, entendeu? Quando eu vou saber lá: “Quem é esse cara? Interessante esse cara....” - “É um tal de Vilém Flusser.” Eu cai na risada e aí eu me reencontrei com ele: “Você! O que você está fazendo aqui?” - “Eu trabalho aqui, Flusser.” - “Ah meu bem, que coisa horrorosa! Eu não vou de jeito nenhum dar palestra aonde têm bandeiras.” Aí a Relações Públicas: “Eu não sei o que eu faço, Maria Lília. Só se tiver que falar com o diretor...” E o diretor do CENAFOR é daqueles caras super-burocratas, formalíssimos - o Pedro Caran. E aí o Flusser falou: “Como? Você não sabe o que fazer? Eu vou! Me mostra aonde é a sala do diretor.” E foi, andando na frente da Relações Públicas e tudo e todo o mundo andando atrás dele: “A sala dele é lá.” E ele: “Venha comigo, Maria Lília.” Eu falei: “Pronto, é agora que eu vou ser mandada embora do CENAFOR.” Ele entra sem ser anunciado, entrou assim, abriu a porta...estava o Pedro Caran na sua sala, com a sua caneta de ouro e o Flusser com aquele jeitão dele: “Muito prazer! Eu sou Vilém Flusser e eu estou muito zangado com o senhor...” Botou o dedo assim no nariz do Pedro Caran. E ele: “Mas como?” - “É, eu vim dar uma palestra aqui e eu me recuso a ir naquele lugar aonde tem bandeira. O senhor sabe por que? Bandeiras são ideologias, são fronteiras. Portanto, é fascismo! E eu fugi da Alemanha por causa do fascismo. Chego aqui e encontro bandeiras? Não!” Só sei que ele sentou lá, começou a conversar com o Caran, o Caran adorou o Flusser e em 10, 15 minutos falou: “Prepare uma sala especial para esse homem aí dar a palestra dele.”

E a partir desta aventura, eu comecei a ter uma relação mais profunda e mais pessoal com o Flusser, também por uma questão psicológica porque eu perdi o medo do Flusser; eu deixei de ser aquela jovenzinha que ficava assim encantada, fascinada e petrificada com aquela cultura monstruosa do Flusser, que a cultura dele até nos agredia. Porque a gente fazia teste com o Flusser naquela época da geração dos jovens, a gente lia uma notícia no jornal sobre a Somália por exemplo. Chegava e: “Ah, porque a Somália da África...”. Então ele dava uma aula sobre a Somália, entendeu? A população, as etnias, a cultura e não sei o quê, como é que era a história da Somália...a gente saía de lá: “Ah, não é possível”. Então a gente se sentia um pouco agredida. Aí eu resolvi simplesmente me relacionar com o Flusser, não que eu resolvi, foi todo uma maturidade, não é? E ver o Flusser como uma pessoa extremamente generosa, autêntica, sincera e lúdica. Então, esse negócio de ficar agredido pelas coisas do Flusser é uma grande bobagem porque tudo o que ele fazia era ludicamente.

E outra coisa que eu aprendi, por isso que se tornou uma relação interessante com ele, íntima, não só de amizade mas também de dialogar com ele, é que eu percebi que ele gostava da provocação, da provocação autêntica, não a provocação boba de se levar a melhor. Então quando você conhecia um assunto e o Flusser começava a falar e você não concordava e começava a provocá-lo e ele dizia: “Mas por que você pensa assim? Você não concorda comigo por que?” Se você desse um argumento que fosse inteligente o Flusser te respeitava.

Meu engajamento brasileiro

(Carta de **Vilém Flusser** a José Carlos Ismael, enviada de Davos, Suíça / 12.01.1990)

Meu caro José Carlos,

tua carta de 16/12, que me alcançou atrazada aqui na montanha mágica, coincide em seu conteúdo com o esforço de balanço no qual estou empenhado. Você está relembrando fase da nossa vida comum (S. Mendonça) que entra no lado positivo da balança (graças às tuas palavras elogiosas). Mas o saldo geral é duvidoso. Gostaria de te submeter um dos aspectos mais dolorosos desse meu 'reckoning', a saber o fracasso do meu engajamento brasileiro, e que seja apenas por você poder compartilhar parcialmente a experiência comigo.

Passamos no Brasil entre 40 e 71, com breves interrupções e com repetidas voltas rápidas a partir de 80. Distingo três fases: (1.) readaptação à vida depois de Auschwitz, (2.) engajamento nas coisas brasileiras, (3.) desengajamento. As três fases se recobrem, mas cada qual tem clima dominante: (1.) perda do real, e sensação do absurdo, (2.) tentativa de dar sentido ao absurdo por participação em aventura 'brasileira', (3.) decepção seguida de tentativa de creatividade isolada. O que quero discutir nesta carta é a decepção com S. Paulo.

Tem ela aspectos objetivos e subjetivos que se coimplicam. Objetivamente ia se tornando obvio que as virtualidades culturais inscritas na sociedade brasileira (as quais pareciam querer emergir nos anos 50) não se iriam realizar no decorrer da minha vida. Subjetivamente tinha eu de me inclinar diante a evidência que jamais conseguirei influir decisivamente na cena cultural brasileira. As duas coisas se complicam: tivesse a tendência rumo a uma cultura despreconceituada, aberta e sincrética se realizado, certamente minha contribuição teria sido aceita; e tivesse minha contribuição publicitária, pedagógica e dialógica tido influência, os rumos da cultura teriam sido outros. Mas isto não impede que, retrospectivamente, a coisa me surpreende. A falência cultural brasileira não se explica apenas economica- e socialmente, já que a classe produtiva é suficientemente numerosa para sustentar-se. E minha falência pessoal não se explica apenas enquanto rejeição, já que o tecido social europeu me absorve, malgrado a falta do meu engajamento. Elaborei várias hipóteses para explicar o fenômeno, e proponho a seguinte (aliás publicada em 'Zeitmitschrift' há poucos mezes:

Para que surja 'cultura' (no sentido de sistema de valores a serem opostos ao ser-assim) é necessário que a vida seja estruturada por três espaços existenciais distintos: o privado (econômico), o público (político), e o teórico (sacro). Ora, em S. Paulo falta o espaço público, a res publica, a ágora, o que explica a tal 'corrupção' e 'irresponsabilidade': a coisa publica é tomada por res nullius a ser espoliada por interesses privados. Pois se não há republica, se (para falarmos com Platão) as idéias não são aplicadas às aparências, então o espaço privado vira absurdo, e o espaço teórico paira no vasio. Isto me parece descrição fiel do clima vital paulistano. Aglomeração de espaços privados economicamente motivados, e lugares teóricos desconexos entre si e com a sociedade. O aspecto estético disto (o clima de desolação) é revelador, já que o aistheton de fenômeno é mais articulado e mais concreto que reflexões analizadoras.

O que acabo de oferecer como explicação da falência cultural paulistana (e brasileira) parece negado pela abundância de discussão 'política' nos media e na conversa quotidiana ('eleições, partidos, etc'). A quantidade indigestível de comentários 'políticos' nos jornais por exemplo parece indicar consciência política da sociedade. Creio que pelo contrário, o fenômeno confirma minha tese. Nas discussões e nos comentários não se articula consciência política, isto é: senso de responsabilidade intersubjetiva, mas curiosa mistura entre sensacionalismo lúdico (como nas contendas de football), revolta econômica privada, e tentativa de racionalizar a própria impotência face a decisões dificilmente localizáveis e analizáveis. A discussão política paulistana revela, a meu ver, precisamente a falta de politização da qual falei mais acima. O remédio não é 'politização das massas' mas abertura

de autênticos espaços públicos, mas precisamente isto é atualmente inimaginável em massa amorfa como o é S. Paulo.

Se minha análise for correta, todo engajamento cultural vira alienação em tal contexto. Admito que a cena por mim projetada é infernal, mas talvez seja isto minha visão 'subjetiva', depois da decisão de abandoná-la, e depois de visitas esporádicas que apenas revelam decadência lenta mas inexorável. Espero ansiosamente por teus comentários, já que tua experiência é necessáriamente diferente da minha e já que ignoro qual teu engajamento.

Minha falência enquanto 'brasileiro' não é a minha única derrota. Falhei igualmente enquanto judeu, e enquanto engajado nos valores da 'esquerda'. Talvez minha atividade de ensaísta tenha tido resultado um pouco mais positivo, mas não ouso esperá-lo. O confronto com a morte tem isto de positivo: obriga a olhar-se no espelho.

Depoimentos

Relação geral de depoimentos colhidos durante o projeto, parte deles utilizadas neste resumo.

Depoimentos em vídeo (projeto *Faap/TV USP)*

(transcrições integrais inclusas no CD-ROM em anexo)

Alan Victor Meyer
Antonio Henrique Amaral
Ary Plonski
Dora Ferreira
Flavio Calazans
Gabriel Borba Filho
Gabriel Waldiman
Haroldo de Campos
Herbert Duschenes
Jacqueline Aronis
João Borba
José Artur Giannotti
José Bueno
Lurdes Xandó
Maria Lília Leão
Maria Olímpia .Vassão
Mario Ramiro
Mauro Chaves
Miguel Reale
Milton Vargas
Monica Barth
Otávio Donasci
Roberto .Keppler
Rubens Fernandes Jr

Depoimentos em áudio

Ada Schendel
Antonio Henrique Amaral
Edith Flusser
Herbert Duschenes
Jacob Klintowitz
Luiz Aguiar
Maria Lília Leão

Depoimentos não gravados

Eduardo Longman
Ely Bueno

Imgard Longman
Isaac Epstein
Jacó guinsburg
Jorge Felipe Henry
José Carlos Ismael
Miguel Flusser
Paulo Figueiredo
Rodolfo Ricardo Geiser

Contatos

Alice Brill
Anésia Pacheco
Aracy Amaral
Bento Prado
Bernardo Issler
Décio Pignatari
Dinah Flusser
Haroldo de Campos
Henry Sobel, rabino
Herbert Lepargneur, padre
Ismail Xavier
Ivo Mesquita
Jairo Casoy
Jorge Carvajal
José Luiz Aidar
Júlio Plaza
Leônidas Hegenberg
Luiz Aguiar
Márcio Scavone
Marcos Magaldi
Maria Tereza Vargas
Mario Ramiro
Mario Sproviero
Miguel Flusser
Moracy de Oliveira
Nelson Lopes da Silva
Regina Silveira
Renato Mezan
Rizeke Pekelman Aronis
Sérgio Prado
Suzana Amaral
Walter Zanini
Yvoty Macambira

Conclusão

Monólogo interior: à guisa de posfácio

(por Ricardo Mendes)

A estrutura do projeto viu-se marcada ao longo de seu desenvolvimento por duas vertentes intensamente relacionadas. A dialógica, expressa no centro desta dissertação, no capítulo *Flusser: uma história dos diabos*, conseqüência natural do processo de trabalho de pesquisa como um todo. E a hipertextual, expressa nos sites, na leitura cruzada presente no capítulo *Ação Cultural: relato de experiência*, entrelaçando os diversos documentos inclusos no cd-rom de documentação.

Embora a apresentação da dissertação corresponda à etapa final do programa de pós-graduação para obtenção do título correspondente os desdobramentos previstos no projeto, inconclusos, entram em fevereiro de 2001 em produção.

Entre eles, o destaque maior é o vídeo *Depoimentos*, que pretende, a partir das gravações aqui trabalhadas, estabelecer o passo seguinte proposto por Flusser em *Bodenlos:* a busca do diálogo. Através da fala do autor ao produzir os perfis de amigos e intelectuais, articulado com os depoimentos atuais, a estrutura do vídeo pretende comentar seu fracasso no engajamento brasileiro, em suas próprias palavras.

Tanto a edição do capítulo 2 - *Flusser: uma história dos diabos*, como também o vídeo *Depoimentos*, diferem do restante das atividades, pois já marcam um passo além das etapas de gerar documentação, estabelecer instrumentos de referência e planos de difusão sobre a obra de Flusser. São ambos um primeiro desligamento, em busca do afastamento crítico, em busca da reflexão que esta extensa obra exige.

Como conclusão, neste espírito, mantendo a vertente do diálogo, segue um trecho do depoimento de Jacob Klintowitz. Por fim, o paradoxo do título desta conclusão *Monólogo interior* é referência direta ao confronto que estes encontros geraram no candidado, o entrevistador. A cada entrevista, a cada fala, sempre a busca última do outro, no caso, Flusser. Sempre a busca da análise de sua presença, sua marca. A

cada minuto, a luta contínua para estabelecer estratégias de aproximação com cada depoente. A expressão *Monólogo interior* retrata assim esse trabalho, tal elaboração.

A exclusão

(Depoimento de **Jacob Klintowitz** / crítico de arte / 12.11.1998)

RM - (...) O que me espanta em relação aos anos 60 e que eu comecei a descobrir, foi uma diversidade, uma efervescência cultural de grupos com produções próprias, revistas e cursos muito grande, muito grande. E que eu tenho impressão hoje que... entre as interpretações que eu dou, talvez um pouco o clima da Revolução, depois o esvaziamento cultural depois do AI-5, que na verdade, as coisas foram se fechando e essa dinâmica foi se quebrando, entre outras ...(...) E que nos anos 70, por exemplo, quando eu já era um jovem universitário, esse tipo de vida intelectual já tinha estagnado; um porque já era um país com outro quadro, um país com televisão nacional, com massificação de sistema universitário, milagre econômico. E aquele tipo de produção cultural, de difusão cultural tinha desaparecido, então era muito, já não tinha o mesmo peso, as grandes revistas semanais... Então, eu sinto, de certa forma, isso perdeu muito durante os anos 70, essa vitalidade que a gente não conseguiu recuperar assim.

JK - Eu, quando teve o Golpe de 64, eu era universitário. E o clima no país antes do Golpe era de grande euforia. Parecia que o Brasil seria um grande país. O Brasil estava produzindo teatro, estava muito, produzindo literatura, produzindo música popular, cinema. Havia um frescor no país, havia; as coisas estavam florescendo. Tinham vindo para o Brasil alguns italianos ligados a área de teatro. E aquilo tornou o país alegre, aquela coisa deu certo. Eu me lembro que eu morava em Porto Alegre e que eu ia, mas não era só eu, eu fui assistir uma conferência em Porto Alegre, devia ter 18 anos, do Gianni Ratto; tinham mais de 1000 pessoas assistindo no campus universitário, quer dizer, era uma efervescência, havia uma crença no país. E éramos muito simplórios também, sabe? Éramos muito simplórios. Eu me lembro, tomando chopp com o Oduvaldo Vianna Filho, o meu encantamento com o saber dele; depois você até vê que ele não sabia tanto...mas era uma coisa que ocorria, tinha o Gianfrancesco Guarnieri que era brilhante, tinham pessoas que iam produzindo coisas importantes, faziam parte da história cultural brasileira; os cartunistas eram inteligentes. Então, eram coisas que estavam ocorrendo e nós éramos, ao mesmo tempo, muito ingênuos; nós éramos um país quase rural.

RM - Mas a área cultural também tinha uma estrutura de produção muito precária, muito simples.

JK - Muito. Nós éramos muito, era uma coisa muito ingênua o Brasil.

RM - E eu tento ver assim um quadro paralelo, o sistema universitário na área de artes não existia porque as faculdades de comunicação foram criadas em 1968, 67; os cursos de arte universitários foram um pouco depois disso. Só em meados dos anos 70 é que surge a área de pós-graduação nesse segmento.

JK - E nós éramos inteiramente dissociados do mundo, nós nem éramos profundos como os grandes pensadores europeus, nós não sabíamos onde estavam as questões verdadeiras e ao mesmo tempo nós não tínhamos o mundo contemporâneo que os americanos tinham. Então, quando veio o Golpe militar, a perplexidade era enorme e toda aquela efervescência ela não tinha uma base real. Era um desejo de uma pequena burguesia ascendente, de uma pequena classe média, era em torno, o Brasil era muito simples. E aí veio o golpe militar, toda a América ficou sob esse regime porque era no Uruguai, era na Argentina, era não sei o quê e, de repente, quando desaparece essas perspectivas, o que parecia que era o desiderato, que era a oferta, era a Bolsa de Valores. Todo mundo queria ser um jovem executivo, queria vencer na vida, pôr um blazer, não sei o quê. Também isso era uma coisa frágil, porque era uma certa imitação da objetividade americana.

RM - É. Eu tenho impressão que é assim: De repente, nos anos 70, o que é que tinha? Tinha o milagre econômico, o esvaziamento cultural, tinha um índice de consumo crescendo, televisão nacional....

JK - E aquele negócio que me impressionou muito, que eu sentia muito: havia um medo das pessoas que pensavam o país, que era espantoso, que era desproporcional até.

(...)

JK - E havia um pânico, havia evidentemente a classe média que reagia de maneira fisiológica: “não quero saber de nada, quero ganhar a minha vida, quero fazer isso aqui e por favor, não crie perturbação”. Parecia um país ocupado, sabe? Porque os militares eram estranhos à vida do país. Eles estavam presentes, eles eram fortes, mas a gente não sabia que eles existiam.

RM - A era dos coronéis, eu me lembro.

JK - A gente não sabia que eles existiam, era uma...de repente, descobre que eles existem; a gente tinha uma crença tola que o exército brasileiro era diferente do exército argentino, que o nosso exército tinha uma formação popular, e que na Argentina, a Marinha era uma elite, uma aristocracia, que aqui era diferente. Era uma estupidez que a gente acreditava, que a gente vivia uma série de burrices assim. Mas o medo que passou a existir era muito desproporcional à própria realidade.

RM - A gente criou também muito espaço do chamado poder médio, que era o poder do coronéis. Então, a Embrafilme era de um coronel, a outra (empresa) de um outro coronel, todas as grandes estatais, só pensavam em coronéis, eu não sabia que no exército tinha tanto coronéis num exército só. Mas de qualquer forma, é nesse contexto que hoje em dia eu tento entender mais o Flusser, como uma figura que teve um pequeno problema, ou seja, uma pessoa que tinha uma grande produção intelectual, muito interessante por ser na mídia, ou seja, na imprensa diária, não era alguém que foi se enclausurar e fazia uma revista fechada de filosofia ou ter uma carreira (acadêmcia). Não. A obra dele foi escrita nos jornais e nas revistas. Se você contabilizar a produção de livros é tudo elaboração desse material. E ele trabalhava de uma forma obsessiva, então você têm textos que são trabalhados ao longo de 10 anos e vão crescendo, crescendo, crescendo. Isso é estrutural na obra do Flusser. Mas, quer dizer, ele circulava muito, tinha essa dinâmica, escrevia muito, escrevia e reescrevia, porque um artigo podia ter versão em alemão e português. Era a forma de ele pensar. Então, era o diálogo interno através das línguas que ele usava. Eu tenho a impressão que no fundo ele caiu numa certa armadilha que ele deixou-se criar. No princípio, como envolveu uma crescente ideologização em termos dos grupos tomarem posição, eu tenho impressão que ele não tomou posição. ... e como ele também já tinha essa questão de estar muito próximo ao Reale e não ter tomado uma posição clara...

JK - E eu entendo, porque na época éramos muito intolerantes com as pessoas como ele, porque a gente estava penando muito, e éramos de um, não tínhamos matizes, a gente era maniqueísta mesmo.

RM - O quadro impôs isso, eu acho, e aí ficou “sim ou não” e quem...

JK - É claro que ([a situação era]) mais elaborada do que éramos, podiamos...mas nós não tínhamos a experiência histórica. O Gerd Borheim que era meu professor de Filosofia foi cassado; e aí havia uma perseguição porque seria um homossexual, isso tudo. Quer dizer, era uma coisa revoltante. E eram habitualmente os melhores professores, eram os mais brilhantes. Então era uma coisa muito chula, porque não só havia ditadura como a ditadura brasileira era primária. Esses militares e eu falei com muitos, eles eram muito primários, eles eram...bem, eu não falei com Castelo Branco, mas com coronel, general, acabei falando, às vezes até forçado. A visão de mundo deles era uma visão muito aquém de qualquer coisa, eles eram muito provincianos. Então, o que eles se horrorizavam, às vezes, eram liberdades burguesas do início do século, que ele achavam que eram uma dissolução dos costumes. E aí a gente tinha pouca flexibilidade.

Mas eu me lembro que no Rio, quando eu fui para o Rio, eu trabalhei no Instituto Nacional do Livro que era presidido pelo Augusto Meyer. E eu me

lembro que meu primeiro encontro com Otto Maria Carpeaux, veio essa amargura também, porque o Carpeaux saí da Europa na Segunda Guerra. Chega aqui e de alguma maneira ele se ilude com o Brasil, com o país de possibilidades, de um país que fosse vital, que não tivesse os vícios que tinha a Europa. E de repente, ele...vem uma ditadura militar troglodita, primária, ele deve ter recordado da vida dele, deve ter sido pior aqui do que deve ter sido em Viena, de onde ele veio.

(...)

RM - A leitura que ele (Flusser) fez dá a impressão de que ele estava [vendo] tudo redivivo, uma coisa assim. [Aaparentemente] com as histórias de que ele ficou extremamente perturbado, ficou enlouquecido...

JK - É. O meu pai é europeu, ele era lituano. E veio para o Brasil também foragido da questão política, porque ele era um homem de esquerda, ele tinha uma militância no jornalismo do seu país

RM - Não é polonês Klintowitz?

JK - Não, era lituano, filho de russos, e ele veio para cá porque ele não podia ficar lá. E ele, quando a família dele morreu na Segunda Guerra Mundial, toda, não sobrou ninguém. Então a Europa para ele representava um mundo terrível. Quando veio a ditadura militar ele não teve essa posição. Ele teve uma compreensão histórica, que era uma determinada circunstância do país, circunstâncias internacionais, o país optava por determinadas coisas, estava sendo reprimido. Ele teve uma visão correta, dentro do mundo dele ele viu o que era e ele não ficou decepcionado com o Brasil. Ele, a formação do meu pai era uma formação marxista, mas era um marxista militante. Então ele tinha vivência das contradições, não ficou nessa posição, nessa amargura. Mas eu vejo que muita gente depositava uma expectativa idealizada no Brasil. Me lembro que quando eu estava no instituto Nacional do Livro, o Augusto Meyer que era um homem brilhantíssimo, fantástico, um homem refinadíssimo, foi substituído por um general. E ainda dizia que era um general literato e claro que quando ele saiu, eu saí junto. Eu estava fazendo a *Revista do Livro*. E as pessoas estavam numa irritação, num negócio. Eu até me lembro que na ocasião eu disse: Mas vocês esperavam o quê? Que o Instituto Nacional do Livro ficasse com o Augusto Meyer, ficasse com a gente? Tinha que ficar com um militar, usando um núcleo de controle aqui. Que ilusão! Eu me espantei que as pessoas ficassem nessa revolta, porque era uma coisa tão natural. Que os militares não iam ocupar essas posições..?! .Até uma estratégia, tinha que ocupar essas posições, tem que tomar conta do setor de energia, é isso que eles fazem. Os militares eram simplórios porque em determinado momento eles pensavam que controlavam o país. Eles não sabiam quem controlava eles na verdade.

RM - E nesse contexto que eu vejo um pouco o Flusser hoje em dia assim, tentando entender essa figura, essa trajetória perturbada, porque com esse novo clima, essa nova situação, de repente a reforma universitária que não só vai homogeneizar, como vai preparar para um ensino de massa; então ela, foi logo depois que o ensino de Filosofia vai ser abolido das escolas, uma coisa típica disso (...) Uma coisa muito objetiva para o mercado também, é que a atmosfera foi reduzindo em termos de atuação, não era necessário ser perseguido, não havia (espaço) para nenhum tipo de produção. Então, por isso que quando eu vejo algumas manifestações um pouco contraditórias do Flusser, que ele era perseguido pela esquerda, pela direita, eu vejo muito nesse contexto pessoal de que ele não tomou posição, outro que ele não soube interpretar a situação e outro que não havia espaço para ninguém mesmo, em termos de crescimento. E aí é que eu acho que ele tem uma peculiaridade: Ele têm uma produção que não aconteceu na universidade, ele não se encaixava com o perfil acadêmico, não havia nem esse público de pós, de pesquisa, onde ele pudesse criar um nicho, tipo um, de ficar abrigado, ele não tinha onde ficar, não tinha esse público. Tá certo que ele se interessa em um certo momento da obra dele de dirigir a discussão em relação aos artistas. Mas aquele momento eu acho que não havia espaço para isso ainda, ... já estava inscrito naquela época, mas era um interesse não cristalizado dele. E também assim: eu acho que ele tinha uma dinâmica em procurar esses locais, em escrever muito, em circuitos de palestras muito intensos, de manter os cursos, que não sei se nesse momento dá para manter isso, porque tinha fechado para todo mundo, o quadro tinha se fossilizado. Então, eu acho que essa desilusão, agregada com essa questão conjuntural, ele realmente... a única possibilidade que ele tinha era sair. E eu estava vendo nessa entrevista[45], ele menciona aquela viagem aos Estados Unidos e que ele diz que ele fez um serviço da ditadura, que tentou amenizar; eu acho até interessante porque nunca ficou claro, era uma questão muito sensível saber que tipo de papel que ele teve, já que ele foi pago pelo Itamaraty naquele momento para fazer uma viagem aos Estados Unidos e Europa.

JK - Agora, o mundo também era um mundo como é hoje: contraditório. Você podia fazer um trabalho ligado, eu não conheço essa história direito, você podia fazer um trabalho ligado ao Itamaraty que não era à serviço da ditadura militar. O próprio Itamaraty ele era um órgão alinhado evidentemente ao governo, mas era um órgão de defesa do Brasil. Ser um diplomata brasileiro não significava que o sujeito era um...

RM - Que era um representante colado à ditadura.

JK - É, é, não significava.

45 Pintar a Mona Lisa hoje... JT, 23.08.1986, caderno de programas e leituras, p.1.

RM - É que no seu texto ele fala isso, eu fiquei meio assim, porque ele reconhece que fez esse papel de amenizar as coisas da ditadura.

JK - Às vezes, talvez ele estivesse se punindo.

RM - Acho que é mais ou menos nesse sentido também.

JK - Porque eu me lembro que tinha essa discussão com a Bienal. Ele falou: A Bienal no Brasil de uma certa maneira é uma propaganda do regime militar. Mas como? Então é uma loucura...então...

RM - Viver é uma propaganda, né?

JK - Eu me lembro que no Rio uma vez, o Mário Pedrosa e eu tivemos uma discussão. Porque o Mário ele defendeu até um...foi um momento de irritação dele, que ninguém fizesse mais nada, para ficar claro que estávamos sob regime de repressão militar. Aí, eu gostava de contradizer o Mário Pedrosa, para encher o saco dele, eu disse: Não, acho que é o contrário, cada um de nós deve abrir uma escola, montar um ciclo de palestras, deve [virar ?] uma parte da população para esclarecer as coisas, é o contrário do que você está dizendo. Porque era uma confusão entre o governo e o país. Você pode fazer um trabalho, você pode ser um professor universitário, sem ser um adepto de coisa nociva.

RM - Exatamente. Porque essa opção de paralisação total, não-ação é quase um favor, né? No sentido contrário.

JK - É, porque eles amariam isso. Porque em todas as áreas o mundo continuou. O sujeito desenvolveu técnicas de cirurgia, o outro desenvolveu não sei o quê. Como é que faz? O mundo pára?

RM - De certa forma então, hoje eu tentei uma interpretação nessa trajetória pessoal do Flusser, esse esgotamento, a questão da não-análise (avaliação) correta da situação.

JK - Os intelectuais tem muito essa preocupação porque você na verdade não sabe quando está sendo usado ou não, é difícil você saber porque você não sabe qual é o planejamento secreto dessas coisas. Mas o desejo que o artista, o intelectual tem de produzir a sua própria obra é a principal parte, é o *animus* dele. Então o sujeito vai adiante, ignora um pouco as circunstâncias sociais, ele quer fazer o trabalho dele, ele precisa fazer o trabalho dele.

RM - E o que eu acho curioso, é que passados 10 anos, então nesse momento, o Flusser quando voltou para cá, ele teve várias perdas. Uma dessas perdas que eu acho é a perda com o grupo original dele, porque essa perda foi em função de papel. E tinha um papel ligado à história da filosofia, análise de filosofia da linguagem, um certo papel nos anos 60 que nos anos 70, com a produção na Europa, que ele estava interessado em novas tecnologias, o

vídeo e tudo o mais, tinha um descompasso. Esse grupo original não acompanhou a produção dele, não estava interessado nesse segmento.

Eu tenho pessoas bem próximas que deixaram bem claro: o Flusser [interessava]-se por comunicação e isso não era o nosso Flusser... e eles falam isso no sentido assim de amargura, era uma pessoa que eles recebiam de volta, mas não era mais a pessoa que eles tinham contato, admiração. Eles tinham apreço, achavam interessante, ainda aquele brilho, as polêmicas e tudo o mais. Mas não era mais aquele Flusser, ele tinha perdido o vínculo.

JK - Construiu uma ...imagem estática dele.

RM - Não conheciam a obra, porque a obra dele começou, no começo foi publicado em francês ... isso você encontra. Na hora que ele explode no mercado alemão, aí ninguém acompanhou mais nada. Aí a coisa fica totalmente distante e fria. É um velho amigo que vem que você não tem mais uma relação muito clara , você tem uma relação com aquele ...

JK - Porque ele seguiu com as preocupações que ele foi encontrando no mundo e o Brasil estava...

RM - E ele foi alimentado lá, ele teve uma alimentação lá fora de debate intelectual e com panorama de informações e instrumentações que ele não tinha aqui. Exatamente isso. Então, ele tem um desenvolvimento, ele encontrou um berço fértil lá. Curioso, que de certa forma que ele foi procurar um pólo para residir quase um exílio, porque é sul na França. Eu acho que até falo isso nesse texto[46], a expectativa de um brasileiro, de você imaginar que ele fosse estabelecer-se numa grande capital. Não. Ele foi, mesmo lá ele ficou no exílio e na França; de repente, ele foi explodir na Alemanha. De qualquer forma, [reflete] um pouco essa dúvida, essas contradições de voltar para a Europa, para aonde ele estava olhando...

(...)

RM - (Flusser) É uma figura mítica assim, eu ainda não consegui entender uma figura que alimenta..., quanto mais eu converso com as pessoas, eu nunca sei o que é verdade, o que é mentira. É você na situação do *Cidadão Kane,* porque de repente eu comecei a perceber que ele criava informações, ele mesmo...

---

46 Uma referência ao texto do candidato apresentado no simpósio *Vilém Flusser no Brasil*, incluso nos anais, editados pela Relume-Dumará (2000).

Anexos

Anexo 2

Cronologia

O quadro de referências é de natureza indicativa. Embora não previsto inicialmente, o conjunto de dados coletados ao longo da pesquisa e o freqüente choque de informações tornaram evidente a importância e conveniência de sua inclusão.

No entanto, para sua elaboração, foram estabelecidos alguns parâmetros para checagens de dados. A versão apresentada, porém, não inclui as fontes, em função da volume de páginas exigida e a difícil checagem.

- Para dados pessoais, adotou-se como fontes básicas registros oficiais, mantendo em segundo plano currículos ou documentos pessoais como cartas.
- Adotou-se como critério para confirmação de eventos a existência de matérias jornalísticas e documentos de difusão (convite, cartaz, boletim, anais, artigos).
- Note-se que havendo registro seguro incluiriam-se até mesmo palestras para pequenos grupos. A intenção visa permitir um futuro detalhamento da cronologia.
- As atividades como docentes, em sua maior parte realizadas em projetos temporários, são de difícil confirmação no momento pela imprecisão dos registros pessoais ou referências em artigos. Esta imprecisão nas menções feitas pelo próprio Flusser mantém-se como uma constante, quase num gesto fantasioso.
- Na falta de indicação específica, os eventos foram realizados na cidade de São Paulo.
- Dezenas de eventos não foram indicados por serem mencionados em cartas como atividades programadas, das quais não foram encontrados outros registros.
- A relação não inclui edições e re-edições posteriores à sua morte em 11.1991.
- Informações relativas a instituições com as quais Flusser manteve longo relacionamento foram agrupadas pelo ano inicial, sendo sinalizadas no conjunto pelo fundo cinza.

1920	- Nasce em Praga (Tchecoslováquia) no dia 12.05.1920, filho de Gustav e Melita Flusser.
1939	- Inicia estudos de filosofia na Karls-Universität (Universidade Carolíngia de Praga).
1939	- Emigra para Inglaterra após invasão alemã Em março daquele ano, teria saído de Praga para o exílio, logo após visita de Hitler à cidade. Migra para Londres/Inglaterra, sem a família, dizimada, acompanhando a família do futuro sogro, Gustav Barth.
1940	- Estadia em Londres (Inglaterra), onde chegara em 1939. Freqüenta por 2 semestres a London School of [Economics]
1940.08	- Migra para o Brasil[47]
1941.01	- Casa-se na cidade do Rio de Janeiro (RJ), com Edith Barth.
1943.06	- Nascimento do primeiro filho, Miguel Flusser, em São Paulo. O casal teve mais dois filhos: Dinah e Victor (1951).
Anos 50	- Dedica-se a atividades administrativas em empresa da família do sogro a IRB - Indústrias Radioeletrônicas do Brasil Ltda. Dedica-se paralelamente aos estudos da filosofia, de modo informal.
1950	- Naturalizado em 20.01.1950.
Anos 60	- Inicia reuniões semanais em casa - aulas para grupos

[47] Consta em várias fontes, inclusive material de divulgação de lançamentos, a data de 1941 como ano de chegada. Porém, na pasta ***Registro de empregados,*** da FAAP, consta como data de chegada ao Brasil: 30.08.1940, confirmada em depoimento de Edith Flusser em 30.11.98.

Anos 60	- Mantém reuniões com amigos aos sábados na residência à rua Salvador Mendonça n.76.
1960-1971	- Inicia colaboração regular na *Revista Brasileira de Filosofia*, editada pelo IBF - Instituto Brasileiro de Filosofia.
1961-1971	- Inicia colaboração regular no jornal *O Estado de S.Paulo*, no caderno *Suplemento Literário.*
1962.02	- Aceito como membro titular do IBF – Instituto Brasileiro de Filosofia, apresentando-se como co-editor da revista desde 1964. O expediente da publicação indica a primeira menção em 1969 como "colaborador efetivo", referência mantida até sua morte em 12.91. A partir de 1969 seria [diretor der conferências].
1963	- Curso *[Filosofia da Língua],* no IBF
1963	- Palestra [*Pensamento e reflexão*], na BMMA - Biblioteca Municipal Mário de Andrade, provavelmente como atividade do IBF.
1964	- Curso *Conceitos fundamentais do pensamento ocidental*
1964	- Coordenação de série de palestras, na qual participa com palestra *Teorias*.
1965	- Curso *Influência do pensamento existencial sobre a atualidade*
1969.05	- Simpósio sobre o tema *A experiência fílmica,* organizado por Vilém Flusser.
1963c.-1966c.	- Docente em *Teoria da máscara* na EAD-Escola de Arte Dramática
1963	- Edição do livro *Língua e realidade* (Herder).
1964	- Participação em simpósio sobre Guimarães Rosa, organizado pelo "prof. Bizarri", realizado no interior do estado de São Paulo.
1965/1970	- Seminários e conferências no ITA – Departamento de Humanidades

1965	- Palestras sobre Filosofia da Linguagem no ITA-Departamento de Humanidades (São José dos Campos)
1965	- Conferência sobre livro *Língua e realidade,* no Instituto Rio Branco (Rio de Janeiro).
1965	- Edição do livro *A história do Diabo* (Livraria Martins Editora).
1965c.	- Membro da Sociedade Brasileira de Cibernética.
1966c	- Curso livre em sua residência com alunos da Escola Politécnica-USP, interessado em complementação ao curso regular.
1966	- Inicia colaboração com o jornal *FRANKFURTER ALLGEMEINE ZEITUNG.*
1966-1967	- Emissário do governo brasileiro nos EUA e Europa para projetos de colaboração cultural, com patrocínio do Departamento de Cooperação Intelectual do Itamaraty. - Palestras como convidados em universidades européias e americanas
1966.09	- Itália, seguindo no final do mês para feira do livro em Frankfurt e depois Munique (Alemanha). Segue para Viena (Áustria).
1966.11/12	- Visita aos EUA.
1967.02	- Palestra *Language, Understanding and* Science, no evento *Boston Colloquium for the Philosophy of Science*, organizado pelo MIT, com colaboração de Harvard University. (A confirmar inclusão nesta programação).
1967-1968	- Docente em comunicação na Escola Superior de Cinema.
1967.10	- Palestra *Aspectos existenciais dos modelos,* na ESDI – Escola Superior de Desenho Industrial (Rio de Janeiro/RJ).
1967.10	- [Palestra] no Instituto de Educação Virgília Rodrigues Alves de Carvalho Pinto.
1967	- Edição do livro *Da religiosidade* (Comissão Estadual de Cultura).

1967-1973[48]	- Docente na FAAP
1967	- Docente na disciplina *Teoria e História da Cultura*
1967	- Conferência *Introdução [no] problema da comunicação,* dentro do ciclo de conferências organizado pelo Diretório Acadêmico de Humanidades e Comunicações.
1970	- Docente na disciplina *Introdução à lógica simbólica (da álgebra booleana a lógica simbólica)*, ministrada pelo assistente Alan Meyer.
1972c	- Docente na disciplina *Elementos de comunicação e Teoria da Comunicação*, com monitoria de Alan Meyer
1970	- Docente na disciplina *Introdução à lógica simbólica (da álgebra booleana a lógica simbólica)*, ministrada pelo assistente Alan Meyer.
1972c	- Docente na disciplina *Elementos de comunicação e Teoria da Comunicação*, com monitoria de Alan Meyer. Professor em *Teoria da comunicação,* tendo como assistente Gabriel Borba Filho.
1976	- Curso *A comunicação e a crise nas disciplinas*

1967-1971	- Docente na Escola Politécnica-USP, em disciplinas para o Departamento de Humanidades, com destaque para filosofia da ciência[49].

48 Na pasta ***Registro de empregados*, da FAAP**, consta ficha indicando como data de admissão: 01.04.1968, data de saída: 31.01.1984, por abandono de emprego. A mesma inclui referência a licenciamento a partir de 09.1973. Existe na mesma pasta memorando sem número, com carimbo de recebido em 10.01.1983, solicitanbo baixa da ficha de Vilém Flusser.
Existe referência ao ano de 1962 para início de atividade na FAAP, muito antes das ocorrências em outras fontes, como indica o texto da orelha do llivro *Filosofia da Caixa Preta* (1985). É muito provável que o texto tenha sido elaborado pela organizadora da edição Maria Lília Leão. Note também que a data de admissão nos registros da FAAP indica 04.1968, porém Flusser aparece já no relatório de 1967: *1967-Atividades Fundação Armando Ãlvares Penteado*. São Paulo: FAAP, [1968], p.24.

49 Foram adotados como parâmetros temporais os dados constantes em processos de contrato. Primeiro, o processo .67-1-15867-1-1, de 20.06.1967, para exercício da função de instrutor junto à disciplina 903 – *Filosofia e evolução da ciência*, curso obrigatório. Como contratado extranumerário, seu vínculo foi renovado continuamente. Em 1970, embora lotado na Politécnica, está vinculado a FFLCH, com auxiliar de ensino. O processo n.740/70, da FFLCH-USP, sobre prorrogação de contrato, de 25.06.1970, indica dois fatos: o não comparecimento a

1968.02	- [Palestra] *A arte vista a partir da teoria dos jogos*, no CCBEU – Centro Cultural Brasil-Estados Unidos, em Santos (SP).
1968.04	- [Palestras] no Centro de Estudos Scholla.
1968.04c.	- Palestra na ECA-USP – Escola de Comunicação e Artes, em série de eventos promovidos pelos alunos em greve.
1968.06	- [Palestra *Sentido da vida através da arte]* durante Semana Científica do curso colegial, no Colégio Santa Cruz.
1968.08	- Conferência *Comunicação e conflito entre gerações*, no Hospital Albert Einstein
1968.09	- Participação no *XIV Congresso Internacional de Filosofia*, em Viena (Áustria), na seção II – Teoria do conhecimento e da ciência, com o [ensaio] *Von Repertoire des Denkens*.
1968.10	- Conferência *O mundo nos pratos da balança*, evento organizado pelo Grupo Universitário Hebraico do Brasil, na rua Haddock Lobo n.313.

1969.09	- Conferência *Filosofia da Comunicação*, no *1.Ciclo de conferências sobre comunicações*, organizado pelo GINS – Grupo de Integração Cultural do Negro na Sociedade, realizado na CCAB – Casa da Cultura Afro-Brasileira.
1969.10	- *II Bienal de Ciência e Humanidades*, com comunicação sobre [aspectos filosóficos da automação].
1969.11	- Curso *Teoria da comunicação,* realizado no anfiteatro da Clínica Psiquiátrica do Hospital das Clínicas.
1969.11	- Conferência[s] *O homem e a revolução automatizadora*, realizada no Instituto Goethe (SP).
1969.11	- [palestra] *A metafísica implícita em Ortega Y Gasset*, na residência de Milton Vargas (SP)

FFLCH após sua transferência, embora aparentemente Flusser continuasse a atuar como professor (p.73, em registro datado de 07.06.1971) e a decisão tomada em 27.08.1971 pela direção do Departamento de Filosofia de não renovar o contrato (p.77).
Note-se que Flusser, como indicam várias comunicações neste último processo, não atende o artigo 19 do estatuto da USP, que determinava a exoneração automática do instrutor que dentro de quatro anos após sua nomeação ou admissão não tivesse obtido aprovação em curso de pós-graduação. Os extensos currículos anexados ao processo não indicavam os graus ou títulos acadêmicos, como consta à página 36 na informação datada de 11.06.1970, assinada por Gilda Mello e Souza, sobre objeções do departamento à prorrogação de contrato.

1970	- [Docente na disciplina *Filosofia da Educação* na Faculdade de Educação Campos Salles]
1970	- Convite da prof.Dra. Maria do Carmos Tavares de Miranda, catedrática da UFP, para participar como docente no programa de pós-graduação – doutoramento em Filosofia, a ser oferecido pela Universidade Federal de Pernambuco, onde realizaria curso de 30 aulas – *Filosofia da Linguagem.* Previsto para realização entre 1971 e 1972, não foi implementado por falta de verbas.
1970.02	- Conferência *Psicologia vista através da antropologia filosófica,* evento promovido pela Associação Paulista de Medicina.
1970.03c.	- Conferência *Antropologia*, na CIP – Congregação Israelita Paulista – Departamento Juvenil.
1970.08	- *I Seminário Nacional do Livro*, [organizado] pela Fundação Bienal de São Paulo. Abertura com comunicação *O livro em confronto com os demais meios de comunicação,* da mesa composta por Mário Barata, Eduardo Peñuela Cañizal, Anatol Rosenfeld e Roberto Civita[50]. Evento paralelo a *I Bienal Internacional do Livro*.
1970.10	- [Palestra] na Faculdade de Direito, em Sorocaba (SP).
1970.11	- Homenageado no Instituto Superior de Administração Hospitalar, pelos formandos.
1970.12	- Conferência [*O espírito do tempo nas artes plásticas*], no MAM – Museu de Arte Moderna.
1970c.	- Série de palestras na Academia Paulista de Letras.

1971/1972	- Conferências *O novo homem* (local não determinado)
1971.09	- *Mesa redonda Internacional de Críticos de Arte*, presidida por René Berger, evento paralelo a *XI Bienal Internacional de São Paulo.*

1972.01	- Inicia coluna diária *Posto Zero* no jornal *Folha de S.Paulo,* de janeiro a abril.
1972.03	- Convite de Francisco Matarazzo Sobrinho para integrar assessoria cuja função era definir o “projeto de regulamento”da *XII Bienal*, bem como da edição nacional do evento.
1972	- Projeto de programa de televisão, com Gabriel Borba Filho, apresentado a TV Cultura, não realizado.

[50] Em outra fonte, constam da mesa: Mário Barata, Francisco Luís de Almeida Salles, Anatol Rosenfeld, Walter George Durst, Nilo Scalzo e Roberto Civita. Trata-se provavelmente da formação original da mesa.

1972	- Membro do comitê organizador do *VIII Congresso Interamericano de Filosofia*, organizado pelo IBF, em Brasília (DF).
1972	- Retorna a Europa, primeiro a Itália, onde permanece até 1973, transferindo-se para Provence (França) desde 1975/1976, em especial Robion (1982)
[1972.10]	- Palestra *La communication dans les pays sous-developpes*, no Centre Albert Magnus (Paris/França), em evento coordenado por Fred Forest.
1972	- Edição do livro *La Force du Quotidien* (Paris: Mame).
1972.11	- Mesa redonda *Art and Communications*, no Institut de L'Environment, em Paris (França). Participa com tema *Le role de l'art dans une rupture culturelle.*

1973.05	- Mesa redonda *Technologies et Imaginaire*, no Institut de L'Environment, em Paris (França).
1973.05	- Conferência na Universidade de Marselha (França).
1973 (ou 1976)	- Curso de extensão cultural, na FAAP – FACOM – Faculdade de Comunicação - *O fenômeno surpreendente da comunicação e a crise em disciplinas humanísticas.*
1973.11	- *XII Bienal Internacional de São Paulo* – suporte ao segmento de videoarte.

1974.11	- Evento *Open circuits: an international conference on the future of television*, realizado no MOMA (Nova York/EUA).
[1974]	- Edição do livro *Le Monde codifié* (Paris: Institut de l'Environment).

1976	- Inicia colaboração, que continuaria até 1990, com a École D'Architecture Université Marseille[51], apresentando-se como coordenador do Departamento de Comunicação.
1976.08	- Ciclo de conferências *Manifestações da crise existencial atual,* realizado no Instituto Goethe.

[51] Esta referência é regular a partir desta data, embora não possa ser confirmada. Note que as referências a atividades acadêmicas em revistas internacionais são regularmente apresentadas de forma curiosa – professor de teoria na comunicação na USP, Embora esta atividade nunca tenha sido exercida, elas foram mantidas ao longo de anos. Conivência do autor? Veja por exemplo, a ocorrência também no Brasil em artigo: Em 73 a Bienal muda sua imagem. *OESP,* 10.09.72, p.9, que o apresenta como "professor de Teoria da Comunicação e Comunicação Estética da USP".

1976.08	- Palestras *Transformações no ensino das ciências humanas*, no MAC-USP.
1976.09	- Palestras *Reencontro entre a ciência e arte*, na BMMA.

1977	- [Palestra] *Der Einbruch der Techno-imagination*, na École de Sociologie Interrogative (Paris/França).
1977.02	- [Palestra] sobre espaços públicos, em Marselha (França).
1977.08	- Ciclo de conferências *Mundo codificado*, no Instituto Goethe.
1977.09	- Ciclo de conferências *Estruturas de comunicação*, no MAC-USP – Museu de Arte e Comunicação.

1978.08	- Participação no seminário *Leitura da imagem*, no Ministére de la Culture et de la Communication (Paris, França), com ensaio *[Iconoclastia]*.
1978	- Edição do livro *Orthonature Paranature*. ([França], Institut Scientifique de Recherche Paranaturaliste).
1978	- Edição do livro *Natural: mente* (Duas Cidades).

1979.08	- Ciclo de conferências *A comunicação didática*, no CENAFOR – Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para a Formação Profissional.
1979.08	- Ciclo de conferências *Aspectos da sociedade pós-industrial*, na Áster.
1979.08	- Participação em debate sobre colagem, na USP, organizado por Sérgio Cláudio de Franceschi Lima.
1979.09	- [Palestra] *O ato de fotografar*, na ACM – Associação Cristã de Moços.
1979.11	- [Palestras] sobre judaísmo, no Instituto Goethe.
1979	- [Palestra] sobre judaísmo, no IBF – Instituto Brasileiro de Filosofia. (após 09.79)
1979	- [Palestra] sobre ensino audiovisual, no SENAI, em evento conjunto com TV Cultura. (após 09.79)
1979	- [Palestra] *Percepção do mundo através do alfabeto,* no NEPP – Núcleo de Estudos Psicológicos e Psiquiátricos.
Anos 70	- [Diretor de cursos da Maison de Culture, em Aix-em-Provence (França)]

Anos 80	- Em meados da década, já estabelecido em Robion (França) passa boa parte do ano em viagens para participação em palestras. Visita regularmente o Brasil.

1980	- Membro da Escola de Sociologia Interrogativa, em Paris (França)
1980	- Membro do Instituto do Ambiente, em Paris (França)
1980.04	- Palestra sobre pós-indústria, na Universidade Hebraica de Jerusalém.[52]
1980.06	- Participação no *5. Simpósio Internacional O crítico e a fotografia*, com [palestra] sobre crítica de fotografia, realizado no Museu de Arte Moderna, de Viena (Áustria).
1980.08	- [Palestras] *Fenomenologia do cotidiano e a sociedade industrial*, na Casa de Cultura de Israel.
1980.08	- Palestra na disciplina ministrada por Gabriel Borba Filho, na ECA-USP – Escola de Comunicação e Artes.
1980.[08]	- *Encontro com leitores*, na Livraria Informática, organizado por José de Souza Pinto.

1981.11	- *XVI Bienal Internacional de São Paulo* – Ciclo de conferências *Imagem-tecno-imagens*
1981.11	- Conferências na Galeria Paulo Figueiredo sobre arte.
1981.11	- [Palestra] *Três níveis da consciência brasileira*, na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

1982	- Participação no *6. Internationalen Symposium der Sammlung Fotografis Länderbank*, com palestra *Das Objekt (in seiner ursprünglichen Bedeutung als Gegen-Stand, Gegen-Wurf) wird in der Kultur der Zukunft keine Rolle mehr spielen; an seine Stelle wird die Information treten* (local não determinado)
1982.02	- Participação em colóquio internacional no ICP – International Center of Photography (New York/EUA), com comunicação em mesa redonda com tema *Projetando o futuro*.
1982.04	- Mesa redonda *Arte e tecnologia* no Centre National de la Recherche Scientifique (Marselha/França).
1982.12	- Evento sobre “futuro da cultura”, realizado na França (não determinado).

[52] Em outra fonte, surge também palestra sobre “imagem/texto”no mesmo local em 05.80.

1982c.	- [Docente] na École Nationale de la Photographie, em Arles (França)

1983	- Edição do livro *Für einen Philosophie der Fotografie* (Göttingen: European Photography).
1983	- Palestras no CENAFOR, orientada para professores (evento não determinado).
1983.07	- Participação no evento *Culture et Information,* organizado por Richard Hill, em Villeneuve (França).
1983.07	- Participação em *Rencontres Internationales de la Photographie d'Arles* (França), com palestra *Comment ne pás être avale par la boite noire?*
1983	- Edição do livro *Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar* (Duas Cidades).
1983.08	- Ciclo de palestras *Flusser em SP*, mesas-redondas realizadas no MASP, em paralelo ao lançamento de *Pós-História.*
1983.10	- Participação, não programada, no *VI Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, organizado pela Intercom em Bertioga (SP).
1983.11	- Participação em mesa-redonda sobre livro *Für eine Philosophie der Fotografie*, na Universidade de Hamburgo, organizada pela Deutsche Gesellschaft für Photographie.

1984	- Edição do livro *Towards a Philosophy of Photography* (Göttingen: European Photography), versão em inglês de *Für einen Philosophie der Fotografie.*
1984 ??	- Edição do livro *Ins Universum der technischen Bilder* (Göttingen: European Photography)
1984.01	- Conferências em Arles (França), na École Nationale de la Photographie
1984.01c	- Palestra *Image et text*, no Institut Culturel Français, em Nápoles (Itália), organizada pela Philosophical Society.
1984.04	- Participação no evento *Photographic Springtime,* em Barcelona (Espanha), com a palestra [*O Mediterrâneo e a imagem*].
1984.07	- Consultor para o evento *Le Vivant et l'artificiel*, integrante do Festival de Avignon.
1984.08	- Participação em seminário sobre kitsch realizado na Baviera (Alemanha).
1984.11	- Participação como jurado em vídeo no FESTRIO – I Festival de Cinema, Televisão e Vídeo

1985.05	- Participação no *II Seminário Internacional Kornhaus*, em Weiler ([Alemanha]), com o texto *Apátridas e patriotas.*
1985.10	- Palestras na *XVIII Bienal Internacional de São Paulo*, com o tema *Arte, artesanato, artefato.*
1985.10	- Edição do livro *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. (Hucitec), versão brasileira, revisada, de *Für einen Philosophie der Fotografie.*
1985.10	- Ciclo de palestras no CCSP – Centro Cultural São Paulo, marcando lançamento do livro *Filosofia da caixa preta*.
1985	- Palestra *Die Stadt der Erstinkenden*, na Schweizer Hörfunk ([Suíça])

1986-1991	- Inicia colaboração regular com a revista norte-americana *Artforum,* na qual mantém a coluna *Curie´s Children* até 1991.
1986.01	- Palestra *Philosophie der fotografischen Geste*, na Staatiche Hochschule für Bildende Künste, em Frankfurt (Alemanha).

1987	- Edição do livro *For fotografiets filosofi* (Horten: Preus Fotomuseum), versão norueguesa de *Für einen Philosophie der Fotografie.*
1987	- Edição, com Louis Bec, do livro *Vampyroteuthis Infernalis: eine Abhandlung samt Befund des Institut scientifique de recherche paranaturaliste*. (Göttingen: Immatriz Publications).
1987.02	- Participação no *2.Seminário Latino-Americano sobre alternativas de ensino da História da Ciência e da Tecnologia,* com palestra *Zona cinzenta entre ciências, técnica e arte.*
1987.05	- Edição do livro *Per una filosofia della fotografia* (Torino: Agora), versão italiana de *Für einen Philosophie der Fotografie.* Lançamento durante evento no Instituto Internazionale di Fenomenologia delle Immagini Fotografiche.
1987.11	- Seminário sobre livro *Der Schrift*, em Falkestein (Alemanha), organizado pelo governo de Hessen.

1988	- Edição do livro *En filosofi för fotografin* (Götenborg: Bokförlaget Korpen), versão sueca de *Für einen Philosophie der Fotografie.*
1988	- Edição do livro *Krise der Linearität*. (Bern: Benteli Verlag).

1988.01	- Participação no colóquio *Image et création*, realizado em Toulon (França), com o texto Les Corps et la Photo
1988.08	- Vídeo palestra para projeto *Casa da Cor*, organizado por Jorge Felipe Henry.
1988.09	- Participação no seminário *Philosophien der neuen Technologien*, Linz (Áustria), com texto Gedächtnisse, no evento *Ars Electronica Festival*.
1988.09	- Participação no *Internationalen Forum Für Gestaltung Ulm* (IFG), em [Ulm] (Alemanha).

1989	- Edição do livro *Angenommen: eine Szenenfolge* (Göttingen: Edition Immatrix).
1989	- Inicia colaboração regular com a revista alemã *Design Report,* até 1991.
1989.08	- Participação na segunda fase do evento *Casa da Cor*, realizada no Centro do Professorado Paulista, com o texto *A procura de um código de cores.*

1990	- Edição do livro *Nachgeschichten: Essays, Vortrage*, *Glossen* (Düsseldorf: Bollmann).
1990	- Edição do livro *Bir fotograf Felsefesine dogru* (Istambul: Agac), versão turca de *Für einen Philosophie der Fotografie.*
1990	- Edição do livro *A fotográfia filozófiája* (Budapest: Tartóshullám), versão húngara de *Für einen Philosophie der Fotografie.*
1990	- Edição do livro *Hacia una filosofia de la fotografia* (México City: Trillas), versão mexicana de *Für einen Philosophie der Fotografie.*
1990	- Participação no simpósio *The role of TV in the Rumanian Revolution.*
1990.10	- Conferência inaugural no evento *Steirischen Herbstes*, realizado em Graz (Áustria).

1991	- Edição do livro *Gesten: Versuch einer Phänomenologie*. (Dusseldorf: Bollmann).
1991.03	- Palestra na Wiener Rathaus sobre o texto *Ende der Geschichte, Ende der Stadt.*
1991.06	- [Palestra] na Ruhr-Universität Bochum (Alemanha)
1991.11	- Participácão no congresso suíço do Forum GDI, sobre o tema *¿Adónde a ido parar la sociedad de la informáciion?,* com o texto *Verbündelung oder Vernetzung?*

1991.11 - Participação no congresso CULTEC-Kultur und Technik im 21 Jahrhundert Wissenschaftszentrums Nordrhen-Westfalen, em Essen (Alemanha), com a palestra *Die Informationsgesellschaft. Phantom oder Realität*

1991.11 - Palestra no Goethe Institut em Praga (Tchecoslováquia).

1991.11. - Morre em acidente de automóvel na proximidade de Praga em 27.11.91